Moshe Chaim Luzzatto

מסילת ישרים

O Caminho dos Justos





CLÁSSICOS

מסילת ישרים

O Caminho dos Justos

Moshe Chaim Luzzatto

Tradução: Sergio M. Cernéa

OR ISRAEL COLLEGE
ישיבת אור ישראל

editora & livraria SÊFER

CLÁSSICOS



O Caminho dos Justos

ISBN 978-85-7931-038-6

A tradução desta obra está baseada no livro
THE PATH OF THE JUST – Copyright © 1966, 1990 by Boys Town Jerusalem and Yaacov Feldheim

Versão Eletrônica

©2012 - Todos os direitos reservados à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Produção: **LCT Informática Editorial**

Versão Impressa

©2002 - Todos os direitos em língua portuguesa reservados à
EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA.
Alameda Barros, 735
CEP 01232-001 — São Paulo - SP — Brasil
Tel. 11 3826-1366 Fax 11 3826-4508
sefer@sefer.com.br
Livraria Virtual: **www.sefer.com.br**

Em parceria com
OR ISRAEL COLLEGE
Rua Gal. Fernando Albuquerque, 1011 Cotia SP Brasil
Tel.: 4612-2450

Tradução **Sergio M. Cernéa**
Edição Final **David Gorodovits e Rabino Raphael Shammah**
Revisão **Alexandre da Cunha Santos**
Editoração Eletrônica **Editora Sêfer**
Projeto Gráfico e Capa **Dagui Design**

Nota:
Nesta obra, as citações da Torá foram extraídas do livro TORÁ – A LEI MOISÉS,
do Rabino Meir Matzliah Melamed (Editora Sêfer, 2001);
dos Salmos, do livro Salmos - com tradução e transliteração,
de David Gorodovits, Vitor Fridlin e Jairo Fridlin (Editora Sêfer, 1999)

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a autorização expressa da Editora e Livraria Sêfer Ltda.

Prefácio à Edição Brasileira

O Rabino Moshe Chaim Luzzatto, o **Ramchal**, assim conhecido por suas iniciais em hebraico, foi uma das figuras mais extraordinárias da nossa história. Nascido em Pádua, na Itália, em 1707, revelou ainda criança sua verdadeira genialidade no estudo da Torá. Aos 11 anos de idade, já dominava totalmente o Talmud e, aos 14, escreveu o livro *"Lashon Limudim"*. Também muito jovem, exatamente aos 13 anos, mergulhou no estudo da Cabalá a partir das obras do Ari Z"L, e seu talento fez com que se tornasse um dos grandes cabalistas de todos os tempos.

Como havia ocorrido séculos antes com Maimônides, também o Ramchal foi um dos eruditos mais polêmicos e discutidos de sua geração. Sua extrema capacidade, especialmente no campo do misticismo judaico, chegou a levantar desconfiança entre os estudiosos, pois vivia-se a época posterior à dos falsos messias – Reuveni na Itália e Shabtai Tsvi na Europa Oriental – e as desastrosas deturpações espirituais que produziram ainda traziam à tona a profunda cautela da comunidade rabínica.

O Ramchal integrava o grupo erudito "*Mevakshei Hashem*", de Pádua, que dedicava-se ao serviço Divino e ao estudo da Cabalá. Neste ambiente estimulante, escreveu livros não só defendendo o estudo do misticismo judaico mas, também, obras como "*Adir Bamarom*" e "*Daat Tevunot*", que abordam os mistérios da Providência Divina, da salvação e dos *Meshichim*. A natureza inovadora e rica de seu trabalho levou outro membro do grupo a mencioná-lo, talvez de modo algo descuidado, em uma carta enviada a um sábio de Vilna, o Rabino Mordechai Yafe. O Rabino Moshe Haguiz, de Altuna, outro famoso sábio da época escreveu aos sábios de Veneza, exigindo que acabassem com os "perigosos" Mevakshei Hashem e, também, aos rabinos de Ancona, para que investigassem o Ramchal "da cabeça aos pés", pois havia sido informado de que ele, o Ramchal, receberia mensagens de um *Maguid* (anjo) que, por sua vez, lhe revelaria segredos místicos.

As cartas fizeram com que os líderes religiosos italianos se dirigissem ao mestre do Ramchal, o Rabino Yaacob Bassan, pedindo-lhe que limitasse as atividades de seu jovem e brilhante discípulo. Em consequência, o Rabino Moshe Chaim Luzzatto foi obrigado a

assinar um documento permitindo que seus trabalhos fossem escondidos e comprometendo-se a "parar de estudar com o *Maguid*.

Não foi o bastante. As sanções da comunidade rabínica local contra o Ramchal continuaram até tornarem-no objeto de um *Cherem*, ou carta de excomunhão. Nesta situação dolorosa e injusta, ele deixou Pádua e seguiu para Amsterdã, esperando encontrar um ambiente receptivo às suas ideias e ao seu trabalho. Apenas mais tarde se tornaria claro que o alto rabinato da Itália e de alguns outros países europeus havia se deixado tomar pelo medo frente à postura inovadora do Ramchal, e que, na verdade, era um ilustre estudioso que viria a iluminar o caminho de gerações futuras.

Dentro do contexto religioso da época, não é impossível compreender-se as razões que determinaram intolerância e medidas extremadas contra o Ramchal. O risco da difusão de um misticismo pernicioso supostamente "judaico" ainda tumultuavam os meios rabínicos. Mas, com o tempo, a verdade emergiu mais forte do que nunca, e o Ramchal foi consagrado como um dos sábios mais importantes de todas as gerações. Seus livros são tratados até hoje como fontes de referência no estudo da nossa Torá.

Como muitos dos líderes da nossa história, o Ramchal acalentava o sonho de morar na Terra de Israel, para poder se aproximar ainda mais de Deus. E assim fez, indo morar na cidade de Aco. Porém, três anos depois de sua chegada, faleceu precocemente aos 39 anos de idade, sendo enterrado na cidade de Tiberíades, ao lado do túmulo de Rabi Akiva.

Críticas aos Sábios da sua Geração

Ao mesmo tempo em que se defendia com humildade (em carta ao seu mestre, o Rabino Yaacov Bassan) das acusações feitas contra sua pessoa e seus objetos de estudo, o Ramchal avaliava a situação espiritual de sua geração. Dizia que os homens se dedicavam ao estudo , mas não à essência da vida. Mesmo os mais religiosos e sábios não procurariam a verdadeira integridade e a profunda devoção a Deus. Mas, em vez de simplesmente criticar e atacar, respondeu aos seus antagonistas escrevendo o magistral "*Messilat Iesharim*", em português "O Caminho dos Justos".

Sobre o Livro

Ramchal escreveu "*Messilat Iesharim*" aos 33 anos de idade. Trata-se de um programa de vida dividido em etapas, dirigido aos que aspiram aprofundar sua devoção a Deus da forma mais pura. O livro foi aceito com o mesmo entusiasmo por religiosos ashkenazitas – inclusive os Chassidim – e sefaraditas.

O livro aborda todos os passos do homem ao longo da trilha que conduz a Deus, sem deter-se em considerações filosóficas ligadas à Divindade, tão comuns nas obras de estudiosos da Idade Média. Com rara sabedoria, porém, o Ramchal inclui tais considerações nas entrelinhas das descrições dos meios para se alcançar o aperfeiçoamento espiritual.

"O Caminho dos Justos" baseia-se no ensinamento do tanaíta Rabi Pinchas ben Iair, segundo o qual "O estudo da Torá leva à precaução; a precaução leva à presteza; a presteza leva à integridade... a santidade leva à inspiração Divina, e a inspiração Divina leva à ressurreição dos mortos". O ensinamento começa falando de virtudes morais e termina com uma afirmação de caráter místico. Mas o Ramchal deixou a mística explícita fora deste livro, talvez devido à pressão que sofrera ainda em Pádua, talvez nos mostrando que, antes de se aproximar do universo do misticismo judaico, o homem já deve ter atingido o ponto máximo de seu aperfeiçoamento ético e moral. (Os Rabinos Iehuram, de Mir, e Yits'chac Hutner, eruditos da geração passada, afirmam, no entanto, que conceitos da Cabalá fazem parte de *Messilat Iesharim*, ainda que de maneira não explícita.)

O livro agrega referências das mais variadas fontes de nossa tradição, como o *Talmud* e o *Midrash*. É clara também a influência dos escritos de Maimônides em diversos conceitos, ideias e até em alguns termos utilizados pelo Ramchal. São famosas as palavras do Gaón de Vilna: "Se o Ramchal estivesse vivo , iria a pé visitá-lo e dele aprender o *Mussar* e a aquisição das virtudes". Segundo o Gaón, que ao ler "*Adir Bamaron*" vestiu roupas festivas e afirmou que o Ramchal havia entendido a verdadeira profundidade dos escritos de Ari Z"L, "*Messilat Iesharim*" seria o melhor dos livros do *Mussar*, sem conter sequer "uma única palavra supérflua".

Referências honrosas não faltam ao livro. Conta-se que o Rabino Chaim de Volojin, fundador da famosa *Yeshivá*, ao despedir-se de seu aluno, o Rabino Zundel, de Salant,

disse-lhe: "*Messilat Iesharim* deve ser sua bússola". O Rabino Israel de Salant, aluno do Rabino Zundel e precursor do movimento do *Mussar*, encontrou no livro um dos alicerces básicos de sua doutrina.

Várias ideias e abordagens de "*Messilat Iesharim*" foram mais tarde desenvolvidas por importantes líderes chassídicos. O *Maguid* de Koznitz, autor do livro *Avodát Israel*; o Rabino Menachem Mendel, de Riminov, e o o Rabino Ohev Israel, de Apt, viram o livro como um valioso guia para a busca da perfeição do caráter e da alma. Empolgação semelhante foi demonstrada pelo Rabino Tsvi Elimelech, de Dinov, um dos grandes nomes do Chassidismo e autor do livro Bne Issasschar.

A Versão Atual

A primeira versão de *"Messilat Iesharim"* foi publicada sob a forma de um diálogo entre um sábio e um *Tsadic*, uma discussão sobre o caminho que leva à verdade. A inspiração veio de outros livros do Ramchal, nos quais ele lançou mão do mesmo recurso de perguntas e respostas. Em busca de maior fluência e melhor compreensão dos temas abordados, a edição atual, escrita dois anos depois, foi dividida em capítulos, cada um deles contendo as etapas, ou os "degraus que levam à elevação espiritual" originalmente sugeridos pelo autor.

A forma original ficou desconhecida durante 240 anos mas pode-se notar claramente o paralelo entre os dois textos.

Sobre o Conteúdo

É necessário frisar que este é um livro de estudo e não de leitura. E, como o próprio autor nos lembra na introdução original, o proveito virá após leituras e revisões sucessivas. É supérfluo dizer que o "*Messilat lesharim*" é um manual prático de moral e ética judaica, destinado a modificar nossa maneira de pensar e de agir, sempre com o objetivo de nos aperfeiçoar espiritualmente.

É importante também ter em mente que os níveis – ou "degraus" – mais elevados da escala espiritual podem não ser aplicáveis a todas as pessoas. O leitor observará que, no início do capítulo 13, o Ramchal nos diz: "Até aqui escrevi o necessário para o justo. Daqui em diante escreverei para o *Chassid* (aquele que vai além da obrigação). Em síntese, a primeira parte do livro trata do que é exigido de cada um de nós. A segunda parte dirige-se aqueles que querem elevar-se ainda mais e conhecer uma maior aproximação com Deus.

Embora o livro descreva vários degraus, ou etapas, não devemos aguardar a consolidação de cada uma delas dentro de nós para lermos a seguinte. A razão é tão bela quanto verdadeira: por estarmos constantemente galgando os degraus da escada das virtudes em busca de nosso aperfeiçoamento espiritual, é possível nos encontrarmos simultaneamente em mais de um degrau, graças à capacidade abrangente e dinâmica da nossa alma que busca um contato mais amplo e profundo com Deus. Por outro lado, abrindo mão de qualquer postura que se assemelhe a julgamento, é essencial descobrirmos e aceitarmos até onde podemos chegar – inclusive para que os capítulos iniciais, os primeiros passos, sejam realmente apreendidos em toda sua seriedade.

Sobre esta Tradução

Toda tradução é uma arte e, como toda arte, é um trabalho árduo. Isto torna-se duplamente verdadeiro quando o livro em questão é um livro como "*Messilat Iesharim*", elaborado a partir de ideias profundas e enriquecido por citações e menções a fontes que, supostamente, são familiares ao leitor – o que nem sempre corresponde à realidade.

Por isto, a tradução original foi revisada e adaptada de forma a chegar ao coração e ao intelecto do maior número possível de leitores, inclusive aqueles que desconhecem o *Talmud* e o *Midrash*. É desnecessário ressaltar que a fidelidade ao texto do Ramchal foi mantida no sentido mais estrito do termo. Houve momentos, porém, nos quais a ordem das palavras de uma sentença, por exemplo, teve que ser mudada em nome das características de nosso idioma. Mas procuramos sempre identificar a verdadeira intenção de cada termo usado pelo autor. Esperamos sinceramente ter conseguido.

Em muitas passagens, chegamos a comparar nossa tradução com o trabalho do Rabino Chaim Passy (de cuja tradução integral só tomamos conhecimento após a finalização desta edição), feito em homenagem às almas de Chaim ben Shemuel (Passy) Z"L, Frida bat Hava (Passy) Z"L e Iehuda ben Iossef (Kalili Boukai) Z"L. Agradecemos imensamente sua colaboração.

Apesar de todos os cuidados, porém, é possível que a tradução, feita do inglês, contenha palavras ou trechos que levem a interpretações não exatas. Diversas revisões e comparações foram realizadas mas, mesmo assim, talvez tenham ocorrido pequenos enganos. Por eles, nos desculpamos antecipadamente perante o leitor.

Esperamos que o estudo de todos aqueles que se aprofundarem neste livro traga a paz e a calma na Terra de Israel, e o fim das feridas do povo de Israel , com a época da Salvação em breve, em nossos dias. Amén.

Nissan 5762.

Rabino Raphael Shammah

Introdução do Autor

Afirma o autor: Não escrevi este livro para ensinar algo novo, mas sim para lembrar assuntos já conhecidos e até evidentes para a maioria das pessoas e que nem sequer despertam dúvidas. Mas, por serem do conhecimento de todos, seu esquecimento ou negligência é bastante frequente. Portanto, os benefícios a serem extraídos desta obra não advêm de uma simples leitura pois, ao terminá-la, é possível que o leitor conclua pouco ter aprendido. Seus benefícios virão, porém, de sua revisão e de seu estudo persistente, através do qual ser-lhe-ão lembrados temas que, por sua natureza, as pessoas costumam esquecer e o farão ter em mente deveres dos quais tende a descuidar.

Uma análise das atitudes comportamentais mostrará que a maioria das pessoas dotadas de elevada inteligência e mente perspicaz direciona seus pensamentos, preferencialmente, para sutilezas do conhecimento e análises especulativas sobre temas que estejam no âmbito de seu interesse natural. Alguns voltam todo seu empenho para o estudo da criação e da natureza. Outros dedicam sua atenção à astronomia e à matemática, enquanto outros ainda têm interesse nas artes. Existem também aqueles que procuram se aprofundar nos estudos de questões sagradas, no estudo da Torá, alguns se ocupando de discussões Haláchicas; outros com *Midrash* e outros com questões jurídicas. Há muito poucos, entretanto, que dedicam seu pensamento e seu estudo para o aperfeiçoamento do serviço Divino – ao amor e temor do Eterno, sua ligação pessoal com Ele e todos os demais aspectos da elevação espiritual. Isto, não por considerarem tal conhecimento desnecessário; se questionados a respeito, todos sustentarão que se trata de assunto de tal importância que não poderá ser considerado verdadeiramente sábio quem não estiver adequada e claramente versado naqueles conhecimentos.

A falha em não dedicar mais atenção a este tema provém do fato de lhes parecer tudo tão evidente e óbvio que não vêem necessidade de desperdiçar mais tempo com tais questões. Resulta daí que o estudo e a leitura de trabalhos desta natureza têm sido relegados àqueles considerados menos esclarecidos e até possuidores de uma inteligência um tanto quanto limitada. Só estes últimos poderão ser vistos imersos, constantemente, no estudo da santidade.

Em função disto, aqueles que mantém uma conduta santificada são, muitas vezes, consideradas pessoas ignorantes. Tais circunstâncias acarretam péssimas consequências, tanto àqueles que são dotados de sabedoria como àqueles que dela são desprovidos, causando a ambos uma carência da verdadeira santidade, tornando-a extremamente rara. Ela falta aos espertos devido à sua limitada consideração, e aos tolos, em razão de sua limitada compreensão. O resultado é que a santidade é interpretada pela maioria como o hábito da recitação contínua de Salmos, longas confissões, penosos jejuns e banhos purificadores em gelo e neve – sendo todos estes procedimentos incompatíveis com o raciocínio lógico e difíceis de ser aceitos como um comportamento normal.

A Necessidade do Estudo

Na verdade, a santidade desejável não pode ser facilmente conceituada por nós, em consequência de não nos preocuparmos com este tema nem concedermo-lhe lugar em nossa mente. Embora os princípios e fundamentos da santidade estejam implantados no coração de cada pessoa, se ela não se aprofundar neles e estudá-los cuidadosamente, experimentará e testemunhará detalhes de santidade sem reconhecê-los e os passará por eles sem perceber. Os sentimentos de santidade, temor e amor a Deus e a pureza de coração não estão enraizados na pessoa de forma natural a tal ponto que não necessite esforços para adquiri-los.

Neste sentido, eles diferem de reações naturais, tais como dormir e despertar, sentir fome e saciedade, por exemplo, que estão inculcadas na natureza da pessoa, e o fazem usar os vários métodos e dispositivos necessários para satisfazê-las. Além disto, não faltam impedimentos e obstáculos que afastem a santidade da pessoa; mas, em contrapartida, não faltam maneiras pelas quais tais empecilhos possam ser mantidos à distância. Como se pode, então, conceber não ser necessário aplicar tempo (de estudo e análise) para conhecer as maneiras pelas quais estes sentimentos podem ser desenvolvidos e incorporados a nossa realidade? Como pode esta sabedoria penetrar no coração de uma pessoa se ela não a procurar? E, como a sabedoria de qualquer pessoa reconhece a necessidade de perfeição, pureza e apuro no serviço Divino, qualidades sem as quais ele se torna não somente inaceitável, mas até mesmo repulsivo e desprezível – pois "Deus prospecta todos os corações e compreende a inclinação de nossos pensamentos" (1 Crônicas 28:9), – o que responderemos no dia do julgamento se fraquejarmos neste estudo e deixarmos de cumprir a essência do que o Eterno, nosso Deus, espera de nós? Seria adequado que a nossa inteligência se dedicasse somente a especulações que não nos beneficiam, argumentações infrutíferas, leis que, para nós, não têm utilidade alguma, enquanto relegamos a cumprir apenas por hábito, de forma puramente mecânica, a demonstração de nossa gratidão pelo débito imenso que temos para com nosso Criador? Se não nos aprofundarmos e analisarmos as questões sobre o que constitui, de fato, o temor a Deus e suas derivações, como será possível consegui-lo e como poderemos escapar das futilidades terrenas que levam nosso coração a esquecê-lo? Não seriam facilmente esquecidas mesmo se reconhecessemos sua importância?

Também quanto ao amor a Deus – se não dedicarmos esforços para implantá-lo em nosso coração, lançando mão de todos os meios que para ele nos possam direcionar, como pretender que exista em nós? Como ele poderá penetrar no âmago de nossa alma, voltando-a com ardor em direção ao Santíssimo, bendito seja, e em direção à Sua Torá, se não nos conscientizarmos de Sua Grandiosidade e Majestade? Como poderão os nossos pensamentos ser purificados, se não nos esforçarmos para resgatá-los das imperfeições neles incutidas pela natureza física? O que dizer, então, acerca das virtudes de caráter, tão carentes de correção e aperfeiçoamento? Se a elas não nos dedicarmos com empenho e se não as sujeitarmos a rigorosa análise, quem poderá corrigi-las? Se tivéssemos analisado honestamente esta questão, não teríamos percebido a verdade e, assim, trazido benefícios para nós e para aqueles a quem instruíssemos sobre ela? Como dizia Salomão (Provérbios 2:4): "Se você o buscar como quem busca a prata e o procurar como quem procura um tesouro, então você compreenderá o temor a Deus". Ele não diz que "então você compreenderá a filosofia"; ou "então você compreenderá a medicina, a astronomia ou o direito legal". Percebemos, então, que para que o temor a Deus seja compreendido, ele deve ser buscado tal como a prata, ou procurado como um tesouro. Isto faz parte de nossa herança e, em princípio, é aceito por cada pessoa devota.

Repito: será concebível encontrarmos tempo para o estudo de todos os assuntos, menos para este? Não poderíamos reservar ao menos algum tempo para a ele nos dedicarmos, embora obrigados a conceder maiores espaços para outros estudos ou tarefas? Nas Escrituras (Jó 28:28) está escrito: "Eis que (*Hen*) o temor a Deus é a sabedoria". Os nossos Sábios, de abençoada memória, comentam (*Shabat* 31b): "A palavra '*Hen*' significa 'um', 'único', e é proveniente do Grego". Isto nos transmite a ideia de que o temor a Deus é uma manifestação singular de sabedoria. Entretanto, não pode ser considerado como sabedoria algo que não esteja vinculado a análises e estudos.

Portanto, compreendemos que estas questões requerem profunda análise, caso queiram ser verdadeiramente entendidas, e não apenas percebidas através da imaginação ou de suposições enganosas, principalmente se quisermos adquirir e reter este conhecimento. Ao ponderar sobre este tema, percebemos que a santidade não está ligada a noções simplistas, mas sim à perfeição verdadeira e à sabedoria profunda. É isto que Moisés, nosso mestre, que a paz esteja com ele, nos ensina ao dizer (Deuteronômio 10:12): "E agora, ó Israel, o que pede de ti o Eterno, teu Deus? Senão que O temas, que andes por Seus caminhos, ames e O sirvas, com todo o teu coração e com toda a tua alma; que

guardes Seus mandamentos e Seus estatutos...". Nesta frase se encontram todos os aspectos da perfeição no serviço Divino, realmente apropriados em relação ao Santíssimo, louvado seja. Ou seja: temer a Deus, caminhar por Seus caminhos, dedicar-lhe amor e devoção e cumprir Seus mandamentos (*Mitsvót*).

O "temor a Deus" denota o temor à Majestade do Santíssimo; temê-Lo como temer-se-ia um poderoso rei, anulando-se a cada momento ante Sua grandiosidade, especialmente ao falar em Sua presença em oração ou ao engajar-se no estudo de Sua Torá.

"Trilhar seus caminhos" engloba tudo que está relacionado com o desenvolvimento e a correção dos predicados de caráter. Nossos Sábios, de abençoada memória, nos explicaram: "Assim como Ele é misericordioso, sede também misericordiosos...". A essência desta frase sugere que devemos moldar nossas virtudes e características, bem como pautar todas as nossas ações por princípios de ética e justiça. Eles assim resumiram esta ideia (*Avot 2,1*)*:* "Que caminho deve ser escolhido pelo homem? O que é, em si, digno a quem o pratica e conduz os outros a exaltar seu louvor..." ou seja, tudo o que conduz ao que é intrinsicamente bom, isto é, ao fortalecimento na Torá e ao desenvolvimento do sentimento de fraternidade.

"Amor" – Que amor pelo Eterno seja implantado no coração de cada um, para que se eleve sua alma e busque fazer o que agrada ao Santíssimo, assim como seu coração anseia por agradar seu pai e sua mãe. Zeloso será por este amor, regozijar-se-á por realizá-lo com plenitude, e sentir-se-á frustrado ante sua carência.

"Devoção" – que o serviço ao Eterno seja caracterizado pela pureza de intenção, e que sua finalidade seja somente servi-Lo e nada mais. Que seu coração esteja inteiramente devotado ao serviço Divino, sem que seja mecânica sua observância ou dividida sua atenção.

O "cumprimento das *Mitsvót",* como está explícito, é o cumprimento de todo o conjunto das *Mitsvót*, com todos os seus conteúdos, derivações e condições.

A Baraita de Rabi Pinchas

Para sua plena compreensão, estes princípios requerem uma interpretação mais detalhada. Nossos Sábios, de abençoada memória, agruparam estes elementos numa sucessão diferente, ordenando-os segundo a sequência em que devem ser conseguidos. Suas palavras estão contidas em uma *Baraita*, mencionada em diferentes lugares no Talmud, entre os quais o capítulo "Antes de suas festas" (*Avodá Zará* 20b): "nela se baseou Rabi Pinchas ben Iair para afirmar: 'A Torá leva à precaução e esta conduz à dedicação; a dedicação leva à integridade e esta conduz à separação; a separação leva à pureza e esta conduz à devoção; a devoção leva à humildade e esta conduz ao temor pelo pecado; o temor pelo pecado leva à santidade e esta conduz à Inspiração Divina que, por sua vez, nos conduz à Ressurreição dos Mortos'".

Foi baseado nesta *Baraita* que asssumi a tarefa de compor a presente obra, não só para minha melhor compreensão, mas também para poder recordar a todos as condições necessárias para aperfeiçoar o serviço Divino, evoluindo de etapa em etapa. Tentarei explicar a natureza de cada uma delas, seus detalhes, os obstáculos que se interpõe para nos impedir de alcançá-las e como ultrapassá-los de modo que, tanto eu quanto todos que lerem este trabalho, possam aprender a temer o Eterno e a não esquecer nosso deveres para com Ele. Sua leitura e estudo alcançarão nossa consciência e nela imprimirão o sentimento dos deveres que nos cabem cumprir.

Possa o Eterno acolher com benevolência nossas aspirações e afastar os obstáculos que se possam antepor em nosso caminho para que em nós sejam atendidas as súplicas do Salmista, encantado pelo amor ao Eterno (Salmos 86:11): "Ensina-me Teu caminho, ó Eterno, para que eu possa andar sob Tua verdade e dedicar meu coração a temer somente Teu Nome".

Amén – seja feita a Sua vontade.

Capítulo 1

O Dever do Homem no Mundo

O fundamento da santidade e a raiz da perfeição no serviço Divino residem na capacidade do ser humano de perceber claramente e reconhecer como absoluta verdade a natureza de seu dever no mundo e a meta à qual deve voltar sua atenção e dirigir seus esforços em tudo que fizer por todos os dias de sua vida.

Nossos Sábios, de abençoada memória, nos ensinaram que o homem foi criado com o único propósito de regozijar-se em Deus e obter prazer do esplendor de Sua Presença; aí está a verdadeira felicidade e o maior prazer que pode ser atingido. O lugar para a verdadeira realização deste júbilo é o Mundo Vindouro, que foi expressamente criado para proporcioná-lo; porém, a estrada para alcança-lo está neste mundo, tal como nos disseram os nossos Sábios, de abençoada memória (*Avot* 4,21): "Este mundo é como um corredor em direção ao Mundo Vindouro".

O caminho para cumprir esta meta é a prática das *Mitsvót* que nos foram ordenadas pelo Eterno, bendito seja Seu Nome. O lugar onde estas *Mitsvót* podem ser praticadas é, unicamente, este mundo.

Por isto, o homem foi colocado primeiro neste mundo para que, por estes meios, que lhe são proporcionados aqui, ele possa ser capaz de alcançar o lugar que lhe foi preparado – o Mundo Vindouro, onde será recompensado pelos méritos adquiridos através das *Mitsvót*. Como nos disseram os nossos Sábios, de abençoada memória (*Eruvin* 22a): "Hoje para cumprir (as *Mitsvót*) e amanhã para receber sua recompensa".

Analisando mais profundamente esta questão, compreenderemos que somente a união com Deus constitui a verdadeira perfeição; como disse o Rei David (Salmos 73:28): "Mas, quanto a mim, na proximidade do Eterno, está a felicidade a que aspiro...", e (Salmos 27:4) "Um anseio manifestei ao Eterno e sua realização buscarei: que eu habite em Sua morada por todos os dias de minha vida...". Pois este, somente, é o verdadeiro bem, e

tudo o mais, mesmo que nos pareça bom, não passa de decepção, vazio e consta apenas de falsos valores. Será certamente adequado que, primeiramente, trabalhemos e nos esforcemos para alcançar a aquisição deste bem. Isto é, devemos persistir em nossos esforços para que possamos nos unir ao Eterno através de nossos atos que se constituem em *Mitsvót*.

O Eterno, bendito seja, colocou o homem num lugar onde muitos são os fatores que podem afastá-lo do Santíssimo. São os desejos e anseios terrenos que, se a eles o homem se entregar, farão com que se afaste e mais e mais se distancie do verdadeiro bem. Depreende-se, assim, que o homem foi, de fato, colocado em meio a uma feroz batalha, pois os acontecimentos terrenos, sejam para bem ou para o mal, são provações e testes. Como disse Salomão (Provérbios 30:9): "Isto para que, estando farto, eu não seja tentado a renegar-Te dizendo: 'Quem é o Santíssimo?', ou tendo caído na indigência me ponha a roubar...". Abundância, por um lado, e sofrimento, por outro, acossam-no, de forma que há uma batalha à sua frente e outra à retaguarda. Se ele for temente e sair vitorioso de ambas, será o "Homem Íntegro", que conseguirá unir-se ao Criador e sairá do corredor para finalmente entrar ao Palácio e ser iluminado pela luz da vida verdadeira. Quando conseguir reprimir suas tendências malévolas e seus desejos terrenos, e se abstiver de envolvimento com os fatores que o afastaram do bem, ele alcançará este objetivo e com ele se regozijará.

Uma análise mais profunda nos fará compreender que o mundo foi criado tendo o homem como objetivo. Na verdade, ele se mantém num difícil estado de equilíbrio. Se é arrastado por valores mundanos e, desta forma, se afasta do Criador, não somente se prejudica, como também prejudica o mundo em que vive. Entretanto, se através do autodomínio, ele vence os obstáculos com que se depara e se une com seu Criador, usando o mundo apenas para ajudá-lo em seu serviço a Deus, ele é elevado e o próprio mundo é elevado com ele. Todas as criaturas são enaltecidas quando servem ao "Homem Íntegro", que é santificado pelo Eterno. Como disseram os nossos Sábios, de abençoada memória, em relação à luz que o Eterno, bendito seja, reservou aos justos (*Chaguigá* 12a): "Quando o Santíssimo, bendito seja, viu a luz que havia reservado aos justos, Ele Se regozijou, como está dito (Provérbios 13:9): 'A luz dos justos traz alegria...'". E em relação às "pedras do lugar" que Jacob pegou e colocou sob sua cabeça, está escrito (*Chulim* 91b): "Rabi Yits'chac disse: 'Isto nos ensina que elas (as pedras) juntaram-se num só lugar, dizendo: 'Que o justo deite sua cabeça sobre mim'". Os nossos Sábios, de abençoada memória,

chamam nossa atenção para este princípio no *Midrash Cohêlet*, ao dizerem (*Cohêlet Rabá* 7:28): "'Veja a obra de Deus...'. (Eclesiastes 7:13) Quando o Santíssimo, bendito seja, criou Adão, Ele o tomou e fê-lo andar diante de todas as árvores do Jardim do Éden. Disse-lhe, então: 'Veja quão belas e louváveis são Minhas obras; e tudo aquilo que Eu criei, foi para o teu bem. Tome cuidado para não danificar e destruir o Meu mundo'".

A Finalidade da Criação do Homem

Em resumo, o homem foi criado não para sua estada neste mundo, mas para sua permanência no Mundo Vindouro, sendo a primeira etapa apenas um meio para alcançar a segunda, que é a meta final. São inúmeras as afirmações e declarações de nossos Sábios, de abençoada memória; todas elas, numa mesma linha, comparam este mundo ao lugar e ao tempo de preparação, e o vindouro, ao lugar que foi reservado ao repouso e ao proveito daquilo que já fora preparado. Esta é sua intenção ao dizerem (*Avot* 4,21): "Este mundo é parecido com um corredor...", como disseram os nossos Sábios, de abençoada memória (*Eruvin* 22a): "Hoje para cumprir e amanhã para receber sua recompensa", "Aquele que se esforçou na sexta-feira, comerá no *Shabat"* (*Avodá Zará* 3a), "Este mundo é como a praia e o Mundo Vindouro é como o mar..." (*Cohêlet Rabá* 1:36), entre muitas outras citações do mesmo tipo.

Na verdade, nenhum ser racional poderia acreditar que o propósito da criação do homem tenha algo a ver com sua estada neste mundo. Pois, em que consiste sua vida neste mundo? Quem está verdadeiramente contente ou satisfeito neste mundo? "É de setenta anos a extensão de nossas vidas, ou, para os mais fortes, oitenta anos. O que seria orgulho e sucesso, não passa de fadiga e enfado" (Salmos 90:10). Quantos tipos diferentes de sofrimento, de enfermidade, de dor e de provação! E, depois disso tudo, apenas a morte! Dificilmente encontraremos alguém que possa afirmar que o mundo o tenha agraciado com uma superabundância de gratificações e verdadeiro contentamento. Ainda que encontrássemos tal pessoa, mesmo se alcançasse a idade de cem anos, também terminaria por deixar o mundo e dele desaparecer.

Além disto, se o homem tivesse sido criado apenas em prol deste mundo, ele não teria a necessidade de ter recebido uma alma tão preciosa e elevada, mais exaltada que os próprios anjos; que não se satisfaz com nenhum dentre todos os prazeres deste mundo. É isto que nos ensinam os nossos Sábios, de abençoada memória, no *Midrash* (*Cohêlet Rabá*): "'E a alma não será satisfeita' (Eclesiastes 6:7) – ao que isto se parece? À situação de um habitante de certa cidade que se casa com uma princesa. Ainda que ele conseguisse trazer-lhe tudo que existisse no mundo, isto nada significaria para ela, simplesmente por ser ela a filha do rei. O mesmo acontece com a alma. Ainda que lhe fossem trazidas todas as delícias e benesses do mundo, estas nada significariam para ela, considerando-se que ela provém dos Céus". E assim nos dizem os nossos Sábios, de

abençoada memória (*Avot* 4,29): "Contra tua vontade foste criado e contra tua vontade nasceste". Pois a alma não tem amor algum por este mundo. Ao contrário, ela se aborrece nele. O Criador, bendito seja Seu Nome, jamais teria criado algo para uma finalidade que fosse desprezível, ou que contrariasse sua natureza.

O homem foi criado, portanto, em prol de sua estada no Mundo Vindouro, e por isto a alma foi nele insuflada, pois é para ela um beneficio o serviço Divino, e através dele pode o homem alcançar recompensas a seu tempo e a seu lugar. Assim, o mundo não deve ser desprezível para a alma, mas sim amado e desejado.

Evidentemente, ao alcançarmos esta percepção reconheceremos a grandiosidade e a importância das obrigações que as *Mitsvót* nos acarretam e a preciosidade do serviço Divino que é colocado em nossas mãos, pois são os meios que nos levam à verdadeira perfeição –que, sem elas, seria inatingível. Devemos entender, também, que o alcançar de uma meta somente pode resultar da consolidação de todos os meios disponíveis aplicados em sua busca, e que a natureza de um determinado resultado é afetado quando discriminamos alguns meios em detrimento de outros.

Portanto, é óbvio que devemos ser extremamente rigorosos em relação às *Mitsvót* e ao serviço a Deus, tanto quanto os negociantes de ouro e pérolas na precisão e no rigor com que pesam seus produtos, que consideram tão preciosos. Para nós, entretanto, nada pode ser mais precioso, uma vez que os frutos resultantes são a verdadeira perfeição e a felicidade eterna.

Disto depreende-se que a essência da existência do homem neste mundo é o cumprimento das *Mitsvót*, o serviço a Deus e a resistência às provações, e que os prazeres da vida deveriam prestar-se apenas a ajudá-lo, proporcionando-lhe a alegria e a paz mental necessárias à liberação de seu coração para a dedicação aos objetivos de que foi incumbido. Na verdade, é essencial que todas as suas tendências e inclinações estejam voltadas para o Criador, bendito seja Seu Nome, e que todos os seus atos, pequenos ou grandes, não tenham outra motivação senão aproximar-se mais e mais do Altíssimo, rompendo todas as barreiras (todos os elementos terrenos e seus desdobramentos) que venham a se interpor em seu caminho, até que ele seja atraído ao Santíssimo, tal como ocorre com o ferro em relação a um imã. Tudo que possa representar um meio para conseguir-se tal proximidade, deveria ser buscado e mantido pelo homem, que tudo deveria fazer para não perdê-lo; por outro lado, o homem deveria fugir do que pudesse

representar um obstáculo a este objetivo, assim como se foge de um incêndio. Como está escrito (Salmos 63:9): "Minha alma a Ti se une, e Tua Destra me sustenta". O homem é trazido a este mundo somente para este propósito – o de encontrar esta proximidade, libertando sua alma de todos os impedimentos que a acometam e de tudo aquilo que possa vir a afastá-la deste objetivo.

Tendo reconhecido de maneira absolutamente clara a verdade deste princípio, devemos passar a estudar seus detalhes, conforme seus estágios, do início ao fim, tal como foram organizados por Rabi Pinchas ben Iair e apresentadas em nossa introdução. Estes estágios são: a precaução, a presteza, a integridade, a separação, a pureza, a devoção, a humildade, o temor ao pecado e à transgressão, e a santidade. Doravante, com a ajuda Celestial, passaremos a explicá-las, uma a uma.

Capítulo 2

A Precaução (*Zehirut*)

O conceito de Precaução indica que o homem deve ser cauteloso em suas ações e empreendimentos; isto é, que ele pondere e esteja vigilante tanto em relação a seus atos como a seus caminhos, avaliando-os de forma a não sujeitar sua alma a perigos (Deus não permita!), e que não se conduza simplesmente por impulsos estabelecidos por hábitos, tal como um cego em total escuridão. Este é o comportamento exigido por sua inteligência. Considerando que o homem possui conhecimento e capacidade do raciocínio para salvá-lo e afastá-lo do perigo da destruição de sua alma, acaso seria concebível que ele, intencionalmente, ficasse cego à sua própria salvação? Certamente não poderia haver comportamento mais tolo e degradante que este. Quem age assim é inferior às bestas e aos animais selvagens, que por sua natureza procuram se proteger, afastar-se e fugir de tudo aquilo que lhes pareça perigoso ou ameaçador. Aquele que percorre os caminhos deste mundo sem ponderar se é bom ou mau seu modo de vida, é como um cego que caminha pela margem de um rio, exposto a perigos, cujas chances de se perder são maiores que as de ser salvo. Não há diferença entre a cegueira natural e aquela que a pessoa inflige a si mesma– o cerramento dos olhos como um ato da vontade consciente.

Jeremias queixava-se do mal que afetava os homens de sua geração, da aflição decorrente da cegueira ante suas ações, de seus erros, ao omitirem-se de analisá-los, para que pudessem decidir se tais atos deveriam ser realizados ou não. Ele diz a seu respeito (Jeremias 8:6): "Ninguém se arrepende do mal por ele cometido, dizendo: 'Que fiz?' Eles voltam sempre para a mesma trilha, a galope, quais cavalos na batalha". Ele se refere ao ímpeto com que agem conforme seus hábitos, seguindo sempre seus caminhos sem se permitir o tempo necessário para sua avaliação, resultando daí se voltarem para o mal sem sequer perceberem-no. Esta é, na realidade, uma das mais engenhosas artimanhas da inclinação para o mal – exercer uma permanente e ininterrupta pressão sobre o coração dos homens, não lhes deixando tempo para analisar e observar o tipo de vida que estão levando. Ele sabe que se dedicassem, ainda que uma pequena parcela de

atenção, a esta análise, seu imediato arrependimento em relação aos atos que praticam seria indubitável, e cresceria dentro deles até o ponto de fazer com que deixassem de vez o pecado e a transgressão. É esta a consideração que se depreende do maldoso conselho do Faraó em sua declaração (Êxodo 5:9): "Carregai esses homens com mais trabalho...". A intenção do Faraó não era simplesmente privá-los de todo o tempo livre em que pudessem pensar em se amotinar ou rebelar-se contra ele, mas para despir seus corações de quaisquer pensamentos, através da contínua e interminável natureza de seu trabalho.

É exatamente esta artimanha que a inclinação malévola emprega contra o homem; pois ela age como se fosse um guerreiro especializado em engano e falsidade. Dela, não se consegue escapar sem uma boa dose de sabedoria e uma visão mais profunda. Como somos exortados pelo Profeta (Agai 1:7): "Preste atenção aos seus caminhos". E como disse Salomão, em sua sabedoria (Provérbios 6:4): "Não permita o sono aos teus olhos e nem o descanso às tuas pálpebras. Salve-se como a corsa da mão...". E como os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Sotá* 5b): "Todo aquele que ponderar sobre os seus caminhos neste mundo será merecedor de testemunhar a salvação outorgada pelo Eterno, bendito seja". Porém, mesmo que alguém se julgue auto-suficiente, não tem o poder de se salvar sem a ajuda do Eterno, bendito seja. A inclinação malévola é extremamente tenaz, como atestam as Escrituras (Salmos 37:32-33): "O perverso espreita o justo e almeja matá-lo. Porém, o Eterno não o abandonará...". Se um homem analisa a si mesmo, ponderando sobre seus atos, o Eterno, bendito seja, o ajudará e ele estará à salvo da inclinação malévola. Porém, caso ele não se cuide, o Eterno, bendito seja, certamente não o fará; pois se ele não se compadece de si mesmo, quem deverá fazê-lo? Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória, (*Berachot* 33a): "Não é permitido nos compadecermos daquele que não compreende a si mesmo" e (*Avot* 1,14) "Se eu não for por mim, quem o será?".

Capítulo 3

Os Aspectos da Precaução

Aquele que quiser vigiar a si mesmo deve considerar dois aspectos:

Primeiro, analisar com espírito crítico o que é o verdadeiro bem, para buscar sua prática, e o que é o verdadeiro mal, para dele se afastar.

Segundo, deve analisar seus atos, para descobrir se estão enquadrados numa ou noutra categoria. Isto é válido tanto em relação a uma ação específica quanto para a generalidade do comportamento.

No primeiro caso, não deveria fazer nada antes de ponderar acerca desta ação de acordo com uma escala de valores previamente estabelecida. No segundo, quanto à generalidade do comportamento, deveria evocar a lembrança dos atos que normalmente pratica, pesando-os de acordo com os mesmos critérios, para determinar o que eventualmente tenham de malévolo, para que não os repita, e o que possuem de bom, para que se tornem constantes e, através deles, fortalecer-se. Caso encontre algo malévolo, deveria raciocinar sobre o meio que poderia lançar mão para se desviar daquele mal e dele purificar-se. Nossos Sábios, de abençoada memória, nos ensinaram em suas afirmações (*Eruvin* 13b): "Teria sido mais fácil para o homem que ele não tivesse sido criado... Mas, agora que ele já foi criado, que examine os seus atos." Outros, ainda, podem dizer: 'Que ele *sinta* os seus atos'. Ambas as versões constituem exortações extremamente benéficas. Este "exame" se constitui na verificação da existência, ou não, em seus atos, de componentes que estejam em oposição às *Mitsvót* de Deus e de Seus estatutos; tais componentes, quando existem, devem ser completamente erradicados. Por outro lado, "sentir" implica na investigação, até mesmo das boas ações, para verificar se elas envolvem alguma motivação malévola, ou qualquer aspecto inadequado, para que sejam corrigidas. Isto se assemelha ao ato de alguém que apalpa um tecido para verificar sua qualidade, se é de boa textura e resistente, ou fraco e desgastado. Assim também ele

deve "sentir", "apalpar" suas ações, sujeitando-as a um severo e exaustivo exame, para determinar sua mais íntima natureza, para que possa ficar livre de quaisquer impurezas.

Resumindo, o homem deveria observar todas as suas ações e vigiar todos os seus caminhos para não se permitir sequer um mau hábito ou um traço negativo, sem falar de um pecado ou uma transgressão. Considero necessário que cada pessoa examine cuidadosamente seus caminhos, pondere seus parâmetros diariamente, assim como os grandes comerciantes, que avaliam continuamente todos os seus empreendimentos, para que não enfrentem um fracasso. Cada um deveria reservar espaços definidos de tempo para tais ponderações e avaliações, fazendo com que isto não seja algo eventual e fortuito, mas sim um comportamento regular e constante, pois traz um precioso retorno.

Nossos Sábios, de abençoada memória, têm frisado a necessidade de tais avaliações. Eles disseram (*Baba Batra* 78b): "Por isto os governantes dizem: 'Façamos uma contabilidade' (Números 21:27). Aqueles que com firmeza governam suas inclinações malévolas, dizem: 'Computemos o prejuízo acarretado pela realização de uma *Mitsvá* contra o beneficio que ela nos traz, e o lucro de uma transgressão contra a perda que ela acarreta...'".

Este conselho não poderia ser dado, e nem a verdade nele contida ser reconhecida, se não por alguém que já se livrou de suas inclinações malévolas e chegou mesmo a dominá-las. Os olhos dos que ainda estão sob seu domínio não conseguem enxergar esta verdade, impedindo suas mentes de reconhecê-la. A inclinação maligna literalmente cega, e os que por ela estão subjugados assemelham-se aos que marcham nas trevas, por caminhos repletos de obstáculos, que seus olhos não conseguem perceber... Assim como os nossos Sábios, de abençoada memória, diziam (*Baba Metsia* 83b): " 'Estendes o manto da escuridão e faz-se a noite' (Salmos 104:20). Isto se refere a este mundo, que se assemelha à noite". Quão maravilhosa é a verdade deste comentário para aquele que se empenha em compreendê-lo! A escuridão da noite pode provocar nos olhos humanos dois tipos de erro: ela tanto pode impedir alguém de enxergar o que esteja à sua frente, como pode provocar uma ilusão, dando-lhe, por exemplo, a impressão de que um pilar é uma pessoa, ou vice-versa. De forma semelhante, as coisas terrenas e o materialismo deste mundo representam a escuridão da noite aos olhos da mente, levando o homem a errar duplamente. Primeiro, ela não permite que a pessoa enxergue os obstáculos e empecilhos existentes nestes caminhos, levando os tolos, que pensam estar caminhando em

segurança, a cair ou a extraviar-se sem terem sido alertados por quaisquer temores prévios. Tal como consta nas Escrituras (Provérbios 4:19): "O caminho do maldoso está coberto por negras trevas; ele nem sequer sabe o que o faz tropeçar", e (Provérbios 22:3): "O homem sensato vê o mal e se esconde; o tolo passa por ele e é punido", e (Provérbios 14:16): "E o tolo se enfurece e se sente seguro ". Seus corações são insensíveis, fazendo-os cair antes mesmo de tomar conhecimento da existência de qualquer obstáculo ou empecilho. O segundo erro, ainda pior que o primeiro, tem origem na distorção de sua visão, que os leva a ver o mal como se fosse o próprio bem, e pensam se fortalecer ao se apegar a seus caminhos malignos. Não apenas lhes falta a capacidade de enxergar a verdade, o mal contra o qual se chocam, mas, além disto, acham adequado buscar evidências e provas lógicas para dar suporte às suas teorias malévolas e ideias errôneas. É este o maior mal que os acomete e os conduz ao abismo da destruição. Como consta nas Escrituras (Isaías 6:10): "Tornou-se pesado o coração desse povo, ensurdeceram-lhes os ouvidos, cegaram-se seus olhos...". Tudo isto por estarem sob a influência das trevas e governados por sua inclinação malévola. Porém, aqueles que já se tenham libertado deste jugo, vêem claramente a verdade e estão aptos a orientar os outros.

O Mundo como um Labirinto

A que isto se parece? A um jardim em labirinto, um tipo de jardim muito comum entre a classe dirigente e que é plantado apenas para divertimento. Neste tipo de jardim, as plantas são arranjadas em forma de paredes, entre as quais podem ser encontrados diversos caminhos, que se entrelaçam num confuso traçado; eles são parecidos entre si e tem como principal propósito desafiar a pessoa a encontrar um belo palanque bem no meio do jardim. Alguns deles são retos e levam diretamente ao palanque; outros, porém, levam a pessoa a perder-se, fazendo-a vagar sem rumo. Quem percorre estes últimos não tem como perceber se está na rota verdadeira ou na falsa; pois os caminhos são semelhantes, não apresentando a seus olhos qualquer diferença. Ele não conseguirá alcançar seu objetivo, a menos que já esteja perfeitamente familiarizado e tenha o conhecimento visual dos caminhos que já percorreu anteriormente, quando conseguiu chegar à saída do labirinto. Entretanto, quem está numa posição privilegiada no palanque central do labirinto, consegue ver todos os caminhos e discernir quais os falsos e quais os verdadeiros. Nesta posição ele pode advertir e orientar aqueles que percorrem os caminhos internos do labirinto e dizer-lhes: "Este é o caminho; tome-o!". Quem nele acreditar chegará ao ponto designado; mas quem não estiver disposto a acreditar, confiando apenas no que seus olhos podem ver, continuará perdido e impossibilitado de alcançá-lo.

O mesmo acontece em relação ao conceito que estamos discutindo. Quem ainda não conseguiu o domínio sobre sua inclinação malévola está perdido entre os caminhos e não pode diferenciá-los. Porém, os que governam e dominam sua inclinação malévola, que conseguiram chegar à saída do labirinto, deixando para trás aqueles caminhos tortuosos, podem ver claramente todas as alternativas e, estes sim, podem aconselhar quem está disposto a ouvir, acreditar e confiar.

Mas qual é o conselho que nos dão? "'Façamos uma verificação'; 'Chequemos e computemos a contabilidade do mundo'". Eles já experimentaram e já aprenderam que somente este é o caminho verdadeiro pelo qual se pode alcançar o bem, e que nenhum outro existe além deste.

O que se depreende de tudo isto é que o homem deve constantemente – de forma permanente e, especificamente, em períodos de tempo por ele previamente estabelecidos – refletir acerca do verdadeiro caminho (em conformidade com os mandamentos da Torá)

que o homem deve percorrer. Depois de ter se empenhado nesta reflexão, ele poderá chegar a ponderar se os seus atos estão em conformidade com este caminho. Procedendo assim, certamente ser-lhe-á mais fácil purificar-se de todo o mal e corrigir todos os seus caminhos. Como está dito nas Escrituras (Provérbios 4:26): "Reflete sobre a trajetória de teus pés e todos os teus caminhos serão firmes. Busquemos e pesquisemos nossos caminhos e então retornaremos a Deus".

Capítulo 4

Como Alcançar o Senso de Precaução

De uma forma geral é o estudo da Torá que leva uma pessoa a incorporar o senso de Precaução, conforme a afirmação de Rabi Pinchás no início da "*Baraita*": "A Torá conduz a pessoa à Precaução" e, de uma maneira mais específica, à consciência sobre a dimensão do serviço Divino pelo qual todo ser humano é responsável e à percepção da severidade do julgamento com que ele é analisado. Pela análise dos incidentes relatados nas sagradas Escrituras e pelo estudo das afirmações de nossos Sábios, podemos alcançar esta compreensão.

Neste processo, há diversos níveis de ideias e conceitos que atingem àqueles dotados de grande capacidade de compreensão, ou aos que tem menor capacidade e, finalmente, as pessoas medianas.

Os primeiros serão primordialmente motivados à Precaução ao perceberem, claramente, que somente a perfeição, e nada menos que ela, é digna de seus anseios, e que não pode existir maior mal do que sua falta.

Ao terem bem claro este conceito e conscientes de que os meios para este fim são os atos e predicados virtuosos, não se furtarão de utilizar todo seu potencial para praticá-los, ante a compreensão de que, se os debilitassem ou não tivessem a força suficiente, a verdadeira perfeição não seria alcançada, e isto seria para eles a maior desventura. Por isto, dedicar-se-ão sempre a aumentá-los e a ser mais rígidos em seus padrões de avaliação. Terão sempre a preocupação de não correr o risco de deixar passar algo que poderia levá-los à perfeição que anseiam. Como foi dito pelo Rei Salomão, que a paz esteja com ele (Provérbios 28:14): "Feliz é o homem que sempre teme". Os nossos Sábios interpretaram esta declaração (*Berachot* 60a) como sendo o temor de infringir qualquer ensinamento da Torá. Este predicado é denominado "Temor ao Pecado", e esta característica se constitui num dos mais altos níveis de realização. Sua intenção é fazer

com que o homem, constantemente, tema e se preocupe em não desenvolver qualquer traço de pecado que possa afastá-lo da perfeição que busca com tanto afinco. Com referência a esta questão, os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram através de uma analogia (*Baba Batra* 75a): "Isto nos ensina que cada um se sente afrontado pelo dossel de seu vizinho". Neste caso, não é a inveja o agente ativo (se o Santíssimo permitir, trarei explicações sobre a inveja, que somente pode ser encontrada naqueles que carecem de compreensão e entendimento), mas o fato de considerar que lhe falta alcançar um nível de realização, no que tange à perfeição, que ele poderia ter conseguido tal como seu vizinho o fez. Ao se empenhar nesta análise (de não ficar em nível mais baixo), o íntegro não se privará de ser prudente em seus atos.

Já aqueles que possuem uma menor capacidade de compreensão, devido a seu nível de discernimento, motivar-se-ão à Precaução somente para alcançar honrarias. É evidente para cada pessoa de fé que os diferentes níveis no Mundo da Verdade, o Mundo Vindouro, variam apenas em função das ações de cada um; e que somente aquele que em seus atos é maior que seu vizinho será elevado acima dele, enquanto aquele que for menor em seus atos ocupará um nível mais baixo. Como é possível, então, que alguém feche seus olhos às suas ações ou que relaxe os seus esforços, se mais tarde, quando não mais puder consertá-los, vier inquestionavelmente a sofrer?

Aliviando-se da Responsabilidade

Há alguns tolos que procuram apenas se aliviar de sua responsabilidade. Dizem eles: "Por que devemos nos fatigar tanto com a questão da Santidade e com a da Separação? Não é suficiente o fato de que não seremos incluídos entre os maus que são julgados no *Gehinom*? Não nos esforçaremos demais por nosso quinhão no Paraíso. Se não tivermos uma grande parte, teremos uma menor, e isto já será suficiente. Não nos empenharemos ainda mais para conseguir maiores méritos."

Há uma pergunta que devemos formular a estas pessoas: poderiam eles, neste mundo transitório, com tanta indiferença, suportar ver um de seus amigos ser honrado e elevado acima deles e, até mesmo, chegar a governar sobre eles; ou que um de seus empregados ou um dos indigentes que, aos seus olhos, são desprezíveis, chegue mais alto que eles? Será que suportariam isto sem sofrer e sem que seu sangue fervesse? Existirá alguma dúvida que tais pessoas não suportariam tal situação?

Testemunhamos com frequência todos os esforços e trabalho a que cada um se entrega para elevar-se o quanto mais acima de qualquer outro e conseguir para si um lugar entre os respeitados. Nisto se constitui a inveja do homem por seu vizinho. Se ele percebe que seu vizinho está em posição elevada enquanto ele próprio continua por baixo, suportará somente aquilo que é forçado a tolerar devido a sua incapacidade de alterar a situação; porém, o seu coração se manterá afetado pela situação. Se é tão difícil, assim, suportar a condição de estar num nível inferior ao dos outros, mesmo em relação a qualidades cuja conveniência ou necessidade é ilusória, e que, numa avaliação superficial, os qualifica desta forma, como poderiam suportar se ver num nível mais baixo do que pessoas que agora se encontram abaixo delas?

E tudo isto no lugar da verdadeira qualidade e do valor duradouro ao qual, embora no momento não dêem atenção, devido à sua falta de percepção, virão a reconhecer, ao seu devido tempo, para sua vergonha e pesar, em seu verdadeiro significado. Não há dúvidas de que o seu sofrimento será terrível e interminável. Então, esta tolerância que tais pessoas adotam para atenuar o peso de sua própria carga, não passa de uma ilusória persuasão incitada por sua própria inclinação malévola, desprovida de qualquer sentido.

Se tais pessoas enxergassem a verdade, não se deixariam enganar desta forma e perceberiam que, por não buscar esta verdade mas, pelo contrario, por continuar caminhando e vagando de acordo com seus desejos e impulsos, tal influência não as deixará até que não esteja mais em suas mãos a capacidade de reconstruir tudo aquilo que destruíram. Tal como foi dito pelo Rei Salomão (Eclesiastes 9:10): "Tudo o que a tua mão puder fazer, faze-o com empenho; pois no mundo dos mortos, para onde vais, não existe trabalho, nem reflexão, nem sabedoria, nem conhecimento...". Isto é, aquilo que um homem deixa de fazer enquanto ainda tem o poder que o Criador lhe outorgou (o poder da escolha que lhe é outorgado para usar durante toda a sua vida, que lhe permite exercer o seu livre arbítrio), não terá nova oportunidade de faze-lo após baixar à sepultura. Aquele que não praticou boas ações durante sua vida, não terá oportunidade de praticá-las depois dela. Aquele que não se tornou sábio neste mundo, não conseguirá tornar-se sábio em sua sepultura. Este é o sentido de (*Ibid*.): "...no mundo dos mortos, para onde vais, não existe trabalho, nem reflexão, nem sabedoria, nem conhecimento...".

Já as pessoas de nível mediano, motivar-se-ão à Precaução através da percepção da seriedade do julgamento, quando serão decididos a recompensa e o castigo. Em verdade, a pessoa deveria continuamente tremer e temer ante o Dia do Julgamento quanto a quem será considerado justo perante o seu Criador, cuja visão disseca todos os atos, pareçam eles grandes ou pequenos. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Chaguigá* 5b): "'Ele relaciona a cada homem suas próprias palavras.' (Amós 4:13). Até mesmo uma conversa casual entre o marido e sua esposa é levada em consideração por ocasião do julgamento'". E da mesma forma (*Ievamot* 121b): "'Em Seu redor esbraveja a tempestade' (Salmos 50:3). Isto nos ensina que o Eterno, bendito seja, julga os Seus fiéis com uma tolerância próxima ao calibre de um fio de cabelo" (numa relação derivada do relacionamento entre as palavras "tempestade" e "cabelo", em Hebraico).

Abrahão – o mesmo Abrahão que foi tão amado por seu Criador, a ponto de as Escrituras (Isaías 41:8) referirem-se a ele como "Abrahão, Meu amado" – não escapou ao julgamento por uma leve indiscrição, por seu uso de palavras inadequadas; por ter dito (Gênesis 15:8): "Como poderei saber que...", o Eterno, bendito seja, lhe disse: "Por tua vida, certamente você saberá, pois seus filhos serão estrangeiros..." (*Vayikrá Rabá* 11:5). Por ter firmado uma aliança com Avimélech sem que Deus assim lhe tivesse ordenado, o Eterno, bendito seja, lhe disse: "Por tua vida, retardarei o regozijo e a alegria de teus filhos por sete gerações" (*Bereshit Rabá* 54:5).

Jacob, por ter-se irado com Rachel quando ela disse (Gênesis 30:1): "... Dá-me filhos...", ouviu de Deus (conforme está relatado no *Midrash*): "É assim que se responde àqueles que estão angustiados? Por tua vida, teus filhos postar-se-ão ante o filho dela" (*Bereshit Rabá* 71:10). Por ter colocado Diná num baú para que Esaú não a alcançasse, embora suas intenções ao agir assim fossem inquestionavelmente dignas, relata-nos o *Midrash* (*Ibid*. 80:3) que o Eterno, bendito seja, lhe disse: por teres recusado a bondade ao teu irmão: "Quem recusa ao seu vizinho a misericórdia...' (Jó 6:14) – pois não a fizeste casar legalmente, ela será desposada ilegalmente".

José, por ter dito ao chefe dos copeiros (Gênesis 40:14): "Se me recordares quando estiveres bem, usa, rogo, de bondade comigo...", teve somados à sua pena de prisão mais dois anos, como nos dizem os nossos Sábios, de abençoada memória (*Bereshit Rabá* 89:2). Também por ter embalsamado seu pai sem a permissão de Deus ou, conforme uma outra opinião, por ter ouvido de forma insensível "Seu servo, nosso pai", José morreu antes de seus irmãos (*Bereshit Rabá* 100:3).

David, por ter se referido a palavras da Torá como "cânticos", foi punido tendo sua alegria abafada pela leviandade de Uzá (*Sotá* 35a).

Michal, por ter admoestado David por ter dançado em público perante a arca, foi punida com a morte ao dar à luz e não ter tido a bênção da maternidade em toda a sua vida (2 Samuel 6:20).

Ezequias – por ter revelado todo o acervo do tesouro da casa aos oficiais do rei da Babilônia, foi decretado que seus filhos serviriam como eunucos no palácio do Rei da Babilônia (2 Reis 20:12).

Existem muitas outras situações que ilustram esta natureza.

No capítulo "Todos Têm a Obrigação" (*Chaguigá* 5a), os nossos Sábios nos dizem: "Raban Iochanan chorou ao chegar ao seguinte versículo (Malaquias 3:5): 'Virei a vós para julgar-vos e serei uma testemunha rigorosa...'; que pode fazer um servo contra o qual ofensas menores são avaliadas como as mais graves?". Certamente, não se afirma aqui que ambas terão a mesma punição, pois o Eterno paga medida por medida. O que devemos entender é que, em relação ao peso das ações, aquelas que são mais leves são colocadas sobre a balança da mesma forma que as mais pesadas; estas não levarão as primeiras a

serem esquecidas e nem o Juiz omitirá qualquer uma delas. Ele considerará e ponderará sobre todas elas com equanimidade, julgando cada uma delas e aplicando a penalidade para cada uma conforme sua natureza. Como disse o Rei Salomão, que a paz esteja com ele (Eclesiastes 12:14): "Deus chamará em juízo todas as ações...". Assim como o Santíssimo, bendito seja, não permite que nenhuma boa ação, por menor que seja, fique sem recompensa, também não permite que qualquer ação negativa, por menor ou mais insignificante que seja, fique isenta de julgamento ou que seja relevada, ao contrário do que pensam aqueles que querem se convencer que o Santíssimo, bendito seja, deixará de considerar as questões mais leves em Seu julgamento e que não as levará em consideração. Como está dito (*Baba Cama* 50a): "Quem disser que o Santíssimo, bendito seja, omite algumas questões, terá sua própria vida 'omitida'". Também os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Chaguigá* 16a): "Se a inclinação malévola lhe disser: 'Peque e o Santíssimo, bendito seja, o perdoará', não dê atenção". Tudo isto é óbvio e claro, pois Deus é o Deus da verdade. Esta é a ideia que está contida na afirmação de Moisés, nosso mestre, que a paz esteja com ele (Deuteronômio 32:4): "A Rocha – Suas obras são perfeitas, porque todos os Seus caminhos são justos. Ele é um Deus fiel e sem iniquidade, justo e reto". Por desejar o Santíssimo, bendito seja, a justiça, ignorar o mal equivaleria à injustiça de ignorar o bem. Já que Ele deseja a justiça, então deve analisar cada pessoa conforme seus caminhos, e conforme os frutos e resultados de suas ações, com a mais acurada avaliação, tanto para o bem como para o mal. É isto que está contido na afirmação de nossos Sábios, de abençoada memória, no versículo (*Ialcut Ibid.*): "Deus fiel e sem iniquidade, justo e reto é Ele"; isto se aplica tanto para os justos como para os iníquos. Esta é a Sua característica, o Seu atributo. Ele pune todos os pecados. Não há escapatória.

O Atributo da Misericórdia

Àqueles que possam perguntar: "Se, em todos os casos, tudo está sujeito a julgamento, qual a contribuição do atributo da misericórdia?", a resposta é que o atributo da misericórdia é, certamente, o amparo e o suporte do mundo, sem o qual ele não poderia existir. Apesar disto, o atributo da justiça não é afetado. Se tudo se baseasse somente na justiça, todo pecador seria punido sem demora, imediatamente após ter cometido a transgressão; além diso, a punição deveria ser severa, como é cabível àquele que se rebela contra a palavra do Criador, bendito seja; e não haveria qualquer possibilidade de reparar o pecado cometido. Na verdade, como seria possível que a pessoa consertasse o que foi danificado em função do pecado praticado? Se um homem matou o seu próximo; se uma pessoa cometeu adultério – como é que isto pode ser reparado? É possível que a pessoa apague o ato consumado?

É o atributo da misericórdia que causa a reversão das três situações mencionadas. Ou seja, ela faz com que seja concedido um tempo ao transgressor e que não seja eliminado tão logo tenha pecado; faz com que a própria punição não provoque uma completa destruição; e que a dádiva do arrependimento seja concedida ao pecador com absoluta benevolência, de forma que a erradicação do impulso que levou à pratica daquele ato seja considerada a erradicação do próprio ato. Ou seja, quando aquele que se arrepende reconhece sua transgressão e admite ter pecado, passando a refletir sobre o mal praticado e se penitencia, desejando fervorosamente que aquele ato jamais tivesse sido praticado, tal como desejaria que uma certa promessa jamais tivesse sido formulada, levando-o a um completo arrependimento, fazendo-o lamentar o ato que jamais deveria ter praticado e sofre em seu coração uma grande angústia por já tê-lo praticado, e no futuro dele se afasta e foge – então o ato praticado será erradicado e creditado, levando-o à expiação. Como consta das Escrituras (Isaías 6:7): "... tua culpa será tirada e teu pecado será perdoado...". De fato, a culpa é tirada e erradicada de sua existência por seu sofrimento e pelo arrependimento, que passa a substituir o que aconteceu no passado. Certamente, esta é uma questão de amor cheio de bondade, de benevolência, e não de justiça. No entanto, trata-se de um tipo de piedade que não nega inteiramente o atributo de justiça. Isto pode ser visto como condizente com a justiça; a substituição do ato instintivo que levou à transgressão pelo arrependimento e sofrimento que toma seu lugar. Igualmente, o intervalo de tempo decorrido não constitui um perdão ao pecado cometido,

mas uma paciência que Deus tem, por algum tempo, em relação ao pecador, abrindo-lhe a porta do arrependimento. Similarmente, todas as demais formas de amor benevolente mencionadas por nossos Sábios, de abençoada memória, tais como (*San'hedrin* 104a): "O filho favorece seu pai" e (*Cohêlet Rabá* 7:48) "Uma porção da vida é como a vida inteira", são aspectos nos quais pequenas doses são consideradas grandes. Porém, estas considerações não contrariam ou negam o atributo da justiça, embora se deva atribuir considerável importância ao atributo da misericórdia.

O Atributo da Justiça

Todavia, perdoar ou ignorar os pecados e transgressões equivaleria a contrariar frontalmente o conceito de justiça, uma vez que não haveria julgamento ou legislação válida em relação a tudo. Assim, é impossível que tal situação ocorra. Se o transgressor não encontrar uma das portas de escape que mencionamos aberta à sua frente, é certo que o atributo de justiça não emergirá de mãos vazias. Como disseram os nossos Sábios, de abençoada memória (*Ierushalmi Taanit* 2:1): "Ele refreia a Sua ira, mas Ele cobra o que é Seu".

Vemos, assim, que aquele que quiser abrir os seus olhos à verdade não poderá encontrar para si nenhum argumento ou desculpa para não praticar o máximo de Precaução em seus atos, sujeitando-os à mais criteriosa análise.

Estas são observações que, quando abordadas com sensibilidade e consciência, certamente levarão a pessoa à obtenção do senso de Precaução.

Capítulo 5

Os Fatores que Impedem a Aquisição da Precaução

São três os fatores que prejudicam esta característica e que levam a pessoa a afastar-se dela: o primeiro é a atividade e o envolvimento terrenos; o segundo é o sarcasmo e a leviandade; e o terceiro, as más companhias. Analisaremos individualmente cada um deles.

Já abordamos a questão das atividades e envolvimentos terrenos. Quando a pessoa está totalmente envolvida nelas, seus pensamentos estão limitados pelas cargas que pesam sobre ela, impossibilitando que se preocupe com o significado de seus atos. Com referência a esta questão, diziam os Sábios, de abençoada memória (*Avot* 4,10): "Reduza as suas ocupações e ocupe-se com a Torá". Uma pessoa deve ocupar-se, até certo ponto, para conseguir sua subsistência, mas não a ponto de interferir em seu serviço Divino. É sobre este aspecto que nos é ordenado reservar tempo para o estudo da Torá. Já mencionamos que este estudo é o requisito primordial à Precaução; conforme afirmado por Rabi Pinchas: "A Torá conduz a pessoa à Precaução ". Sem ela, o senso de Precaução não será alcançado. Como afirmaram os nossos Sábios (*Avot* 2,6): "Um ignorante não pode ser verdadeiramente devoto". Isto é verdade, pois o próprio Criador, bendito seja, que criou no homem uma inclinação malévola, criou a Torá como seu antídoto (*Kidushim* 30b). É evidente que, se o Criador formulou para a cura apenas este remédio, é impossível, sob quaisquer circunstâncias, obtê-la por outros meios. Aquele que pensar em salvar-se sem a Torá estará redondamente errado e somente será capaz de reconhecer seu erro no final, quando morrer em pecado. A inclinação malévola exerce grande influência sobre a pessoa e, sem que disso tenha consciência, ela cresce e se torna forte, chegando a dominá-la completamente. Se recorrer a todos os artifícios imagináveis mas não adotar o remédio prescrito, ou seja, a Torá, não será capaz de reconhecer e nem sentir a intensificação de sua enfermidade, até que morra em pecado e que sua alma esteja definitivamente perdida.

A que isto se parece? Ao caso de uma pessoa enferma que, mesmo tendo consultado médicos e ter a sua doença corretamente diagnosticada e a medicação corretamente prescrita, sem possuir qualquer conhecimento de medicina, abandona as prescrições e, em vez destas, passa a tomar os remédios que lhe venham à cabeça. Resta alguma dúvida que ela morrerá?

O mesmo se aplica ao nosso caso. Ninguém, além do Criador que a produziu, entende a doença da inclinação malévola e as potencialidades a ela inerentes. E é Ele próprio que nos adverte que o único antídoto é a Torá. Então, quem poderá abandonar a Torá, tomar qualquer outro remédio e esperar continuar a viver? As trevas terrenas avançarão, passo a passo, insensivelmente, sobre ele até que se encontre submerso no mal e tão afastado da verdade que sequer sairá em busca dela. No entanto, se ele se ocupar com a Torá, quando chegar a ver os caminhos para os quais ela aponta, seus mandamentos e suas advertências, sentirá despertar em seu interior respostas e reações que o levarão para os caminhos do bem. Como disseram os nossos Sábios, de abençoada memória (*Ierushalmi Chaguigá* 1:7): "Oxalá ao Me deixarem, guardassem a minha Torá, pois o seu esplendor os faria retornar ao bem".

Ainda nesta categoria inclui-se a necessidade de reservar tempo necessário e suficiente para a análise dos atos, com especial atenção à sua correção, conforme abordado acima. Ademais, aquele que é sábio não se permitirá desperdiçar nenhum tempo do qual possa dispor; ele o aproveitará imediatamente em prol de seu próprio crescimento e aprimoramento de seu serviço Divino.

Sarcasmo e Leviandade

Os obstáculos acerca dos quais há pouco tratávamos, mais corriqueiros do que outros, são os mais fáceis de serem vencidos por aqueles que, de fato, não querem se deixar dominar por eles. No entanto, muito mais críticos são os obstáculos criados pelo riso fácil e pela leviandade. Aquele que por eles se deixa envolver assemelha-se àquele que submergiu num grande oceano, do qual é muito difícil escapar. O riso fácil afeta de tal forma o coração da pessoa, que o sentido e a razão deixam de prevalecer, fazendo com que ela se torne como um bêbado ou um tolo simplório que, por não estar apto a aceitar uma direção, impossibilita seu aconselhamento ou orientação. Como disse o Rei Salomão, que a paz esteja com ele (Eclesiastes 2:2): "Em relação ao sarcasmo concluí: 'É loucura!', e em relação à alegria me perguntei: 'A que conduz?'". Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Avot* 3,13): "O riso e a leviandade levam a pessoa às relações ilícitas". Ainda que, consciente, reconheça a gravidade deste tipo de pecado, e mesmo que seu coração tema tocar nele devido à intensidade da impressão estampada em sua mente, da terrível natureza da agressão e da severidade de sua punição, o riso e a frivolidade, pouco a pouco, conduzem-na cada vez para mais perto do ponto onde o medo a abandona, até que, finalmente, a pessoa chega a cometer o pecado e a transgressão. Por que isto ocorre? Assim como a essência da Precaução implica no exame de tudo que se faz, a essência do sarcasmo implica no afastamento do coração da pessoa do pensamento justo e atento, fazendo com que o temor a Deus a abandone

Pense na enorme severidade e poder destrutivo da frivolidade. Assim como um escudo revestido de óleo, que protege e desvia as flechas, fazendo-as cair ao solo, não permitindo que elas atinjam o corpo do portador, assim é a leviandade em relação à censura e à reprovação. É com uma pequena dose de leviandade e com um pouco de riso tolo que a pessoa é levada a afastar de si a maioria dos alertas e impressões que o coração estimula e se impressiona ao ver ou ouvir coisas que a levam a uma análise e avaliação de seus atos. A força da leviandade lança tudo ao chão, eliminando quaisquer impressões que ela possa ter sobre o Criador. Isto não se deve às fraquezas que atuam sobre a pessoa, nem se trata da falta de sua compreensão, mas é o poder da leviandade que obstrui todas as facetas da avaliação moral e o temor a Deus. Com referência a esta questão, o Profeta Isaías "gritou como uma ave ferida " ao perceber que por esta razão suas exortações não deixavam impressão alguma nos corações das pessoas a quem as dirigia e, desta forma,

não podia trazer qualquer esperança aos pecadores. Como consta (Isaías 28:22): "Pois então deixai de futilidades, para que não vos apertem as algemas". Determinaram os nossos Sábios (*Avodá Zará* 18b) que aquele que se entregar à leviandade trará o sofrimento sobre si. As próprias Escrituras afirmam claramente (Provérbios 19:29): "Os julgamentos punitivos são aplicados aos insensatos e aos que zombam". De fato, isto é ditado pela razão; aquele que é influenciado pelo sentimento e pelos estudos, não precisa de punição corporal; ele se afastará do pecado sem a necessidade da punição, em virtude dos sentimentos de arrependimento que surgirão em seu coração, através dos quais ele atenderá aos julgamentos e exortações morais. Porém, o insensato, que por força de sua leviandade não é influenciado por exortações, não pode ser corrigido a não ser através de julgamentos punitivos. Sua leviandade não será tão eficaz em esquivar-se de tais julgamentos quanto o é em afastar-se dos caminhos éticos. Conforme a gravidade do pecado e de suas consequências será a punição aplicada pelo Juiz da verdade. Assim como nos ensinaram nossos Sábios, de abençoada memória (*Avodá Zará* 18b): "A punição para a leviandade é extremamente severa; ela começa com o sofrimento e finda com a destruição, como está dito (Isaías 28:22): '... para que não vos apertem as algemas, pois eu ouvi sobre destruição...'".

Más Companhias

O terceiro fator que prejudica a observância é a má companhia, isto é, a companhia de pecadores, de transgressores e de insensatos; como estabelecem as Escrituras (Provérbios 13:20): "... quem é amigo dos insensatos será destruído". Frequentemente observamos que mesmo depois que a verdadeira responsabilidade da pessoa pelo serviço Divino e pela observância tenha se inculcado nela, ela fraqueja ou comete certas transgressões para que não seja alvo de zombarias de seus amigos ou para que possa livremente se misturar a eles.

Este é o objetivo da advertência formulada por Salomão (Provérbios 24:21): "... e não te mistures com os que pregam novidades...". Se alguém lhe disser (*Ketubót* 17a): "A mente da pessoa deveria sempre associar-se com a de seu próximo", diga-lhe: "Isto se refere às pessoas que se conduzem como seres humanos, e não às pessoas que se comportam como animais". Novamente Salomão adverte (Provérbios 14:7): "Fica longe do insensato...". Com referência a isto, o Rei David disse (Salmos 1:1): "Bem-aventurado o homem que não segue os conselhos dos ímpios, não trilha o caminho dos pecadores", sobre o que os nossos Sábios, de abençoada memória, comentaram (*Avodá Zará* 18b): "Se ele trilhou, acabará por se sentar com eles ". E mais uma vez (Salmos 26:4-5): "Não me associei ("sentei") com malévolos... Abomino a companhia de perversos...".

Então, o que a pessoa deve fazer é purificar-se e depurar-se, mantendo os seus pés longe dos caminhos das multidões que estão imersas em insensatez e loucuras, voltando-se para Deus e aos lugares de Sua morada. Como o próprio Rei David conclui (*Ibid.* 6): "Em pureza lavo minhas mãos e circundo Teu altar, ó Eterno". Se uma pessoa tem entre seus amigos alguns que o expõem ao ridículo, ela não deveria magoar-se com isto, mas, ao contrário, deveria ele ridicularizá-los. Deveria imaginar que, se tivesse chance de conseguir uma grande soma de dinheiro, ela não renunciaria apenas para evitar o desprezo de seus amigos. Quão mais adverso ser-lhe-ia perder sua alma para evitar de ser ridicularizado por terceiros.

Com referência a este aspecto, os nossos Sábios, de abençoada memória, assim nos exortam (*Avot* 5,23): "Age tão ferozmente como o leopardo para cumprir a vontade de teu Pai celeste". E disse David (Salmos 119:46): "De Teus testemunhos falarei perante reis e não serei envergonhado". Como a maioria dos reis de sua época se ocupavam de

grandiosas festas e prazeres, era de se esperar que David, pudesse sentir-se envergonhado por falar perante eles sobre questões éticas e sobre a Torá, ao invés de discutir acerca dessas festas e prazeres. David, porém, não se perturbava, em absoluto, e seu coração não se deixava seduzir por aquelas futilidades, pois ele já havia alcançado o estágio de conhecer a verdade. Ele declara isto claramente (Salmos 119:46): "De Teus testemunhos falarei perante reis e não serei envergonhado". Igualmente disse Isaías (Isaías 50:7): "... fico de rosto impassível e pétreo, porque sei que não vou me sentir envergonhado".

Capítulo 6

A Presteza (*Zerizut*)

Depois da Precaução vem a Presteza (a Agilidade, o Fervor, o Entusiasmo, a Dedicação); a Precaução no que se refere aos mandamentos negativos, e a Presteza aos mandamentos positivos, conforme o conceito de "Desvia-te do mal e pratica o bem" (Salmos 34:15). "Presteza", como a própria palavra diz, significa entusiasmo na busca e no cumprimento das *Mitsvót*. Conforme estabelecido por nossos Sábios, de abençoada memória (*Pessachim* 4a): "Os zelosos apressam-se para cumprir as *Mitsvót*". Ou seja, assim como é necessária uma grande dose de inteligência e perspicácia para que a pessoa se desvie das armadilhas da inclinação malévola e escape do mal, para que esta não passe a nos governar e influenciar nossos atos, dose semelhante é necessária para adotar as *Mitsvót*, incorporá-las ao nosso comportamento e delas não nos afastarmos. Assim como a inclinação malévola, com todos os dispositivos que dispõe, tenta atirar o homem nas malhas do pecado, ela também procura impedi-lo de praticar as *Mitsvót*. Se a pessoa esmorece e torna-se preguiçosa, deixando de fortalecer-se na busca do cumprimento das *Mitsvót* e a elas se dedicar, certamente as abandonará.

A natureza exerce sobre cada pessoa uma forte atração que a puxa para baixo. Isto se deve à materialidade que caracteriza a essência terrena e que afasta o homem do desejo de se esforçar para se elevar. Assim, aquele que quiser dedicar-se ao serviço do Criador, bendito seja, deve fortalecer-se contra sua própria natureza e ser zeloso por seu objetivo, pois ao se abandonar a seus instintos não alcançará sucesso em seu intento. Como diz o *Taná* (*Avot* 5,23): "Para cumprir a vontade de seu Pai celestial, seja feroz como um leopardo, leve como uma águia, ligeiro como uma gazela e forte como um leão". Os nossos Sábios, de abençoada memória, incluíram a Torá e as boas ações entre as coisas que requerem um fortalecimento pessoal (*Berachot* 32b). Está claramente afirmado nas Escrituras (Josué 1:7): "Sê forte e muito corajoso, e cuida de agir segundo toda a Lei que Moisés, Meu servo, te prescreveu". Aquele que procura transformar completamente sua natureza, precisará de um grande esforço. Acerca disto, Salomão nos exorta repetidas

vezes, reconhecendo o mal da preguiça e das enormes perdas e prejuízos dela resultantes (Provérbios 6:10): "Dormes um pouco, outro pouco cochilas, um pouco cruzas os braços para dormires e a indigência virá a ti como um andarilho e a miséria como um assaltante armado". Embora o preguiçoso não seja conscientemente mau, ele produzirá o mal através de sua inatividade. Em outro trecho lemos (Provérbios 18:9): "Quem é preguiçoso e negligente no trabalho já é irmão daquele que desperdiça e destrói". Assim, embora não seja ele mesmo o destruidor que pratica o mal com suas próprias mãos, não está longe dele; antes é seu irmão consanguíneo.

Presteza x Preguiça

Um retrato de um acontecimento cotidiano pode nos dar uma clara ideia da maldade do preguiçoso (Provérbios 24:30): "Passei pelo campo do preguiçoso e pela vinha do insensato, e o que vi foram as urtigas ocupando todo o espaço, os espinhos cobrindo o terreno e o muro de pedra destruído. Diante disso, ponderei em meu coração, vi e aprendi que: 'Dormes um pouco, outro pouco cochilas, um pouco cruzas os braços para dormires e a indigência virá a ti como um andarilho e a miséria como um assaltante armado'". Além da descrição superficial, onde nos é apresentada a inquestionável verdade sobre o que acontece ao campo do preguiçoso, uma belíssima interpretação foi realçada por nossos Sábios, de abençoada memória (*Ialcut Shimoni Mishlei* 961): "No trecho: '... as urtigas ocupando todo o espaço...' – ele procura interpretar uma passagem da Torá e não consegue; no trecho '... cobrindo o terreno...' – por não ter ele laborado no estudo da Lei, ele emite falsos julgamentos e proclama o puro como se fora sujo e o impuro como se fora limpo, e derruba os muros dos eruditos. Qual será a punição para esta pessoa? Salomão nos responde (Eclesiastes 10:8): 'Quem cava um buraco, nele cairá; quem derruba o muro, por uma cobra será mordido'". Isto é, o mal causado pelo preguiçoso não vem de uma só vez, mas pouco a pouco, sem que ele disto se aperceba. O preguiçoso é impulsionado de um mal a outro, até que afunde por completo em sua profundidade. Ele começa ao não dedicar a quantidade de esforço que dele se poderia esperar. Isto o leva a deixar de estudar a Torá como deveria; por conseguinte, quando, mais tarde, vier a fazê-lo, faltar-lhe-á o requisito da compreensão. Já seria suficientemente danoso se as coisas parassem por aí, mas não é assim – as coisas ficam ainda piores; apesar disto, em seu anseio de interpretar este ou aquele trecho, ele aporta interpretações que estão em desacordo com a lei, destrói a verdade e a deturpa, transgride mandamentos e derruba os muros. Como acontece com todos aqueles que o fazem, seu fim é a destruição. E assim continua Salomão (*Ibid.*): "Diante disso, ponderei em meu coração, vi e aprendi a instrução..." – pensei sobre isto e percebi a terrível natureza do mal ali contida; é como o veneno que continua a se espalhar, pouco a pouco, com as suas ações despercebidas, até que advenha a morte. Eis o significado de "Dormes um pouco... e a indigência virá a ti como um andarilho e a miséria como um assaltante armado".

Vemos com nossos próprios olhos quão frequentemente a pessoa negligencia o seu dever apesar de sua consciência e apesar de ter reconhecido como verdade tudo aquilo que é

necessário para a salvação de sua alma, e tudo aquilo que lhe cabe frente a seu Criador. Esta negligência não se deve a um reconhecimento inadequado de seu dever e nem a qualquer outra causa além do crescente peso que sua preguiça exerce sobre ela; ela dirá: "Comerei um pouco", ou "Dormirei um pouco", ou "É difícil que eu saia de casa", ou (Cântico dos Cânticos 5:3): "Tirei minha túnica; vou vesti-la de novo?". "Está muito frio", ou "Está chovendo muito forte" e tantas outras desculpas e pretextos que enchem a boca do insensato e do tolo. Seja como for, a Torá é negligenciada, o serviço Divino é dispensado e o Criador abandonado. Como disse Salomão (Eclesiastes 10:18): "Pela muita preguiça desabará o teto e por mãos inativas choverá na casa". Se a questão da preguiça for com ele discutida, o preguiçoso, sem dúvida, alegará em justificativa diversas citações tiradas das Escrituras e dos Sábios, acompanhadas de argumentos intelectuais e válidos conforme a sua deturpada mente e indulgência (tudo para justificar e permitir que ele continue sob o recôndito de sua preguiça). Ele não percebe que todas aquelas explicações e argumentações não se originam de uma avaliação racional, mas têm origem em sua preguiça que, quando cresce e se fortalece dentro dele, faz com que sua razão e sua inteligência inclinem-se àquelas argumentações e explicações, fazendo com que não dê ouvidos ao que dizem os sábios e aqueles que pensam corretamente. É neste sentido que Salomão proclamou (Provérbios 26:16): "O preguiçoso se considera mais sábio do que sete sábios!". A preguiça sequer permite que ele preste atenção às palavras dos que o reprovam e os classifica como confusos e tolos, considerando que apenas ele é o sábio.

Um princípio que a experiência tem mostrado ser da maior importância ao trabalho da Presteza é que tudo aquilo que tenda a aliviar a carga da pessoa, deve ser cuidadosamente examinada. Embora um alívio possa ser, às vezes, justificado e racional, na maioria das vezes representa uma solução ilusória e, assim, deve ser submetido a uma criteriosa análise e cuidadosa investigação. Se após estas considerações a solução continuar parecendo justificada, então poderá ser considerada aceitável.

Em conclusão, a pessoa deve fortalecer-se bastante através da Presteza para praticar as *Mitsvót*, afastando de si o obstrutivo e oneroso peso da preguiça.

Os anjos foram exaltados por sua Presteza; como a eles se faz referência (Salmos 103:20): "... valorosas criaturas que ouvem e cumprem Sua palavra" e (Ezequiel 1:14): "Os seres vivos corriam e voltavam, parecendo raios". Um homem certamente não é um anjo e, assim, não tem a possibilidade de conseguir a força de um anjo, mas certamente deveria

tentar aproximar-se ao máximo desse nível. O Rei David, grato por seu quinhão de Presteza, disse (Salmos 119:60): "Apressei-me, nem por um momento me detive, a fim de cumprir Teus mandamentos".

Capítulo 7

As Divisões da Presteza

Existem duas partes na Presteza: uma se refere ao período que antecede o início da ação e uma vem após sua realização. A preocupação em relação à primeira é que a pessoa não permita que uma *Mitsvá* seja adiada; que ao chegar o tempo de praticá-la, ou quando esta se apresentar, ou quando a intenção de praticá-la chegar à sua mente, se apresse em praticá-la sem permitir um grande lapso de tempo neste ínterim; cada minuto que passa pode trazer novos obstáculos à boa ação.

Os nossos Sábios, de abençoada memória, nos despertaram para esta verdade ao se referirem à coroação do Rei Salomão (*Bereshit Rabá* 76:2), em relação ao que David disse a Benaiáhu (1 Reis 1:33-36): "... e descei com ele (Salomão) a Guichon (para ungi-lo rei)", ao que respondeu Benaiáhu: "Amém! Seja essa a vontade do Santíssimo!". Rabi Pinchas perguntou em nome de Rabi Chanan de Seforis: "Não está dito (1 Crônicas 22:9), 'De ti nascerá um filho, que será um homem de paz' (uma profecia sobre o reinado de Salomão)?". A resposta é: "Muitos acontecimentos adversos podem ocorrer daqui até Guichon" (que podem dificultar a concretização desta profecia).

Portanto, foi assim que fomos advertidos por nossos Sábios, de abençoada memória (*Mechilta Shemot* 12:17): "'Zele sobre as *Matsót'* – da mesma forma quando uma *Mitsvá* se apresentar, não permita que ela envelheça" (*'Matsót'* – o pão ázimo da Páscoa – e *'Mitsvót'* – os mandamentos Divinos – em Hebraico, têm uma grafia igual); e (*Nazir* 23b): "O homem deveria sempre antecipar o cumprimento de uma *Mitsvá*, pois por ter a filha mais velha precedido a mais nova, mereceu antecipar quatro gerações de realeza em Israel"; e (*Pessachim* 4a): "Os zelosos antecipam-se às *Mitsvót*"; e (*Berachot* 6b): "Mesmo no Shabat o homem deve correr para a realização de uma *Mitsvá*". Está dito no *Midrash* (*Vayikrá Rabá* 11:8): "'Ele nos guiará eternamente', (Salmos 48:15): '... Ele nos guiará como (ágeis) donzelas' – ('eternamente' e 'como donzelas', em Hebraico, têm uma grafia igual) – como está dito (Salmos 68:26): '... no meio das donzelas que tocam tamborins'".

Praticar a Presteza constitui um altíssimo nível de desenvolvimento espiritual, e a natureza humana não permite que seja conseguida de uma só vez. No entanto, aquele que se fortalece conseguirá praticá-la no seu devido tempo. Por tê-la buscado e por ter lutado durante o tempo dedicado ao Seu serviço para alcançá-la, o Criador, bendito seja, outorgá-la-á como uma recompensa

A preocupação com a "Presteza após o início da ação" impele a pessoa, depois de ter iniciado uma *Mitsvá*, a se apressar em concluí-la; não por leviandade, como quem quer se livrar de um fardo, mas por temer que, de outro modo, poderia eventualmente não realizá-la. Os nossos Sábios, de abençoada memória, muitas vezes exortaram a isto (*Bereshit Rabá* 85:4): "Aquele que inicia uma *Mitsvá* e não a conclui é como se estivesse sepultando sua esposa e filhos"; e (*Ibid.*): "Uma *Mitsvá* somente é consignada àquele que a conclui". Disse o Rei Salomão, que a paz esteja com ele (Provérbios 22:29): "Viste um homem rápido em seu trabalho? Ele se apresentará perante reis. Não permanecerá entre gente obscura". Os nossos Sábios, de abençoada memória, renderam este tributo ao próprio Salomão (*San'hedrin* 104b) por ter se apressado na construção do Templo e por não ter atrasado sua realização. Comentário semelhante fizeram em relação a Moisés, devido à sua dedicação e entusiasmo no serviço do Tabernáculo (*Shir Hashirim Rabá* 1:2).

É importante observar que todas as ações dos justos são praticadas com entusiasmo. Em relação a Abrahão está escrito (Gênesis 18:6): "E correu Abrahão à tenda onde estava Sara e disse: 'Apressa-te...'". Com relação à Rebeca (*Ibid.* 24:20): "E apressou-se e esvaziou o seu cântaro...". E no *Midrash* (*Bamidbar Rabá* 10:17): "'E a mulher apressou-se' (Juizes 13:10) – isto nos ensina que todas as ações dos justos são realizadas rapidamente", os justos não deixam passar o tempo antes de começar ou concluir a realização das ações.

Aquele cuja alma clama por servir seu Criador não se retardará na prática de Seus mandamentos, de suas *Mitsvót* – os seus movimentos serão tão rápidos como os movimentos das labaredas do fogo; ele não repousará ou se deixará inerte até que a ação seja concluída. Além disto, assim como a dedicação e o entusiasmo podem resultar de uma chama interior, estes podem criá-la. Isto é, aquele que percebe uma aceleração ou estímulo em seus movimentos exteriores na prática de uma *Mitsvá*, condiciona-se a experimentar um ardente movimento interior, através do qual o anseio e o desejo de cumpri-la crescerão continuamente. No entanto, se ele for lento e preguiçoso em sua

movimentação, a chama de seu espírito se extinguirá. A experiência é um completo testemunho disto.

Sabemos que o mais desejável no serviço Divino é a vontade do coração e o anseio da alma. É em relação a este aspecto que David exultava (Salmos 42:2-3): "Como um cervo que anseia pelas fontes da água, assim minha alma Te busca, ó Deus meu. Ela está sedenta de Ti, ó Deus vivo..."; (Salmos 84:3): "Anseia e suspira minha alma pelos átrios do Eterno"; e (Salmos 63:2): "... sedenta de Ti está minha alma e meu corpo por Ti anseia...". Aquele em cuja alma não arde tal anseio, bem faria em se esforçar para que ele desperte e floresça; seus movimentos exteriores poderão despertar interiores. Embora cada um tenha mais controle de seu lado exterior do que de seu próprio interior, através daquilo que ela pode controlar, conseguirá também condicionar o que não está sob seu controle, fazendo com que floresça nela um júbilo interior, um desejo e um anseio pelo Eterno. Como diz o Profeta (Oséias 6:3): "Para que possamos conhecer, apressemo-nos para buscar o conhecimento do Santíssimo..." e (Oséias 11:10): "Atrás do Eterno andarás e rugirás como um leão".

Capítulo 8

As Maneiras de Alcançar a Presteza

Os meios para alcançar a Presteza e a agilidade são os mesmos utilizados para conseguir a Precaução; seus níveis também são semelhantes, conforme descritos anteriormente; suas funções são muito intimamente ligadas e não há distinção entre elas, exceto pelo fato de que uma trata dos mandamentos positivos e a outra dos negativos. Quando se entende como verdade o grande valor das *Mitsvót* e a responsabilidade em relação a elas, certamente o coração de cada um despertará ao serviço Divino e neste não fraquejará. Fortalecerá este despertar a ponderação sobre todas as coisas boas que Ele faz e as maravilhas que Ele opera para com cada um, desde o seu nascimento até seu derradeiro suspiro. Quanto mais a pessoa fizer tal exame e quanto mais ela se conscientizar disto, mais reconhecerá seu grande débito com Deus, que lhe outorga o bem e, então, sentir-se-á impelida a não esmorecer e descuidar de seu serviço ao Santíssimo. Por não Lhe poder retribuir devidamente, ela sentirá que o mínimo que pode fazer é exaltar o Seu Nome e cumprir Suas *Mitsvót*.

Não há nenhum homem, em qualquer circunstância, seja pobre ou rico, saudável ou enfermo, que não possa ver as maravilhas e os muitos benefícios existentes. O rico e o saudável devem ao Santíssimo, bendito seja, sua riqueza e sua saúde, respectivamente. O pobre também deve ao Santíssimo, pois mesmo em sua pobreza, Deus o sustenta e não permite que ele morra de fome. O enfermo deve a Deus porque Ele o fortalece exatamente pelo peso de sua doença e feridas, não permitindo que desça à sepultura. O mesmo acontece em todas as outras condições e circunstâncias. Assim, não existe pessoa alguma que não esteja em débito com o Criador. E quando chegamos a reconhecer o bem que Dele recebemos, certamente perceberemos a Presteza que devemos dedicar a Seu serviço, como já abordei anteriormente. Mais ainda, ao considerarmos que todo o nosso bem depende do Santíssimo, bendito seja, e que o atendimento a tudo que possamos precisar origina-se Dele e de mais ninguém, não esmoreceremos em nosso serviço Divino, para que não nos falte tudo aquilo que nos é essencial.

Observe que incluí em minhas palavras as três categorias que apresentei em relação à Precaução; pois a Presteza e a Precaução são, virtualmente, a mesma coisa e tudo que se aplica a uma, aplica-se à outra. Assim, mais uma vez, aqueles dotados de entendimento e compreensão, motivar-se-ão através de seu sentido de dever e por sua apreciação do valor e importância das ações em pauta; aqueles que estão num nível inferior, devido à sua ansiedade sobre a distribuição de honra no Mundo Vindouro e sobre a possibilidade de serem envergonhados no dia da recompensa, quando poderão ver tudo aquilo que poderiam ter alcançado e perderam; e todos, de uma maneira geral, por sua preocupação com este mundo e do que nele possam necessitar, como foi até aqui explicado.

Capítulo 9

Os Fatores que nos Desviam da Presteza

Os fatores são os mesmos que promovem a preguiça. O maior deles é o desejo pelo descanso físico – o que equivale a uma aversão ao esforço – e o amor aos prazeres, até seus últimos limites. Não há dúvida que a pessoa que viver sob o jugo destes fatores achará o serviço Divino uma pesadíssima carga. Aquele que quiser ter a sua refeição em completo relaxamento e repouso, dormir sem ser incomodado, andar somente num passo folgado e despreocupado e assim por diante, achará extremamente difícil acordar cedo para os serviços matutinos, ou abreviar seu jantar para poder orar o seu serviço vespertino antes do anoitecer, ou sair para praticar uma *Mitsvá* se o tempo não lhe convier. Mais relutante ainda estará tal pessoa para acorrer na realização de uma *Mitsvá* ou para o estudo da Torá! Aquele que se habitua a tais práticas deixa de ser dono de si próprio e não consegue fazer o contrário, mesmo que o deseje, quando bem lhe aprouver, pois sua vontade está tão presa a seus hábitos, que estes acabam por tornar-se sua segunda natureza. A pessoa deve entender que não está neste mundo para repousar, mas para trabalhar e se esforçar. Ela deveria conduzir-se conforme os trabalhadores que laboram sob contrato, como está dito (*Eruvin* 65a): "Somos trabalhadores diaristas", e conforme os soldados na frente de batalha, que comem apressadamente, dormem apenas a intervalos irregulares e estão sempre posicionados em alerta contra o ataque. Com referência a isto, está dito (Jó 5:7): "O homem nasceu para trabalhar". Se a pessoa se acostuma a isto, certamente achará fácil o serviço Divino pois, para tanto, não lhe faltará a atitude apropriada ou a adequada preparação. Os nossos Sábios, de abençoada memória, neste mesmo contexto, citam (*Avot* 6,4): "Este é o caminho da Torá – coma pão com sal, beba água com medida e durma sobre o chão". Este regime constitui o resumo do afastamento dos confortos e prazeres.

Outro obstáculo à Presteza é a apreensão e o temor em relação ao que o tempo pode trazer, de tal forma que, por um tempo tema o frio ou o calor, em outro momento, acidentes, em outro uma doença, em outro o vento, e assim por diante. Como disse

Salomão, que a paz esteja com ele (Provérbios 26:13): "Diz o preguiçoso: 'Há uma leoa no caminho, um leão pelas praças!'". Nossos Sábios, de abençoada memória, destacaram a degradante natureza deste predicado, atribuindo-o aos pecadores e transgressores. Isto é enfatizado nas Escrituras (Isaías 33:14): "Os pecadores em Sião ficaram atemorizados; um tremor tomou conta dos maldosos". Um dos baluartes de nosso povo, ao notar que um de seus discípulos estava nas garras do medo, disse-lhe (*Berachot* 60a): "Tu és um pecador". A conduta apropriada é (Salmos 37:3): "Confie no Eterno e faça o bem; habite na terra e nutra-se com a fé".

Em suma, não deveríamos nos enraizar no mundo, e sim cultivar raízes no serviço Divino. Em relação ao que o mundo traz, deveríamos estar satisfeitos e prontos a enfrentar o que se interpusesse em nosso caminho; manter-nos distantes do ócio e próximos do trabalho e da labuta; nosso coração deveria confiar com plenitude em Deus e não temer o futuro, bem como tudo aquilo que o porvir pode trazer.

Entretanto, os Sábios instruem em todas as ocasiões para que a pessoa cuide de seu bem-estar e que não se exponha ao perigo, ainda que ela seja justa e praticante de boas ações, e afirmam (*Ketubót* 30a): "Tudo está nas mãos dos Céus, exceto os calafrios e a febre"; e a Torá afirma (Deuteronômio 4:15): "E guardareis muito vossas almas..." – tudo indicando que a pessoa não deve estender a confiança em Deus a esta área, mesmo quando (como estabelecem ainda os nossos Sábios) uma *Mitsvá* está por ser praticada – e que existem diferentes tipos de medos. Há o medo apropriado e justificado, e há o medo tolo. Existe a confiança e existe a negligência e o descuido. O Santíssimo, bendito seja, investiu no homem uma inteligência clara e patente, e discernimento, possibilitando-lhe que siga pelo caminho reto e proteja-se dos instrumentos que possam vir a feri-lo, os quais foram criados para punir os maldosos. Aquele que não se guia pela sabedoria e se expõe aos perigos, demonstra negligência e descuido, e não confiança; isto faz dele um pecador, pois zomba da vontade do Criador, bendito seja, que deseja que o homem se proteja. Isto tudo sem falar do fato que, em razão de seu descuido, fica vulnerável ao perigo inerente oferecido pelo objeto que o ameaça; ele atrai para si a penalidade e a punição ao pecado por ele cometido, fazendo com que daí se origine a dor.

Medo e Temor

O tipo de temor e de proteção pessoal apropriados são aqueles que advém das elaborações da sabedoria e da inteligência – é o tipo que está assim descrito (Provérbios 22:3): "O sábio vê o mal e se esconde; os ingênuos vão em frente e sofrem o dano". O "temor tolo" é representado pelo desejo de acumular proteções sobre proteções, medos sobre medos, chegando a ponto de criar uma proteção para suas proteções, negligenciando a Torá e o serviço Divino. O critério pelo qual se distingue os dois tipos de medos é aquele implícito na declaração de nossos Sábios, de abençoada memória (*Pessachim* 8b): "Onde há uma probabilidade de perigo, a situação é diferente ". Isto é, onde houver uma reconhecida possibilidade de mal, de prejuízo, ou ferimento, a pessoa deve ser cuidadosa e estar atenta; porém, quando não houver perigo aparente, a pessoa não deve sentir temor. Neste sentido, está dito (*Chulin* 56b): "Não devemos pressupor uma imperfeição onde não a vemos", e (*Baba Batra* 131a): "O sábio deve guiar-se apenas por aquilo que seus olhos podem ver". Eis a verdadeira intenção do versículo acima mencionado: "O sábio vê o mal e se esconde...". O que se deduz é que devemos nos esconder do mal que pode ser visto, e não daquele que poderia, eventualmente, materializar-se. É exatamente esta a intenção à qual nos referimos há pouco: "Diz o preguiçoso: 'Há uma leoa no caminho...'" e que os nossos Sábios, de abençoada memória, interpretaram para ilustrar até onde o vão temor pode chegar, fazendo com que o homem se afaste da boa ação (*Devarim Rabá* 8:7): "Salomão falava sobre sete coisas em relação ao preguiçoso: se as pessoas disserem ao preguiçoso: 'Seu professor está lá na cidade; vá até lá e com ele aprenda a Torá', ele responde: 'Tenho medo da leoa que está no caminho'. Se as pessoas disserem: 'Seu professor está aqui na aldeia', ele responde: 'Tenho medo do leão que está pelas praças'. Se as pessoas disserem: 'Seu professor está em sua casa', ele responde 'Se eu for até lá, encontrarei a porta trancada...'". Vemos, assim, que não é o medo que leva à preguiça, mas a preguiça que conduz ao medo.

A experiência cotidiana nos mostra tudo isto. Para a grande maioria das pessoas é óbvio e sabido que o tipo de atitudes e posturas às quais nos referimos são aquelas que governam os tolos. A pessoa consciente e perspicaz, e o homem dotado de compreensão, reconhecerão a veracidade do que foi dito

Acredito ser a discussão que apresentamos há pouco, no que se refere à Presteza, suficiente para alcançar o coração. Aquele que já é sábio ampliará sua sabedoria.

Devemos notar que a Presteza está apropriadamente colocada num nível acima da Precaução pois, geralmente, a pessoa não terá Presteza antes ter adquirido o senso de Precaução. Aquele que não se concentra em ser Precavido em seus atos e não tem consideração pelo serviço Divino (sendo tal concentração, como já vimos, um traço da Precaução), achará muito difícil envolver-se com amor e anseio pela Presteza fervorosa ante Seu Criador; tal pessoa ainda está imersa nos desejos terrenos e físicos, sujeita à inclinação de seus hábitos, que a afastam de tudo isto. No entanto, depois que seus olhos se abrirem, possibilitando-lhe analisar seus atos e de ser precavido na prática de suas ações, fazendo um balanço entre as boas ações e as más ações praticadas, terá mais facilidade em distanciar-se do mal e ansiar pela Presteza ao bem.

O Conceito de Integridade (*Nekiut*)

Este conceito é alcançado pela pessoa que está completamente isenta de traços negativos e de pecados; não apenas os que como tal são reconhecidos, mas também aqueles que, racionalmente, parecem ser atos legítimos, mas quando encarados com honestidade, mostram que foram admitidos apenas para atender ambições e desejos do coração ainda não totalmente liberto das paixões terrenas, que provocam um relaxamento nos padrões e critérios de julgamento. Aquele que estiver inteiramente livre desta aflição e isento de qualquer vestígio ou traço do mal que a ambição deixa atrás de si, possuirá uma visão suficientemente clara para não se deixar influenciar pelo desejo, reconhecendo o mal e dele se afastando, repelindo qualquer pecado, por menor que seja seu grau de transgressão. Por isto os nossos Sábios, de abençoada memória, referiam-se a estas pessoas, que purificavam tanto suas ações a ponto de não deixar nelas o menor vestígio de mal, como (*San'hedrin* 23a) "os homens de mente limpa de Jerusalém".

Agora será possível notar a diferença entre o Precavido e o Íntegro (embora ambos estejam intimamente relacionados). O primeiro é Precavido quanto a prática de seus atos, para que não transgridam o que for universalmente reconhecido como pecaminoso; no entanto, ele ainda não possui completo domínio sobre si mesmo para evitar que seu coração seja arrastado pela ambição e pelo desejo, e o leve a racionalizar e aceitar como válidos atos cujo mal não é tão claro. Ainda que ele se esforce para vencer sua inclinação malévola e dominar seus desejos, não eliminará apenas com este esforço as paixões terrenas de seu coração. Tudo o que poderá fazer será superá-las e não se deixar governar por elas, mas sim pela razão. No entanto, as trevas das coisas terrenas continuarão presentes em suas ações. Porém, quando a pessoa se habitua à Precaução a ponto de se purificar completamente dos pecados e transgressões, e se acostuma à total dedicação ao serviço Divino, fazendo com que o amor e o anseio por seu Criador cresça e se fortaleça em seu interior, a força deste hábito o levará mais adiante, afastando-a cada vez mais das questões terrenas e mundanas, voltando sua mente para a busca da

perfeição espiritual. Assim, ela conseguirá finalmente chegar à Integridade, um estado no qual o desejo físico é extinto de seu coração, através do seu fortalecimento interior pelo anseio por Deus. Sua perspectiva, a partir daí, possuirá a pureza e a claridade às quais me referi há pouco. Ela não será iludida ou enganada; ela não será alcançada ou atingida pelas trevas terrenas, e suas ações serão absolutamente Íntegras.

David regozijou-se com esta característica e disse (Salmos 26:6): "Em pureza lavo minhas mãos e circundo Teu altar, ó Eterno". Em verdade, só é merecedor desta afirmação aquele que está isento de qualquer vestígio ou traço de pecado ou transgressão aos olhos de Deus, o Rei; a falta de tal isenção traria vexame e desgraça à pessoa ante o Santíssimo. Como disse Ezra, o Escriba (Ezra 9:6): "Meu Deus, estou coberto de vergonha e confusão ao levantar a minha face para Ti...". Indiscutivelmente, a busca pela perfeição neste sentido exige muito esforço e trabalho; as transgressões reconhecidas e os pecados bem conhecidos são bem fáceis de ser evitados, uma vez que sua maldade é aparente. Porém, a análise que a Integridade requer é das mais difíceis, pois o pecado envolvido, como enfatizei há pouco, está oculto, escondido atrás da procura de facilidades. Como disseram os nossos Sábios, de abençoada memória (*Avodá Zará* 18a): "Os pecados sobre os quais a pessoa caminha a cercarão à época do julgamento". E foi neste sentido que eles disseram (*Baba Batra* 165a): "Muitos sucumbem ao pecado do furto, poucos ao pecado da relação ilícita, e todos à 'poeira' da calúnia e da difamação". Estas últimas, em razão da grande sutileza de sua natureza e de sua concomitante dissimulação, levam muitos a sucumbir. Nossos Sábios, de abençoada memória, nos dizem (Introdução a *Eichá Rabati* 30) que David era Precavido e Íntegro e que por isto partiu para a guerra com grande confiança, pedindo (Salmos 18:38): "Persegui os meus inimigos e os alcancei, e nunca voltei até os destruir", algo que Josafá, Asa e Ezequias não pediram, pois não tinham alcançado o mesmo grau de Integridade. Como o próprio David denota em sua declaração (*Ibid.* 21): "Recompensou-me o Eterno conforme a minha retidão; conforme a pureza de minhas mãos me retribuiu". E, mais uma vez (*Ibid.* 25): "E o Eterno me retribuiu segundo a minha justiça; conforme a pureza de minhas mãos ante Seus olhos". Aqui David se refere ao mesmo tipo de pureza e Integridade, e continua (*Ibid.* 30): "Pois Contigo eu destruo um exército..." e (*Ibid.* 38) "Eu persegui meus inimigos e os derrotei...". E repete (Salmos 24:3): "Quem subirá ao monte do Eterno? E quem estará no Seu santo Lugar? Aquele cujas mãos são limpas e cujo coração é puro...".

Certamente, é difícil conseguir este predicado, pois a natureza do homem é fraca. Seu coração é facilmente seduzido e o homem é levado a fazer e se expor a coisas que propiciam sua queda. Aquele que tenha conseguido obter a virtude da Integridade terá, sem dúvida, chegado a um altíssimo nível de realização, pois conseguiu manter-se em pé numa feroz batalha, saindo vitorioso dela.

Discutiremos, a seguir, algumas particularidades desta virtude.

Capítulo 11

As Particularidades do Conceito de Integridade

São muitos os itens abrangidos pela Integridade, estando todos eles incluídos nos 365 mandamentos negativos. Como já abordei anteriormente, o objetivo desta característica é a isenção e a limpeza de todas as formas de pecado e transgressão. No entanto, embora a inclinação malévola leve o homem à prática de todos os tipos de pecado, existem alguns que a natureza da pessoa torna-os mais atrativos e, consequentemente, se apresentam a ele de forma mais fácil à racionalização. Em relação a estes, é necessário um fortalecimento adicional para que seja possível vencer sua inclinação malévola e para que se isente do pecado. Com referência a isto, os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Chaguigá* 11b): "Existe no interior da pessoa um desejo e um anseio pelo furto e pela relação ilícita". Embora observemos que a maioria das pessoas não é composta de flagrantes ladrões, no sentido de, abertamente, roubar pertences de seu próximo, muitas sentem o sabor do furto no decorrer de seus negócios, permitindo-se obter lucros e vantagens às custas dos prejuízos de seus semelhantes, alegando: "Nos negócios, as coisas são diferentes!".

Entretanto, muitas proibições foram estabelecidas em relação ao furto: "Não roubarás", "Não oprimirás", "Não negarás", "Não levantarás falso testemunho contra teu próximo", "Não enganarás o teu próximo", "Não invadirás as fronteiras de seu próximo". Estas várias leis que fazem referência ao furto ou ao roubo acontecem em muitos dos tipos mais comuns de transações e em relação às quais existem muitas proibições. Qualquer ação de opressão ou roubo, ainda que não clara ou evidente, é proibida; além disso, quaisquer coisas que conduzam a tal ação e façam com que ela possa ser realizada, também estão incluídas na proibição. Com referência a isto, os nossos Sábios disseram (*San'hedrin* 81a): "'...ele não desonra a mulher do próximo' (Ezequiel 18:15) – ele não cometeu infração sobre o seu próximo". Rabi Iehudá proibiu um comerciante de distribuir guloseimas às crianças para que elas se acostumassem a vir até ele; outros Sábios permitiam desde que seus concorrentes pudessem também fazer o mesmo (*Baba Metsia* 60a). Os nossos

Sábios, de abençoada memória, também disseram (*Baba Batra* 88b): "Roubar de uma pessoa é pior do que roubar de Deus, pois ao fazê-lo, o pecado é cometido antes da profanação...". Eles também dispensaram os trabalhadores contratados da bênção sobre o pão e da bênção após as refeições. Mesmo no caso do *Shemá*, eles faziam com que os trabalhadores deixassem o trabalho apenas para recitarem a primeira parte (*Berachot* 16b). Assim, depreende-se que um trabalhador não tem o direito de interromper o trabalho a ele atribuído em função de considerações mundanas e que, se assim o fizer, ele será considerado ladrão. Aba Chilkiya sequer retribuía os cumprimentos de seus alunos para que o trabalho que estava fazendo pelo próximo não fosse interrompido (*Taanit* 23b). E nosso patriarca Jacob, que a paz esteja com ele, claramente declarou em relação a seu trabalho paraLabão (Gênesis 31:40): "De dia consumia-me o calor e a geada de noite, e o meu sono fugia de meus olhos". O que dirão, então, aqueles que se ocupam de seus prazeres e abandonam o trabalho? Ou aqueles que durante o seu período de trabalho empenham-se em seus próprios negócios visando ganhos pessoais?

Em resumo, se alguém é contratado por seu próximo para desempenhar qualquer tipo de trabalho, todas as suas horas do período contratado foram vendidas para o seu empregador. Como dizem nossos Sábios, de abençoada memória (*Baba Metsia* 56b): "Ser contratado equivale a vender-se pelo período contratado". Qualquer utilização daquelas horas para benefício próprio, seja como for, será considerado puro roubo; e, em tal caso, se o seu empregador não o perdoar, ele não será perdoado. Como nos ensinaram nossos Mestres, de abençoada memória (*Ioma* 85b): "O Dia da Expiação não repara o pecado praticado pelo homem contra seu próximo até que ele o perdoe". Mais ainda: mesmo que a pessoa pratique uma *Mitsvá* durante seu expediente de trabalho, esta não lhe será creditada como justa, mas, pelo contrário, será punida como uma transgressão. Uma transgressão não pode ser uma *Mitsvá*. Está escrito (Isaías 61:8): "... e detesto o roubo e a injustiça...". Neste sentido, os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Baba Cama* 94a): "Aquele que rouba uma medida de trigo, mói, assa-a e sobre o pão faz a bênção, esta não pode ser como tal considerada; mas sim uma blasfêmia; assim como está escrito (Salmos 10:3): '... e o iníquo que abençoa, blasfema contra o Eterno". Assim como se costuma dizer: "Aflija-se aquele cujo defensor se torna seu acusador". Ou ainda, como diziam os nossos Sábios, de abençoada memória (*Ierushalmi Sucá* 3:1) em relação a um *Lulav* (ramo de tamareira) roubado: roubar um objeto é considerado roubo e roubar tempo também é considerado roubo; seja um objeto roubado usado para uma *Mitsvá*, seja o tempo roubado igualmente usado –seu defensor passa a ser seu acusador.

Honestidade

O Santíssimo, bendito seja, deseja apenas a honestidade, como está dito (Salmos 31:24): "O Eterno guarda Seus fiéis!...", e (Isaías 26:2) "Abri as portas! Deixai entrar uma nação justa, que mantém a fidelidade", e (Salmos 101:6) "Buscam meus olhos os fiéis da terra, para que comigo habitem...", e (Jeremias 5:3) "E o Teu olhar, Eterno, não é só para a sinceridade?". Mesmo Jó disse sobre si mesmo (Jó 31:7): "Meus passos se desviaram do caminho? Meu coração seguiu meus olhos? Alguma nódoa se apegou às minhas mãos?". Repare a beleza desta comparação: o roubo disfarçado, oculto ou encoberto é comparado a algo que gruda, que fica impregnado na mão da pessoa. Embora ela não tenha tido a intenção de praticá-lo, permanece o fato de a transgressão estar em sua mão. Ainda assim, embora a pessoa não tenha, de fato, saído para roubar, é difícil que suas mãos fiquem limpas, isentas do ato de roubar, pois os olhos, ao invés de serem conduzidos pelo coração para que estes não encontrem prazer naquilo que pertença a outros, levam o coração a encontrar razões para buscar a posse daquilo que lhes parece belo e desejável. Na verdade, Jó está a nos mostrar que ele, de fato, não se comportou assim, que seu coração não seguiu seus olhos e que, portanto, nada se grudou em suas mãos.

Analisemos a questão do engano. Como é fácil uma pessoa enganar a si mesma e cair nas garras do pecado! Parece-lhe adequado fazer com que os seus produtos sejam atraentes às pessoas e assim conseguir vantagens em razão de seus esforços, tal como faz para "argumentar" junto a um potencial comprador de seu produto, tornando-o mais receptivo e propenso à compra; isto acontece muito em função de citações populares, tais como (*Pessachim* 50b): "As vantagens daquele que é rápido" e (Provérbios 10:4) "... a mão dos diligentes adquire a riqueza". Porém, se a pessoa não analisar e ponderar cuidadosamente suas ações, gerará espinhos ao invés de trigo, pois estará transgredindo e se tornará vítima do pecado do engano, sobre o qual fomos advertidos (Levítico 25:17): "E não enganareis cada um ao seu companheiro...". Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram que (*Chulin* 94a) também é proibido enganar um não judeu. Está escrito (*Sofonias* 3:13): "Os remanescentes de Israel não praticarão a injustiça e a iniquidade, e não mais contarão mentiras nem mais sairão de suas bocas palavras enganadoras". Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Baba Metsia* 60a): "É proibido pintar velhos vasos para dar-lhes aparência de novos. É proibido misturar os frutos de um campo com os de outro, embora tanto uns quanto os outros sejam igualmente frescos, e embora

eles valham um *dinar* e um *tresis* por unidade, e a combinação de ambos seja vendida por apenas um *dinar* por unidade". E (Deuteronômio 25:16): "... todo aquele que fizer isto, todo aquele que fizer falsidade". Cinco designações foram aplicadas a tais pessoas (*Sifra* 19:35): "errados", "detestáveis", "abomináveis", "desprezíveis" e "odiosos". Os nossos Sábios disseram ainda mais (*Baba Cama* 119a): "Mesmo que a pessoa roube menos que uma *prutá* (centavo) de seu semelhante, é como se tivesse tirado sua alma". Esta declaração revela-nos a severidade deste pecado, ainda que envolva um valor insignificante. E, mais uma vez, nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Taanit* 7b): "Até mesmo as chuvas são impedidas de cair em razão do pecado do roubo", e novamente (*Vayikrá Rabá* 33:3): "Qual o mais grave dos pecados existentes num cesto de pecados? O roubo!". Como nos é mostrado (*San'hedrin* 108a): a sentença resultante do julgamento da geração do Dilúvio foi selada apenas em decorrência do pecado do roubo.

Se nos perguntarmos: "Como é possível que, em nossos negócios, não tentemos influenciar favoravelmente um potencial comprador de nosso produto, seja quanto à qualidade do produto ou seu valor de venda?", saiba que uma grande diferença deve ser estabelecida. O esforço aplicado para mostrar ao comprador o verdadeiro valor e beleza do objeto é adequado e apropriado; porém, o que venha a ser feito para disfarçar ou encobrir as imperfeições daquele objeto constituirá um engano, ou uma fraude e, portanto, é proibido. Trata-se de um princípio elementar em termos de honestidade comercial. Isto sem mencionar a desonestidade e má fé no que tange a pesos e medidas, em relação às quais está claramente escrito (Deuteronômio 25:16): "Porque abominação é ao Eterno, teu Deus, todo aquele que fizer isto, todo aquele que fizer falsidade". Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Baba Batra* 88b): "A punição por pesos e medidas desonestos é mais severa do que a das relações ilícitas...", e (*Ibid.* 88a): "O comerciante mercador deve limpar seus padrões de medida a cada trinta dias". Por que isto deve ser feito? Para que os compradores não recebam, inadvertidamente, menos do que aquilo pelo qual pagaram e para que o comerciante não seja punido.

Tudo isto, naturalmente, se aplica ao pecado da usura (*Baba Metsia* 71a), que é tão grande quanto o pecado da negação do Deus de Israel, que Deus nos livre! Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Shemot Rabá* 31:6) com referência ao versículo (Ezequiel 18:13): "Deverá viver aquele que deu com usura e tomou juros? Ele não deverá viver", que aquele que cobrou juros não experimentará a ressurreição dos mortos, pois tanto ele como seu pó são abomináveis e odiosos aos olhos do Santíssimo. Acho

desnecessário continuar dissertando acerca deste pecado, pois sua terrível natureza é sentida por todos os judeus.

Resumindo: tão grande quanto o desejo pela aquisição, igualmente grandes são as muitas armadilhas que se apresentam; e para que a pessoa esteja delas completamente isenta, deverá praticar uma seria análise e valer-se de muito critério e muita ponderação. Se a pessoa livrar-se deste desejo, terá conseguido alcançar um altíssimo nível de realização. Há muitos que conseguem a santidade em muitas áreas, mas que não conseguem a perfeição em disfarçar lucros e vantagens desonestas. Como disse Tsofar, o naamateu, a Jó (Jó 11:14-15): "... se lançares para longe de ti a maldade que está em tua mão e não deixares alojar-se a injustiça em tua tenda, então poderás levantar teu rosto sem mancha, estarás firme e nada temerás...".

Relações Ilícitas

Tratamos, até aqui, das particularidades de apenas uma das *Mitsvót*. Não há dúvida que cada uma das *Mitsvót* leva a tais análises. No entanto, faço referência apenas àquelas às quais a maioria das pessoas geralmente negligencia ou omite.

Passaremos agora a analisar o pecado das relações ilícitas, que também está incluído entre os mais graves, vindo logo após o de roubar, conforme está revelado na declaração de nossos Sábios, de abençoada memória (*Baba Batra* 165a): "A maioria sucumbe ao pecado do roubo, uma minoria ao pecado da relação ilícita."

Não é pequeno o esforço exigido daquele que quer isentar-se e estar completamente limpo deste pecado, pois sua proibição não se limita somente ao próprio ato em si, mas também a tudo que possa ensejá-lo, como está claramente declarado nas Escrituras (Levítico 18:6): "Nenhum de vós se chegará àquele que lhe é próximo por carne, para descobrir sua nudez". Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Shemot Rabá* 16:2): "Disse o Santíssimo, bendito seja: 'Não diga: Porque não posso viver com uma mulher, eu a abraçarei e estarei isento do pecado; ou, eu a beijarei e estarei isento do pecado'". O Santíssimo, bendito seja, disse: "Assim como um Nazireu que promete não beber vinho, fica proibido também que coma uvas ou uvas-passas, que beba suco de uva ou que compartilhe algo que tenha vindo da videira, assim também é proibido que qualquer mulher, exceto sua própria esposa, seja tocada; aquele que tocar uma mulher, que não a sua própria, atrairá a morte para si".

Perceba quão belas são estas palavras! A proibição às relações ilícitas é comparada ao caso do Nazireu em que, apesar da essência da proibição envolver apenas a ingestão do vinho, a Torá o proíbe de qualquer coisa que tenha a ver com o vinho. Através daquilo que diz com referência ao Nazireu, a Torá ensina aos Sábios como levantar "uma cerca ao redor da Torá", por meio da implementação da autoridade a eles investida para reforçar os mandamentos da Torá. Ao usar o caso do Nazireu como um protótipo, a Torá instrui os Sábios a proscrever, po causa da proibição principal, qualquer coisa que seja semelhante a ela. Para que a vontade de Deus possa ser revelada nesta questão, a Torá fez, em relação à *Mitsvá* do Nazireu, aquilo que ela autorizou aos Sábios fazer em relação a todas as demais *Mitsvót*, ou seja, a proibição de quaisquer coisas que se pareçam ou se aproximem da natureza daquilo que está proscrito, deduzindo daquilo que é afirmado novas conclusões

que não estavam explícitas nelas. Ao aplicar este princípio à questão das relações ilícitas, os Sábios proibiram tudo aquilo que tenha alguma conexão ou ligação com elas, ou que a elas se assemelhe, independentemente de qual seja o meio, atos ou ações, pela visão, por palavras, pela audição ou até mesmo pelo pensamento.

Justificarei a seguir o que discutimos até aqui, fazendo referência às palavras de nossos Sábios, de abençoada memória:

AÇÃO: Ou seja, tocar, abraçar ou coisas equivalentes. Isto já foi abordado nos comentários anteriores, não havendo pois necessidade de nos estendermos.

VISÃO: Os nossos Sábios disseram (*Berachot* 61a): "Como está dito (Provérbios 11:21): 'Cedo ou tarde, o mau não ficará impune' – aquele que passa moedas de sua mão para a mão de outra para que possa olhá-la, não se isentará do julgamento do *Gehinom*". E novamente (*Shabat* 64a): "Por que os judeus daquela geração precisaram de expiação? – porque eles encheram seus olhos de impureza". Disse Rabi Sheshet (*Berachot* 24a): "Por que as Escrituras (Números 31:50) relacionam os adornos exteriores junto com os ornamentos interiores? – Para nos ensinar que olhar para o dedo mínimo de uma mulher é como se estivéssemos olhando para sua nudez". E novamente (*Avodá Zará* 20a): "Como está dito (Deuteronômio 23:10): '... guardar-te-ás de toda coisa má' – um homem não deverá fitar uma bela mulher, mesmo que ela seja solteira, assim como não deverá fitar uma mulher casada, mesmo que ela seja feia".

PALAVRAS: Está claramente firmado (*Avot* 1,5): "Aquele que, mesmo à distância, conversa com uma mulher, atrai o mal sobre si".

AUDIÇÃO: (*Berachot* 24a): "O canto de uma mulher é considerado como a nudez". Com referência à "fornicação da boca e do ouvido", isto é, falar ou ouvir obscenidades, nossos Sábios "gritaram como grous" (*Ierushalmi Terumot* 1:4): "Como está dito (Deuteronômio 23:15): '... para que Ele não veja em ti coisa indecente e se aparte de ti'; a indecência de palavras, o pronunciamento de obscenidades". Assim como (*Shabat* 33a): "Por causa do pecado da palavra obscena, os problemas se renovam e os jovens de Israel morrem, que Deus nos livre". E (*Ibid.*): "Àquele que suja a boca, aprofunda-se o *Gehinom*". E ainda (*Ibid.*): "Todos sabem por que uma noiva vai ao dossel nupcial, porém quem fala sobre isto, de forma obscena, terá seus setenta anos de benesses convertidos em maldade". E (*Chaguigá* 5b): "Até mesmo a mais cotidiana conversa entre marido e mulher será levada

em consideração na época de seu julgamento". No que se refere a ouvir obscenidades, dizem eles (*Shabat* 33a): "Mesmo aquele que ouve e fica quieto, como está dito (Provérbios 22:14): 'Cova profunda é a boca de uma mulher estranha, onde cai aquele contra quem o Santíssimo está irado'". Vemos assim que todas as faculdades e sentidos da pessoa devem estar puros e isentos de obcenidades, bem como de tudo aquilo que possa estar relacionado ou associado a ela.

Se alguém alega que as afirmativas dos sábios em relação às palavras obscenas têm apenas por objetivo amedrontar a pessoa para afastá-la do pecado, ou que destinam-se somente àquelas pessoas facilmente excitáveis, que ao falarem obscenidades são induzidas à luxúria, mas não àquelas que apenas o fazem por gracejo e que neste caso nada há a temer, responda-lhe que suas palavras provém de sua inclinação malévola; pois os Sábios aduziram um explícito versículo que dá sustentação às suas afirmações (Isaías 9:16): "Por isso mesmo o Santíssimo não se alegrará com os jovens... pois todo o mundo é perverso e malvado, toda boca só fala obscenidades".

Este versículo não menciona a idolatria, nem o relacionamento ilícito, nem o assassinato, mas fala da perversidade, da malvadeza e da articulação de obscenidades, todos os pecados da boca em sua capacidade de falar. É em função de tais pecados que a determinação vai ainda mais longe: "Por isso mesmo o Santíssimo não se alegrará com os jovens, nem terá compaixão pelo órfão e pela viúva...".

Assim, a verdade é aquela ensinada por nossos Mestres, de abençoada memória, ou seja, que a articulação de obscenidades representa a mais vergonhosa utilização das faculdades da fala, e foi proibida por representar um tipo de fornicação, juntamente com todos os outros tipos do mesmo grupo e que, embora estejam fora da categoria da prática de relações ilícitas, propriamente ditas (como se denota por não estarem sujeitas à penalidade do "isolamento" ou da pena de morte), não deixam de ser também intrinsecamente proibidas; além do fato que isto também conduz e enseja o próprio pecado principal, tal como no caso do Nazireu mencionado no *Midrash* acima.

PENSAMENTO: Nossos Sábios já disseram no início de nossa Baraita (*Avodá Zará* 20b): "Como está dito (Deuteronômio 23:10): '... guardar-te-ás de toda coisa má'; o homem não deveria ter pensamentos malévolos durante o dia...". E também (*Ioma* 29a): "Os pensamentos por trás do pecado são piores do que o próprio pecado". As Escrituras

afirmam claramente (Provérbios 15:26): "Os pensamentos maus são abominação para o Santíssimo...".

Tratamos até aqui de dois tipos perigosos de pecado, cujas várias formas são como obstáculos no caminho da retidão, tanto devido às suas inúmeras modalidades como em razão da forte inclinação à luxúria que o coração manifesta.

Alimentos Proibidos

O pecado que vem a seguir, depois do roubo e das relações ilícitas, é o da ingestão de alimentos proibidos – tanto aqueles considerados ritualisticamente impuros, como uma mistura que contenha tais ingredientes, ou uma combinação de carne com leite, ou sebo, sangue, iguarias preparadas por gentios ou os utensílios por eles usados, ou vinho utilizado em suas oferendas ou para seu consumo. A Integridade em relação a tudo isto exige um cuidadoso exame em relação ao que se pretende comer, além de um considerável autocontrole, porque existe no coração uma espécie de tendência à luxúria para a comida sofisticada e porque a pessoa, às vezes, poderia sofrer um prejuízo financeiro em função dessas misturas praticadas.

As proibições em relação aos alimentos não permitidos também envolvem diversos detalhes, como se depreende de todas as leis normalmente conhecidas e que são abordadas na legislação (*Halachá*). Quem for leniente (mole) em relação a estas leis, embora tenha sido claramente instruída a ser rigorosa, estará destruindo sua alma. Como está declarado na *Sifra* (*Shemini*): "Como está dito (Levítico 11:43): '... não vos façais impuros com eles e não sejais impuros por eles'; se vos tornardes impuros com eles, finalmente vos tornareis parte de sua impureza". Os alimentos proibidos carregam a própria impureza para dentro do coração e da alma, fazendo com que a santidade do Eterno, bendito seja, se afaste, como está dito no Talmud (*Ioma* 39a): "Onde se lê: '.... vos tornardes impuros com eles', entenda-se: '....vos tornardes entorpecidos por eles'". O pecado entorpece, aniquila o coração, fazendo com que dele se afaste o verdadeiro conhecimento e espírito da sabedoria que o Santíssimo, bendito seja, outorga aos Santos (assim como está dito em Provérbios 2:6: "Porque é o Santíssimo quem dá a Sabedoria..."), e assim ele continua seu caminho pelo mundo, grosseiro e sem valores morais. Neste sentido, os prejuízos causados por alimentos proibidos são os piores, pois eles penetram no corpo da pessoa, tornando-se carne de sua própria carne. Com a finalidade de nos instruir de que isto não se aplica apenas aos animais impuros, mas também àqueles animais que, embora estejam na categoria de "permitidos", são ritualisticamente impuros, as Escrituras nos dizem (Levítico 11:47): "... para separar entre o impuro e o puro...", sobre o que os nossos Mestres, de abençoada memória, comentam (*Sifra ad loc.*): "Não há necessidade em destacar as diferenças existentes entre um asno e uma vaca. Assim, qual o significado de 'entre o impuro e o puro'? – Entre aquilo que para

você é impuro ou puro; entre cortar a maior parte da traqueia (que é a exigência legal para que o abate seja considerado *Casher*) e cortar a metade; e se a pergunta é: qual a diferença entre a maior parte e a metade? – a resposta é: a espessura de um fio de cabelo". O motivo que os levaram a tais conclusões ("Qual a diferença entre a 'maior parte' e...") foi para mostrar quão assombroso é o poder das *Mitsvót*; que a espessura de um fio de cabelo é o que representa a diferença entre o impuro e o puro.

Qualquer pessoa sensata verá o alimento proibido como um veneno, ou como um alimento ao qual algum tipo de veneno está associado. Será que alguém, em sã consciência, permitir-se-ia compartilhar tal alimento? Se pairasse qualquer suspeita ou até mesmo a mínima dúvida, certamente não ousaria ingerir tal alimento, pois se assim o fizesse, ele seria considerado um grande tolo. Como já foi explicado, o alimento proibido é tóxico ao coração e à alma. Quem, então, dotado de inteligência, permitir-se-ia ingerir um alimento cuja permissibilidade fosse questionável? Com referência a isto, está dito (Provérbios 23:2): "...mete a faca à garganta se és dado à gula...".

Passamos agora a discutir os pecados mais comuns que se originam dos relacionamentos entre as pessoas e as sociedades por elas formadas. Entre estes, temos: a opressão verbal, a desonra, o mau aconselhamento, a intriga, a difamação, a calúnia, o ódio, a vingança e a desforra, o falso testemunho, a mentira e a profanação do Nome de Deus. Quem pode dizer: "Estou Limpo destes pecados; sou puro e isento de qualquer transgressão a tais pecados"? Suas nuances são tantas e tão sutis que a Precaução para evitar tais pecados é extremamente difícil.

Opressão Verbal

No pecado da tirania e opressão verbal inclui-se o ato de envergonhar o próximo mesmo em conversa privada; mais ainda ao envergonhá-lo em público ou fazer-lhe algo que o leva a ser envergonhado publicamente. Como está dito em *Perec Hazahav* (*Baba Metsia* 58b): "Àquele que se arrependeu não se deve dizer-lhe: 'Lembre-se de seus atos praticados...'. Se ele está acometido por uma doença, não se deve dizer-lhe como foi dito a Jó por seus amigos (Jó 4:7): 'Lembra-te: acaso já pereceu algum inocente?'. Se aquele que conduz um asno pedir por grãos, que não lhe seja dito: 'Vá a tal lugar, onde poderás encontrar quem te venda grãos', sabendo muito bem que naquele lugar indicado nunca houve grãos à venda".

Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Baba Metsia* 58b): "A opressão verbal é pior do que a opressão monetária [fraude]...". Isto é particularmente verdadeiro no que se refere a envergonhar alguém publicamente, conforme nos foi claramente ensinado (*Avot* 3,11): "Aquele que envergonha o seu próximo em público não terá direito ao seu quinhão no Mundo Vindouro". Dizia Rabi Chisda (*Baba Metsia* 59a): "Todos os portões da prece estavam fechados, exceto aqueles pelos quais passa o lamento dos que foram oprimidos pelas palavras". Também dizia Rabi Elazar (*Ibid.*): "O Eterno, bendito seja, cobra pagamento pelos pecados através de emissários, exceto o pecado da opressão verbal" (pois este é cobrado sem intermediários). Diziam os nossos Sábios, de abençoada memória, (*Ibid.*): "São três os pecados que as cortinas não podem ocultar". Um destes três mencionados refere-se ao pecado da opressão verbal. Mesmo no caso do cumprimento das *Mitsvót*, em relação à qual as Escrituras nos dizem (Levítico 19:17): "....repreenderás a teu companheiro...", os nossos Sábios, de abençoada memória, dizem (*Arachin* 16b): "Seria de se esperar que isto acontecesse até fazer com que a cor de sua face mudasse; assim, nos é dito a seguir '... e não levarás sobre ti pecado'". Todas estas afirmações nos revelam o quanto se ramifica o pecado da opressão verbal e quão severa é sua punição.

Mau Conselho

No que se refere ao mau aconselhamento, aprendemos em *Torat Cohanim* (Levítico 19:14): "'... e diante do cego não porás tropeço...'; diante daquele que é ou está cego a algo. Quando lhes for perguntado se a filha de alguém pode desposar um *Cohen* (sacerdote), não responda afirmativamente se você souber que ela não está mais apta para tanto. Quando alguém lhes pedir aconselhamento, não dê seu conselho se este não for adequado àquela pessoa; e não lhe diga: 'Venda tuas terras e compres um asno', como meio de obter a posse daquelas terras para si. Você poderá dizer para si mesmo: 'Estou lhe dando um excelente conselho', mas o seu coração sabe a verdade, assim como está dito (*Ibid.*): '... e temerás a teu Deus'".

Assim, vemos que quando alguém é procurado para aconselhamento, haja ou não a possibilidade do conselheiro ser pessoalmente afetado pelo que disser, o conselho deve ser dado de acordo com a mais clara e pura verdade. Observemos que a Torá penetrou nos mais profundos recônditos da mente enganadora, pois não estamos nos referindo aqui ao homem grosseiro ou ordinário, que abertamente presta conselhos maliciosos; estamos falando dos que são hábeis especialistas do mal e cujos conselhos, aparentemente, soam como do mais puro interesse do seu amigo, mas que, na realidade, não são para seu bem, mas em detrimento daquele e em seu próprio benefício. É neste sentido que nos foi dito: "Você pode dizer para si mesmo: 'Estou lhe dando um excelente conselho', mas o seu coração sabe qual é a verdade...". Até que ponto sucumbe o homem a estes pecados, a cada dia, atendendo ao poderoso impulso do desejo pelo lucro e pela vantagem! As Escrituras nos revelam a terrível natureza da penalidade neste caso (Deuteronômio 27:18): "Maldito aquele que fizer errar o cego no caminho".

Eis o dever do justo: quando alguém lhe pede conselho, deve orientá-lo a fazer aquilo que ele próprio faria numa situação semelhante, sem ter nenhuma outra finalidade, imediata ou distante, senão o bem daquele que está sendo aconselhado. Entretanto, se perceber que em função do conselho que der, ele mesmo se verá prejudicado, se estiver em posição de revelar isto ao outro, deverá fazê-lo ou, caso contrário, deverá desculpar-se e nada aconselhar. De qualquer forma, não deve propor nada cujo fim não seja o bem da pessoa que pediu seu conselho, a não ser que este último pretenda o mal; neste caso, enganá-lo será certamente uma *Mitsvá* – como está dito (Salmos 18:27): "Com o puro Te mostras

reto, com o perverso Te mostras sutil". O episódio de Cusai, o araquita, (2 Samuel 15:32) bem descreve esta questão.

Intriga, Calúnia e Vingança

A gravidade da intriga, da calunia e da difamação são bem conhecidas, assim como a profusão de modalidades que elas assumem. Tamanha é esta profusão que os nossos Sábios, de abençoada memória, pronunciaram numa declaração, já mencionada anteriormente (*Baba Batra* 165a): "....e todos sucumbem a 'poeira' da calúnia e da difamação". Perguntam eles (*Arachin* 15b): "O que é a 'poeira da calúnia e da difamação'?" e respondem: "É quando se diz: 'Onde se pode encontrar uma lareira? Somente na casa de fulano'", ou quando se louva alguém na presença de seus inimigos. Embora estes aspectos possam parecer insignificantes e muito distantes da intriga, eles são na verdade parte de sua "poeira".

Em resumo, a inclinação malévola tem à sua disposição muitos artifícios, instrumentos e mecanismos. Qualquer declaração ou afirmação que a pessoa faça em relação ao próximo, seja ou não na sua presença, que possa causar-lhe dano ou vergonha, faz parte do pecado de calúnia e difamação; é detestada pelo Santíssimo e sobre ela foi dito (*Ibid.*): "Aquele que profere calúnia e difamação, nega a Causa Divina", e (Salmos 101:5): "Aquele que secretamente calunia seu próximo – Eu o destruirei".

Assim também é muito difícil ao coração malévolo escapar dos sentimentos de ódio e vingança, pois sendo extremamente sensível ao insulto, que lhe provoca grande angústia, a vingança, por ser a única coisa que lhe trará sossego, ser-lhe-á mais doce que o mel. Assim, dependerá dele abandonar o impulso de sua natureza e relevar a ofensa para que não odeie aquele que lhe despertou este sentimento, não vingar-se dele na primeira oportunidade que aparecer e nem dele guardar rancor, mas sim esquecer toda questão e remover de seu coração a lembrança, como se nunca tivesse acontecido – se ele conseguir assim fazer, será verdadeiramente um corajoso e um forte. Uma conduta como esta somente é fácil aos anjos, para quem os predicados acima não existem, assim como não existem para (Jó 4:19) "aqueles que moram em casas de barro, cujo fundamento está no pó...". Decretou o Santíssimo, em linguagem perfeitamente inteligível e sem necessidade de interpretações (Levítico 19:17-18): "Não odiarás a teu irmão em teu coração... Não te vingarás e nem guardarás ódio contra os filhos de teu povo...".

A diferença entre vingança e guardar rancor é que a primeira denota a negação do bem àquele que, anteriormente, lhe negou o bem ou que, de alguma forma, o feriu; o segundo

denota a inserção de alguma lembrança da calúnia que sofreu, ao praticar até mesmo um ato meritório para com aquele que o desonrou.

A inclinação malévola inflama e avança sobre o coração de quem foi caluniado e procura deixar ao menos algum traço ou vestígio da ofensa que sofreu. Se não conseguir deixar uma lembrança forte, tentará deixar um vestígio mais fraco. Por exemplo, a inclinação malévola dirá à pessoa: "Se você quiser dar àquela pessoa aquilo que ela não quis dar a você quando você precisava, ao menos não lhe dê graciosamente". Ou: "Se você não quiser magoar aquela pessoa, ao menos não lhe faça um grande favor ou lhe ofereça uma grande assistência". Ou: "Se você quiser ir tão longe a ponto de ser de grande ajuda àquela pessoa, ao menos não lhe dê esta ajuda em sua presença". Ou: "Se você perdoou aquela pessoa, não renove sua familiaridade com ela tornando-se seu amigo; é suficiente não mostrar-se a ela como seu inimigo. E, caso queira voltar à sua amizade, ao menos não lhe demonstre tanta amizade como no passado".

Todas estas sugestões fazem parte das intrigas causadas pela inclinação malévola, através das quais ela tenta enredar o coração da pessoa. Para contra-atacar isto, a Torá estabelece um abrangente princípio (*Ibid.*): "... e amarás o teu próximo como a ti mesmo" – "como a ti mesmo", sem quaisquer diferenças – "como a ti mesmo", sem qualquer distinção, sem artifícios ou artimanhas – literalmente "como a ti mesmo".

Perjúrio e Blasfêmia

No que se refere ao pecado de perjúrio e blasfêmia, embora até mesmo os menos devotos guardem-se de invocar o Nome de Deus em vão particularmente nos juramentos, existem ainda algumas pequenas variações deste pecado que, embora não estejam entre as mais graves das transgressões, deveriam ser evitados por aqueles que desejam ser Íntegros. Assim como foi declarado (*Shevuot* 36a): "Disse Rabi Elazar: 'Não' é um juramento e 'Sim'é um juramento. Disse Rava: Isto é quando diz 'Não, não', duas vezes, ou 'Sim, sim', duas vezes". E (*Baba Metsia* 49a): "(Levítico 19:36): 'Balanças justas, pesos justos...' – o seu 'Não' será justo e o seu 'Sim' será justo".

Mentira

Também a mentira é uma terrível doença que se espalhou terrivelmente entre os homens. Existem vários níveis deste pecado:

Há pessoas para quem a mentira torna-se a própria profissão e que passam o tempo todo inventando mentiras e falsidades para conseguirem ter um relacionamento social ou para serem estimadas entre os mais sábios e os mais bem informados. Em relação a estas, está dito (Provérbios 12:22): "São uma abominação para o Santíssimo os lábios mentirosos", e (Isaías 59:3): "... vossos lábios proferem mentiras, vossas línguas segredam calúnias". Os nossos Sábios, de abençoada memória, pronunciaram o seu julgamento (*Sotá* 42a): "Existem quatro tipos de pessoas que não são recebidas à presença de Deus". (Um dos tipos aqui referidos é o dos mentirosos).

Existem outros mentirosos que são parecidos aos que acabamos de citar, embora não sejam exatamente como os primeiros: são os que mentem em suas histórias e em suas afirmações. Isto é, não costumam inventar ocorrências ou relatar incidentes que jamais ocorreram, mas que, ao darem conta de algo, introduzem na história algumas mentiras conforme suas fantasias, manias ou caprichos. Tais pessoas se habituam a esta prática a ponto disto tornar-se parte de sua própria natureza. Estes são os mentirosos em cujas palavras é difícil acreditar, como foi dito por nossos Sábios, de abençoada memória (*San'hedrin* 89b): "Eis a punição ao mentiroso: mesmo ao falar a verdade, ninguém nele acredita". O mentiroso implantou este mal dentro de si tão profundamente que as palavras não podem sair de seus lábios isentos de mentira e falsidade. Como lamenta o Profeta (Jeremias 9:4): "... treinaram sua língua para a mentira; praticam o mal e não voltam atrás".

Existem outros cuja doença é mais amena do que aquela dos dois tipos anteriores. Os que se incluem neste terceiro grupo não são contumazes na mentira e na falsidade, mas não têm o cuidado de delas se afastar, e mentem quando a oportunidade se apresenta, muitas vezes por meio de gestos ou trejeitos, sem uma intenção má ou negativa. No entanto, os Sábios nos dizem que isto é contrário à vontade do Criador, bendito seja, e aos atributos de Seus fiéis (Provérbios 13:5): "O justo detesta a palavra mentirosa". E é em relação a isto que fomos advertidos (Êxodo 23:7): "Da palavra falsa afasta-te...". Note que não está dito: "Guarda-te da palavra falsa (mentira)", mas: "Afasta-te da palavra falsa"; isto para

nos despertar quanto à enorme distância que devemos manter para fugir da mentira e da falsidade. Como foi dito (Zefania 3:13): "O resto de Israel não mais praticará a injustiça, nem pronunciará falsidades, nem mais haverá em suas bocas línguas enganadoras ". Afirmaram nossos Sábios, de abençoada memória (S*habat* 55a): "O selo do Santíssimo, bendito seja, é a verdade". De fato, se a verdade é o que o Santíssimo, bendito seja, escolheu como Seu selo, quão abominável deve ser para Ele o contrário. O Santíssimo, bendito seja, nos exortou severamente a viver pela verdade (Zacarias 8:16): "....cada um só deve falar a verdade a seu companheiro....", e (Isaías 16:5): "... um trono será instalado, alicerçado na misericórdia e sobre ele o Santíssimo sentará em verdade"; e (*Ibid.* 63:8): "Ele disse: 'Eles são de verdade o meu povo, filhos que certamente não mentirão.'" (uma afirmativa dependendo da outra); e (Zacarias 8:3): "... e Jerusalém será chamada 'A Cidade Fiel'" (para aumentar o seu valor). Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Macót* 24a): "(Salmos 15:2): '... cujo coração se rende à verdade', assim como explica Rabi Safra...". Rashi assim explica: "Eis o incidente com o Rabi Safra: Tinha ele um certo produto a ser vendido, porém quando um interessado se aproximou dele enquanto ele estava recitando o *Shemá*, dizendo-lhe: 'Venda-me isto por tanto', não houve resposta, já que ele estava a recitar o *Shemá*. O cliente, imaginando que o vendedor não queria aceitar o valor oferecido, continuou: 'Venda-me isto por tanto mais além do valor inicialmente oferecido'; após ter concluído o *Shemá*, respondeu ao cliente: 'Leve-o pelo valor que você ofereceu inicialmente, pois este é o preço e é por tal valor que vou vendê-lo a você'". Isto serve para ilustrar bem o quanto a pessoa está obrigada a se ater à verdade. Aos Sábios foi proibido (*Baba Metsia* 23b) alterar seu linguajar, exceto por três coisas.

A verdade representa um dos pilares sobre os quais se firma o mundo (*Avot* 1,18). Assim, a mentira é comparável à destruição dos alicerces do mundo; e, ao contrário, aquele que é atento e cuidadoso com a verdade é como se fosse o mantenedor destes alicerces. Os nossos Sábios, de abençoada memória, nos contaram (*San'hedrin* 97a) acerca de uma comunidade vigilante e atenta à verdade e na qual o Anjo da Morte não tinha poderes; mas quando a esposa de um certo mestre alterou o seu linguajar, apesar de serem boas suas intenções, o Anjo da Morte abateu-se sobre aquela comunidade. Depois que ela foi afastada, por esta razão, a antiga serenidade voltou. É desnecessário aprofundar este assunto, uma vez que é ditado pela inteligência e apoiado pela razão.

Profanação do Nome de Deus

Os aspectos do pecado da "profanação do Nome de Deus" também são numerosos e significativos, pois a pessoa deve ser extremamente zelosa e vigilante pela honra do Santíssimo, bendito seja, e sujeitar tudo aquilo que faz a uma atenta ponderação, para que não dê margem a algo que possa, mesmo remotamente, representar uma execração ou profanação do Nome do Santíssimo, que Deus nos livre.

Nós aprendemos que (*Avot* 4,4) "O pecado da profanação do Nome de Deus acontece tanto na presença ou na ausência de intenção". Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Ioma* 86a): "O que constitui uma profanação do Nome? Diz o Rav: 'Se alguém como eu saísse para comprar carne sem por ela pagar imediatamente', e Raban Iochanan diz: 'Se alguém como eu saísse para andar pelos quatro cantos sem a Torá e sem os *Tefilin* (filactérios)'". A ideia aqui transmitida é que cada um, conforme o nível em que esteja e a impressão que os outros têm dele, deve empenhar-se em sua análise para evitar fazer qualquer coisa que não seja condizente com uma pessoa como ele. No que tange à sua importância e sabedoria, a pessoa deveria cultivar a sua Precaução em assuntos ligados ao Serviço Divino e aprofundar cada vez mais suas considerações acerca dele. Se assim não o fizer, o Nome de Deus será profanado através dela, que Deus nos livre! É pela honra da Torá que aquele que estuda e aprende mais Torá progride mais, tanto em termos de justiça e sabedoria, quanto no refinamento dos predicados de caráter. Qualquer falta ou carência desta qualidades naquele que estuda muito, contribui para uma depreciação do próprio estudo, que é, Deus nos livre, uma profanação do Nome do Santíssimo, que nos outorgou Sua sagrada Torá e ordenou que a ela nos dedicássemos para que consigamos alcançar nossa perfeição.

O Shabat e as Festas

A observância do Shabat e das Festas também é de grande e especial significado, sendo muitas suas leis. Como está dito (*Shabat* 12a): "Existem muitas leis relacionadas ao Shabat". Mesmo as determinações rabínicas das leis para "descanso" são princípios essenciais; como está dito (*Chaguigá* 16b): "O princípio do 'repouso' não deveria ser considerado com leviandade, pois a proibição da 'S*emichá*' (apoiar-se sobre o sacrifício na hora da confissão do pecado) é um dos aspectos do 'repouso' e grandes homens debateram sobre isto". Os detalhes das leis do Shabat, de acordo com suas divisões estão explicadas nos escritos Haláchicos. Todas elas são iguais no que se refere às nossas obrigações e deveres e ao grau de Presteza necessário. Para a maioria das pessoas, a parte mais difícil para a observância do Shabat é a de abster-se do trabalho e da discussão das atividades profissionais; proibição esta que está consignada nas palavras do Profeta (Isaías 58:13): "...e o honrares (o Shabat), não percorrendo teus caminhos, nem cuidando de teus negócios, nem falando de assuntos vãos, então te deliciarás no Eterno ;". A regra é que tudo aquilo que não pode ser feito no Shabat não deve ser buscado ou mencionado. Foi por isto que os nossos Sábios, de abençoada memória, proibiram o homem de inspecionar sua propriedade para verificar o que poderia ser necessário no dia seguinte, ou de caminhar até os portões do vilarejo para poder partir numa longa viagem logo após o entardecer, ou de dizer: "Amanhã farei isto e aquilo", ou "Amanhã comprarei isto ou aquilo" e assim por diante.

Tratei até aqui daquelas poucas *Mitsvót* que são mais frequentemente negligenciadas e esquecidas. O que dissemos a respeito delas deverá nos servir para todas as demais proibições, uma vez que todas elas tem divisões, desmembramentos e particularidades – algumas mais severas, outras menos. Aquele que desejar ser Íntegro deve estar limpo e puro em relação a todas elas. Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Shir Hashirim Rabá* 6:12): "(Cântico dos Cânticos 6:6): 'Teus dentes são como um rebanho de ovelhas' – assim como a ovelha é humilde em seu comportamento, os judeus também foram humildes e saíram vitoriosos na guerra contra Midiã. Rabi Huna disse em nome de Rabi Acha: 'Durante a guerra contra Midiã, nenhum deles colocou seu *Tefilin* da cabeça antes do *Tefilin* do braço. Se um deles assim o fizesse, Moisés não os teria louvado e eles não teriam deixado o campo em paz". Como está dito no Talmud Jerusalemita: "Aquele que

falar entre os trechos '*Yishtabach*' e '*Iotser*' estará manchado pela transgressão e por isto deverá deixar o campo de batalha".

Assim, percebemos quão necessárias são a análise e a Integridade em relação aos nossos atos e ações. Mas, tanto quanto deve haver Integridade nas ações, deve também haver nas virtudes de caráter, na personalidade. Na verdade, é mais difícil conseguir a Integridade de personalidade e de caráter do que a das ações, pois a natureza da pessoa tem influência mais ativa na esfera dos predicados da personalidade e do caráter do que nos próprios atos e ações; a personalidade e o caráter da pessoa podem ser de grande ajuda ou um grande empecilho na formação destas virtudes. Cada um dos conflitos com a natureza da pessoa é um feroz combate, como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Avot* 4,1): "Quem é forte? Aquele que domina e subjuga a sua inclinação malévola".

Existem inúmeros destes traços de personalidade e de caráter; tantas quantas são as ações terrenas da pessoa, tantos quantos são seus traços. São destes que fluem suas ações. Assim como discutimos aquelas *Mitsvót* que precisavam de maiores considerações em virtude de sua maior frequência e incidência e por serem mais passíveis de relaxamento, também discutiremos, em maior detalhe, os principais predicados em função da frequência com que aparecem. São eles: o orgulho, a ira, a inveja, a ambição e a cobiça – sendo todos eles traços negativos, cuja maldade é amplamente reconhecida e que não precisam ser demonstrados. Eles são maus e negativos tanto em si próprios como em seus resultados, todos eles situando-se fora do campo da inteligência e da sabedoria. Cada um deles tem, em si, o poder de levar uma pessoa à prática de graves pecados.

Orgulho

No que tange o orgulho, somos claramente advertidos (Deuteronômio 8:14): "... se orgulhe o teu coração e te esqueças do Eterno, teu Deus". Com referência à ira, nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Shabat* 105b): "Aquele que fica irado deveria ser encarado como um idólatra". Sobre a inveja e a cobiça nos foi dito claramente (*Avot* 4,21): "A inveja, a cobiça e a busca pela glória tiram a pessoa do mundo". A percepção necessária é para poder fugir destes traços e de tudo aquilo que deles deriva, pois são como se fossem um só (Jeremias 2:21): "... como foi, então, que te corrompeste em ramos de videira estranha?". Passamos agora a estudá-los individualmente.

O orgulho consiste na auto-congratulação, fazendo com que a pessoa se considere sempre digna de louvor. Muitas razões podem ser a causa deste sentimento. Alguns se consideram inteligentes; alguns se acham belos e formosos; outros julgam ser honrados e ilibados; alguns, grandiosos e magnânimos; alguns, certos de serem sabidos e espertos. Afinal, quando um homem atribui a si próprio qualquer mérito extraordinário, ele se coloca no iminente perigo de cair na armadilha preparada pelo orgulho. Quando ele se convence de seu próprio mérito e de seu próprio louvor, pode ser levado não somente a uma, mas até a múltiplas consequências. É até possível que reações opostas nasçam de causas semelhantes e que se direcionem ao mesmo fim.

Um dos tipos de orgulho reflete-se na forma de pensar da pessoa que, como se julga merecedora de louvor e, conforme sua própria avaliação, especialmente destacada por seus atributos pessoais, considera que deveria também ter uma forma singular e dignificante em todas as suas ações: no caminhar, no sentar-se, no levantar-se, no falar. Tal pessoa caminhará apenas de forma pausada e lenta, com passos bem medidos; sentar-se-á apenas de forma ereta; levantar-se-á apenas aos poucos, como uma serpente; não falará com qualquer um, mas apenas com pessoas eminentes e importantes; e, mesmo com eles, ela apenas falará de forma resumida, formulando apenas observações enigmáticas e obscuras. Nas demais ações – em seus movimentos, em seus gestos, em sua maneira de comer, de beber e no demais – ela se conduzirá com grande pompa, como se toda sua carne fosse de chumbo e todos os seus ossos feitos de pedra ou terra.

Um outro tipo de orgulho se manifesta quando o homem pensa que, por ser digno de todos os louvores e por ser possuidor de múltiplas e excelentes qualidades, deve ser considerado o terror sobre a terra e todos devem tremer em sua presença. Considera que as pessoas seriam insolentes se lhe pedissem algo ou se lhe falassem. Se ousassem abordá-lo, ele as confundiria com sua voz e as levaria à confusão através do sopro de seus lábios e o sarcasmo de sua retórica, mostrando sua face continuamente enfurecida.

Um terceiro tipo de orgulho revela-se quando a pessoa imagina já ser tão grande e tão cheio de honrarias que a própria honra torna-se inseparável dela e que, consequentemente, ela não precisa procurá-la. Para inculcar isto nos demais, ajusta suas ações sobre aqueles mais humildes e vai a grandes distâncias para exibir uma humildade ímpar e uma incomum modéstia, com o seu coração, o tempo todo, estufando dentro dele, como a dizer: "Eu sou tão exaltado, tão louvado, tão enaltecido, que já não tenho a menor necessidade de louvor e posso muito bem dele declinar, pois ele já existe em grande quantidade dentro de mim".

Ainda, um outro tipo de orgulho se expressa quando a pessoa tem o desejo de ser amplamente reconhecida e famosa por suas incríveis qualidades e pela singularidade de seus modos, a ponto de não lhe ser suficiente ser elogiada por todo o mundo pelas qualidades que ela imagina possuir, mas deseja ser ainda mais louvada por ser a mais humilde entre os humildes. Tal pessoa orgulha-se de sua humildade e modéstia e anseia pela honra, exatamente por demonstrar como dela foge. Ela se põe abaixo dos que lhe são inferiores, ou abaixo daqueles que são desprezados pela sociedade, tentando demonstrar assim a essência da humildade e da modéstia. Ela evita todos os títulos pomposos e recusa todas as homenagens, mas com seu coração o tempo todo dizendo em seu interior: "Não há nesta terra ninguém mais sábio, mais humilde do que eu". Aqueles que possuem este tipo de orgulho, embora dêem a impressão de serem humildes, enfrentam muitas armadilhas, pois sem se aperceberem, seu orgulho se revela tal qual uma labareda que escapa por entre as brasas. Nossos Sábios, de abençoada memória, já tinham comparado (*Bamidbar Rabá* 18:13) uma pessoa com este tipo de orgulho a uma casa cheia de palha. A palha entra pelas fendas das paredes e, passados alguns dias, começam a emergir por elas, fazendo todos entender que a casa está abarrotada dela. Assim também aqueles que possuem este tipo de orgulho nem sempre serão capazes de ocultar sua verdadeira identidade. Suas más intenções transparecerão através de suas ações e seu aparente recato será reconhecido como uma falsa modéstia e enganosa humildade.

Existem outros cujo orgulho permanece enterrado em seus corações sem nenhuma expressão nos atos praticados, mas que alimentam o pensamento de que são grandes sábios, que conhecem as coisas a fundo e que não são muitos os que podem esperar se igualar a eles. Ao pensarem assim, tais pessoas não prestam atenção aos pensamentos dos outros, considerando que tudo aquilo que eles não podem entender, ninguém mais conseguirá. Tudo aquilo que lhes é ditado por sua inteligência é tão óbvio e cristalino que eles não podem sequer levar em consideração quaisquer argumentos contrários, independentemente da envergadura daqueles que os colocam adiante. Eles não têm quaisquer dúvidas quanto à exatidão de seus pareceres.

Todas estas reações emanam do orgulho, que atrasam os sábios e bestificam suas mentes, pervertendo os corações até mesmo dos que são dotados de uma sabedoria mais elevada. Mesmo os estudantes inexperientes, cujos olhos acabam de se abrir, são levados pelo orgulho a criar a fantasia de que são os mais sábios dos sábios. Com referência a todas as formas de orgulho, está dito (Provérbios 16:5): "Todo soberbo é uma abominação para o Santíssimo...". Aquele que deseja conseguir o predicado da Integridade deve purificar-se de todas as formas de orgulho e compreender que o orgulho é a própria cegueira, que faz com que a razão do homem não lhe permita ver seus defeitos e reconhecer sua maldade; se ele pudesse ver e reconhecer a verdade, abandonaria todos estes elementos destrutivos e funestos, afastando-se deles para bem longe. Falaremos mais acerca disto, com a ajuda de Deus, quando tratarmos da virtude da Humildade que, devido à dificuldade de sua conquista, foi colocado entre os últimos dos predicados, segundo a sequência formulada por Rabi Pinchas.

A Ira e a Inveja

Passamos agora a discutir a ira. As Escrituras fazem referência a um homem furioso (*Shabat* 105b): "Quando a pessoa fica irada é como se ela estivesse servindo a ídolos". Ela se irrita e se zanga por qualquer oposição à sua vontade e fica tão cheia de cólera que seu coração não está mais com ele, e sua capacidade de discernimento desaparece. Uma pessoa assim seria capaz de destruir o mundo inteiro se isto fosse possível e estivesse ao seu alcance; ela, de forma alguma, é direcionada pela razão e é tão desprovida de sensibilidade quanto qualquer animal predador. Sobre este tipo de pessoa está dito (Jó 18:4): "Mas tu, que em teu furor perdes o controle, porventura ficará deserta a terra por tua casa...?". Uma pessoa assim pode facilmente cometer qualquer pecado que sua ira o leve, pois nada mais o dirige a não ser sua raiva.

Em termos de ira, existe um outro tipo bastante diferente do primeiro. A pessoa não ficará irada ante qualquer inconformidade à sua vontade, seja ela grande ou pequena. Porém, quando esta pessoa chega ao ponto de ira, ela se torna extremamente exacerbada, dando asas à sua cólera. É uma pessoa assim que está caracterizada por nossos Sábios, de abençoada memória (*Avot* 5,11) como "difícil de provocar e difícil de acalmar". Esta forma de ira também é, sem dúvida, maligna; muitas coisas danosas podem originar-se de uma pessoa assim durante seu ataque de cólera, após o qual ela não será capaz de reparar aquilo que destruiu.

Há ainda outra forma de ira, mais amena, à qual a pessoa não é facilmente levada; e mesmo quando ela é acometida, é restrita e não a leva a abandonar sua inteligência e raciocínio, apesar de ainda continuar alimentando sua cólera. Aquele que se enraivece desta forma tende a perder muito menos do que os outros, mas, sem dúvida, tal pessoa não conseguirá chegar à Integridade. Mais ainda, ela não conseguirá chegar nem à Precaução, pois enquanto for levada pela ira, não deixará de ser considerada "uma pessoa irada".

Existem pessoas que estão ainda menos inclinadas à ira do que as do tipo anterior. É difícil aparecer uma pessoa assim e sua ira não é nem destrutiva nem desgastante; trata-se de uma modalidade amena e branda. Não dura mais do que minutos, que é o tempo necessário para que a raiva dentro dela desapareça em virtude de seu despertar para a compreensão contra aquela raiva.

Nossos Sábios, de abençoada memória, caracterizaram uma pessoa assim (*Ibid.*) como "difícil de irritar-se e fácil de acalmar-se". A natureza da pessoa pode levá-la à ira e, se ela dominar sua raiva a ponto de não se enfurecer em demasia, dominando-se mesmo durante aquele período de fúria, fazendo com que até mesmo o menor sinal de raiva que possa sentir não perdure dentro de si, mas que logo passe e a deixe, tal pessoa é, certamente, digna de louvor. Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Chulin* 89a): "(Jó 26:7): '....e suspende a terra sobre o nada' – o mundo é sustentado apenas por aquele que refreia sua boca durante uma discussão". Isto se refere a uma situação na qual uma pessoa já foi despertada à ira, mas que, dominando seus instintos, refreia sua boca.

No entanto, o atributo de Hilel, o Idoso, transcende todos os demais, pois ele relevava a ofensa e era incapaz de sentir o menor vestígio de raiva. Uma pessoa como ele é indubitavelmente considerada completamente isenta de ira. Nossos Sábios nos preveniram contra a ira até mesmo em favor de uma *Mitsvá*, mesmo num relacionamento existente entre aluno e professor, ou no de um pai com seu filho. Isto não quer dizer que os que ofendem não devam ser repreendidos – certamente que devem; porém, sem raiva, sem quaisquer outros propósitos além daqueles que sirvam para reconduzir aquela pessoa ao caminho certo. Qualquer raiva que lhes venha a ser mostrada deverá ser aparente e não provinda do coração. Disse Salomão (Eclesiastes 7:9): "Não sejas fácil em irritar-te interiormente: a irritação se aloja no peito do insensato". Também está dito (Jó 5:2): "De fato, a raiva mata o insensato...". Além disto, nossos Sábios disseram (*Eruvin* 65b): "Um homem é reconhecido de três formas: através de seu copo, de seu bolso e de sua ira".

A inveja, também, não passa de uma escassez da razão e uma tolice, pois o invejoso nada ganha para si e de nada priva o outro a quem inveja. Somente ele tem a perder; tal como se denota do versículo acima mencionado (Jó 5:2): "De fato, a raiva mata o insensato e a inveja acaba com o imbecil".

Existem aqueles que são tão tolos que, ao perceberem que seu vizinho possui um determinado bem, eles cismam, preocupam-se e sofrem a ponto do bem de seu vizinho os impedir de aproveitar e se regozijar com seus próprios bens. Como disse o Profeta (Provérbios 14:30): "... a inveja é a cárie nos ossos". Existem outros que, embora não sintam muito sofrimento e dor devido à inveja, ainda experimentam alguma mágoa. Tais pessoas sentirão um certo abatimento espiritual ao ver um de seus amigos, desde que não aqueles mais próximos e queridos, elevar-se a um nível superior, mais ainda em se

tratando de pessoas que não sejam tão apreciadas por elas, e ainda mais se ela for um estrangeiro de outro lugar. Estas pessoas podem dizer coisas que podem parecer refletir sua felicidade e gratidão pela boa sorte que possuem, porém seus corações estarão abatidos em seu interior.

Esta é uma reação bastante comum que acomete muitas pessoas que, embora não possam ser classificadas como invejosas, não podem ser consideradas totalmente isentas de inveja. Tais pessoas são especialmente afetadas quando alguém que milita no mesmo campo de trabalho prospera, pois (*Bereshit Rabá* 19:6) "Todo artesão odeia seu colega", especialmente quando seu colega alcança maior sucesso. Estas pessoas não reconhecem ou aceitam o fato de que (*Ioma* 38b) "Um homem não pode tocar sequer um fio de cabelo daquilo que está reservado para seu próximo". Se elas reconhecessem que tudo provém de Deus conforme Seu prodigioso julgamento e incomensurável sabedoria, não teriam quaisquer razões para sofrer quanto ao bem-estar do próximo.

É isto que o Profeta prenuncia acerca dos tempos vindouros, que o Santíssimo, bendito seja, erradicará este traço negativo e feio de nossos corações, fazendo com que o bem de Israel seja pleno e completo. Naqueles tempos, ninguém sentirá dor ou mágoa quanto ao bem do seu próximo e aquele que for bem-sucedido não se sentirá compelido a ocultar-se ou a esconder aquilo que se refere a ele, com medo de ser alvo da inveja e do ciúme. Como está escrito (Isaías 11:13): "O ciúme de Efraim vai acabar e terminarão os inimigos. Efraim não mais terá inveja de Judá, nem Judá continuará inimigo de Efraim". Este é o tipo de paz e de serenidade experimentado pelos anjos, que se regozijam em seu ofício, cada um em seu devido lugar, sem invejar um ao outro; por terem a capacidade de ver a verdade em toda sua plenitude, contentam-se e se regozijam com o bem que possuem e são felizes com seus quinhões.

Paixão, Ambição e Cobiça

As irmãs da inveja e do ciúme são a paixão, a ambição e a cobiça, que corroem e fadigam o coração do homem até o último de seus dias, como está dito por nossos Sábios, de abençoada memória (*Cohêlet Rabá* 1:34): "O homem não morre com metade de seus anseios realizados". Existem dois tipos principais de desejo: desejo por riqueza e desejo por honra; cada um tão negativo quanto o outro e cada um deles acarretando muitas consequências más e negativas.

É o desejo por riqueza e por glória que prende o homem aos grilhões mundanos e que coloca os arreios do trabalho e da preocupação sobre seus braços, tal como está escrito (Eclesiastes 5:9): "Quem ama o dinheiro, dele não se fartará...". É este anseio que afasta uma pessoa do serviço Divino, pois muitas orações são perdidas e muitas *Mitsvót* são esquecidas em virtude da excessiva preocupação e da busca pela glória e pelo poder material. Isto é especialmente verdadeiro no que se refere ao estudo da Torá, sobre o que nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Eruvin* 55a): "(Deuteronômio 30:13): 'Nem está além dos mares...' – não está naqueles que atravessam os mares em busca de negócios"; e (*Avot* 2,5): "Nem todos que se empenham nos negócios se tornam sábios e espertos". A busca pela riqueza expõe a pessoa a muitos perigos e a enfraquece por tantas preocupações, mesmo depois que a pessoa já tenha amealhado bastante. Também aprendemos que (*Ibid.*) "Aquele que multiplica suas posses, multiplica suas preocupações". É esta busca que, frequentemente, leva a pessoa a transgredir as leis da Torá e desrespeitar as leis naturais da razão.

O desejo pela glória é ainda maior do que o desejo pela riqueza, pois é possível que a pessoa domine sua inclinação pela riqueza e demais prazeres e, ainda assim, ser pressionado pelo desejo da glória e das honrarias, não podendo tolerar a ideia de estar ou ver-se abaixo de seus amigos.

Muitos foram pegos e destruídos pelo desejo e pela ânsia da glória. Jeroboão, filho de Nabat, foi excluído do Mundo Vindouro em razão exclusiva de seu anseio pela glória. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*San'hedrin* 102a): "O Santíssimo, bendito seja, tomou-lhe as vestes e disse-lhe: 'Arrependa-se e então você, Eu e o filho de Yishai passearemos pelo Jardim do Éden!'; daí perguntou Jeroboão: 'Quem irá primeiro?', ao que respondeu o Santíssimo, bendito seja: 'O filho de Yishai'; disse então Jeroboão: 'Se

assim for, eu me recuso'". O que, senão o desejo pela glória, acarretou a destruição de Côrach e de toda sua congregação? Como está nas Escrituras (Números 16:10): "... e procurais também o sacerdócio?". Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Bamidbar Rabá* 18:1) que toda sua revolta começou quando viu Elitsafan, filho de Uziel, como príncipe e desejou tomar seu lugar. O mesmo desejo, de acordo com nossos Sábios (*Zohar* em Números 13:3) foi responsável pelas palavras negativas proferidas pelos espiões a respeito da terra, trazendo morte para si e para toda sua geração. Eles temiam uma diminuição em sua glória devido à possibilidade de que, após adentrarem à terra, deixassem de ser príncipes de Israel e outros fossem nomeados em seus lugares. O que, senão a preocupação por sua glória, levou Saul a buscar uma oportunidade para matar David? Como está escrito (1 Samuel 18:7): "... as mulheres... dançando e cantando alegremente, diziam em coro: 'Saul matou aos milhares e David,dezenas de milhares'... e, a partir daquele dia, não olhava mais David com bons olhos". O que, senão a preocupação por sua glória, levou Joab a matar Amassa? (Por ter David dito a Amassa (2 Samuel 19:14): "... se não estiveres para sempre a meu serviço como chefe do exército...").

Em resumo, o desejo pela glória e pelas honrarias arrastam o coração da pessoa mais do que quaisquer outros desejos ou anseios no mundo. Se não pela preocupação por sua própria glória, a pessoa estaria satisfeita em comer aquilo que tem ao seu alcance, de vestir-se com aquilo que cubra sua nudez e morar numa casa que lhe proporcionasse abrigo e proteção. A pessoa obteria seu sustento com pouco esforço e não sentiria necessidade de esforçar-se para se tornar uma pessoa rica. Porém, para evitar ver-se abaixo ou inferior a seus amigos, coloca sobre si um cabresto, e não estabelece um paradeiro para sua labuta. Tendo isto em mente, nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Avot* 4,20): "A inveja, o ciúme, a cobiça e a busca pela glória, afastam a pessoa do mundo", e nos advertem (*Ibid.* 6,4): "Não procure a grandeza nem almeje a glória". Quantos não morrem de fome, mas preferem alimentar-se da caridade a praticar ocupações que lhes pareçam pouco respeitáveis, pelo temor da diminuição de sua glória? Existe algo tão tolo como isto? Tais pessoas preferem viver na ociosidade, que leva à estagnação, à libertinagem e ao roubo, bem como aos mais graves pecados e transgressões para evitar rebaixarem-se e se afastar da glória e das honrarias que imaginam possuir. Nossos Sábios, de abençoada memória, que constantemente nos exortaram a seguir os caminhos da verdade e por eles nos conduziram, disseram (*Avot* 1,9): "Ame o trabalho e odeie a posição", e (*Pessachim* 113a): "Disseque uma carcaça no mercado, mas não diga: 'Eu sou uma pessoa importante; eu sou um sacerdote'", e (*Baba*

Batra 110a): "É melhor uma pessoa trabalhar naquilo que lhe é estranho do que depender dos outros".

Em resumo, o desejo pela glória é um dos maiores tropeços ou obstáculos para o homem. Ele não poderá ser um fiel servidor do Eterno enquanto estiver preocupado com sua própria glória, pois em qualquer circunstância, sua tolice o levará a afastar-se da honra dos Céus. Como disse o Rei David, que a paz esteja com ele (2 Samuel 6:22): "Serei humilhado ainda mais, ficarei rebaixado a meus próprios olhos...". A única verdadeira glória é o verdadeiro conhecimento da Torá. Nas palavras de nossos Sábios, de abençoada memória (*Avot* 6,3): "Nenhuma outra glória existe além da Torá, como está dito (Provérbios 3:35): 'Os sábios possuirão a glória'". Tudo mais é uma honra ilusória, superficial, desprovida de qualquer significado ou valor. Aquele que deseje ser Íntegro deve purificar-se do anseio pela glória e libertar-se dele; somente então ele será bem sucedido.

Apresentei até aqui muitas particularidades sobre a Integridade. O que vimos deveria servir de modelo para todas as demais *Mitsvót* e virtudes. Como está dito (Provérbios 1:5): "Que o sábio escute e aumentará seu saber; e o inteligente adquira a arte de dirigir".

Não posso negar que a obtenção da Integridade requer algum esforço, mas continuo sustentando que não será tanto quanto possa parecer a princípio. É mais difícil imaginá-la do que praticá-la. Se a levarmos à sério e resolvermos estar entre aqueles que possuem este predicado positivo, então, com um pouco de hábito, ela será conseguida – de forma mais fácil do que se poderia imaginar. Isto é o que nos demonstra a experiência.

Capítulo 12

Os Meios para Alcançar a Integridade

O verdadeiro meio para conseguir alcançar a Integridade é o continuo estudo dos pronunciamentos dos nossos Sábios, sejam Haláchicos ou éticos. Quando a percepção da responsabilidade para alcançar a Integridade, bem como o anseio por ela, estiverem inculcados na pessoa através da obtenção prévia dos sensos de Precaução e Presteza – como resultado por lidar com os meios para alcançá-los, que já citamos, e do distanciamento dos elementos que podem anulá-los –, ela será capaz, com o conhecimento detalhado das *Mitsvót* e usando a Precaução na ponderação de todos os seus atos, de fazer com que nenhum impedimento se interponha para alcançá-la.

É necessário, portanto, conseguir um pleno conhecimento das leis, que possibilite determinar as múltiplas facetas das *Mitsvót*. Entretanto, como está sujeita à negligência ou descuido em relação a tais minúcias, a pessoa deve empenhar-se, permanentemente, no estudo dos livros que as expõem, de forma que todos os seus aspectos sejam reforçadas em sua mente. Ao fazer assim, ela certamente será levada a observá-las.

Igualmente, o cultivo das virtudes do caráter pedem um estudo dos pronunciamentos éticos das autoridades antigas e recentes. Frequentemente, mesmo depois que a pessoa resolve ser inteiramente íntegra, está sujeita a cometer erros em determinadas áreas, por não ter chegado a penetrar nos domínios de seu entendimento. O homem não nasceu sábio, sendo-lhe impossível saber ou conhecer tudo. Porém, ao estudar as Escrituras, ele será despertado para o que não reconhecera antes e chegará a compreender o que ainda não tinha captado, e até mesmo assuntos que não se encontram nos próprios tratados; pois, quando a sua mente estiver desperta e atenta a tais aspectos, eles passarão a seu domínio e lhe trarão novos conhecimentos, oriundos, todos, da fonte da verdade.

Os fatores que afastam da Integridade são todos aqueles que nos fazem desviar da Precaução, somados à insuficiente compreensão das leis ou dos princípios éticos,

conforme citado anteriormente. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Avot* 2,5): "Um ignorante não pode ser verdadeiramente devoto" (pois aquele que não sabe, não pode fazer), e neste mesmo sentido (*Kidushin* 40b): "Grande é o aprendizado, pois leva à ação".

Capítulo 13

A Separação (*Perishut*)

A Separação (ou abstinência, afastamento) é o começo da Santidade. Até aqui nos preocupamos com os requisitos necessários à retidão. Daqui por diante passaremos a discutir os requisitos necessários para a Devoção. Deve-se observar que a Separação está para a Devoção assim como a Precaução está para a Presteza; o primeiro elemento refere-se ao afastamento do mal e o segundo à prática do bem. A base fundamental da Separação está concentrada nas palavras dos nossos Sábios, de abençoada memória (*Ievamot* 20a): "Santifique-se através do que lhe é permitido". Eis o significado da própria palavra "separação", isto é, separando-se e desviando-se de alguma coisa, proibindo-se algo, embora seja permitido. A intenção é manter-se distante daquilo que é proibido; isto é, a pessoa deve separar-se de tudo que poderia despertar algo que pudesse levá-la ao mal, ainda que não naquele instante e ainda que não ao mal propriamente dito.

Se analisarmos esta questão, perceberemos três diferentes níveis: as proibições propriamente ditas, as cercas em sua volta (leis e salvaguardas que os nossos Sábios, de abençoada memória, proferiram para todo Israel) e os "impedimentos" que aqueles comprometidos com a Separação devem criar, erguendo cercas para si mesmos; ou seja, abstendo-se de coisas que são permitidas, que não foram proibidas para todo o povo de Israel, para desta forma se assegurarem que estarão se distanciando do mal.

Há quem possa perguntar: "Quais as bases para a existência de tantas proibições? Já não disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Ierushalmi Nedarim* 9,1): 'Não lhes bastam as proibições da Torá para que criem novas proibições?'. Nossos Sábios, de abençoada memória, em sua grande sabedoria não viram que era necessário proibir como salvaguarda; já não haviam estabelecido estas proibições? Assim, não se depreende que qualquer coisa que eles não tivessem proibido deveria ser, segundo eles, permitido? Então, por que devemos emitir éditos que eles não consideraram necessários? E ainda, não há nada mais restringente que isto! Acaso deveria uma pessoa viver em desolação e aflição,

sem qualquer prazer do mundo, enquanto os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Ierushalmi Kidushin* 4,12) que o homem terá que prestar contas ao Santíssimo por tudo aquilo que seus olhos contemplaram e que não quiseram comer, embora lhes fosse permitido? Citaram como suporte as Escrituras (Eclesiastes 2:10): 'Tudo o que desejavam meus olhos, não lhes neguei...'".

A resposta para estes argumentos é que, certamente, a Separação é necessária e essencial. Os nossos Sábios, de abençoada memória, exortaram-nos acerca disto (*Sifra*): "(Levítico 19:2): 'Santos sereis...' – separem-se", e (*Taanit* 11a): "Aquele que se compromete a jejuar é chamado 'santo', como se pode deduzir analisando o caso do Nazireu"; e (*Pessicta*): "(Provérbios 13:25): 'O justo come para satisfazer sua alma' – este é Ezequias, Rei de Judá, a quem, segundo está dito, eram trazidos diariamente dois punhados de verduras e uma pequena porção de carne, enquanto os judeus caçoavam, dizendo: 'Será este um Rei?'". Com referência ao Rabênu haCadosh, diziam (*Ketubót* 104a) que, antes de morrer, ele levantou os dez dedos de suas mãos e disse: "O Santíssimo sabe muito bem que não obtive nenhum prazer deste mundo, nem mesmo um do tamanho do meu dedo mínimo ". Ainda neste mesmo sentido, eles disseram (*Ialcut Devarim* 830): "Antes que o homem peça que as palavras da Torá sejam absorvidas por suas entranhas, faça com que ele peça que a comida e a bebida não sejam nelas absorvidas".

As Reais Necessidades do Homem

Todas estas declarações apontam, explicitamente, para as reais necessidades do homem e sua responsabilidade pela Separação. Em todas as oportunidades, devemos considerar também as disposições em contrário. Na verdade, há múltiplas distinções e princípios a serem considerados. Existe um tipo de Separação que temos a obrigação de observar e um tipo ao qual somos advertidos a não nos sujeitar – nas palavras do Rei Salomão, que a paz esteja com ele (Eclesiastes 7:16): "Não sejas justo em excesso...".

Passamos agora a discutir o tipo desejável de Separação. Reconhecendo o fato de que os acontecimentos do mundo representam testes e provações para o homem, tal como analisamos e estabelecemos anteriormente, e tendo consciência das nossas fraquezas e da proximidade ao mal que a mente do homem mantém, devemos forçosamente concluir que o homem deveria tentar escapar destes eventos, mantendo delas à maior distância possível, para melhor proteger-se contra o mal, visto que não há prazer terreno que não leve a um certo pecado. Por exemplo: a comida e a bebida, quando isentas de quaisquer proibições dietéticas (*Cashrut*), são permitidas; porém, a saciedade traz em seu bojo o afastamento do jugo dos céus; a excessiva ingestão do vinho traz consigo a licenciosidade, e outros males. Isto atinge uma situação ainda mais grave se a pessoa se acostuma a comer e beber até saciar-se, pois se lhe faltar a quantidade usual de alimento e sentir a dolorosa consciência sobre o fato, ele se atirará à corrida por posses e propriedades, para que sua mesa volte a ser arranjada conforme seus desejos.

A partir daí será levado à transgressão e ao roubo, passando a praguejar, a fazer juramentos e a todos demais pecados que se seguem, e se afastará do serviço Divino, da Torá e da prece.

Tudo isto não teria ocorrido se, desde o começo, ele tivesse moderação e não tivesse se permitido ser tragado por aqueles prazeres. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória, em relação ao filho rebelde (*San'hedrin* 72a): "A Torá penetra até os confins dos pensamentos do homem..."; e em relação à libertinagem e depravação, eles disseram (*Sotá* 2a): "Alguém que olha para uma *Sotá* (mulher suspeita de adultério) em sua desgraça, deveria se proibir de beber vinho". Este é um excelente dispositivo para a salvação das inclinações nefastas; por ser difícil a pessoa subjugar e dominar suas tendências malévolas quando está envolvida com uma transgressão, quando ainda está

distante dela, ela deve afastar-se ainda mais, impedindo suas inclinações de fazê-la praticar uma transgressão propriamente dita.

Não há dúvidas quanto à permissibilidade da coabitação conjugal, porém foram instituídas imersões (na *Micvá*) para aqueles que tiveram emanações, fazendo com que os sábios e eruditos não ficassem constantemente com suas esposas, como galos. Embora o próprio ato em si seja permitido, ele implanta na pessoa uma cobiça e um desejo que pode levá-la a fazer aquilo que é proibido; como disseram os nossos Sábios, de abençoada memória (*Sucá* 52b): "Há um pequeno órgão no homem que, quando saciado, sente fome, e quando esfomeado é saciado". Sobre Rabi Elazar disseram ainda (*Nedarim* 20b) que, para reduzir a sensação de prazer, mesmo na hora certa e na época adequada, ele agia com modéstia (mostrava um palmo e escondia dois palmos) e imaginava que um demônio o estava a compelir.

A Torá nada nos aconselhou em relação à beleza e ao estilo das vestimentas e adornos, mas condicionou a permissão apenas a que não contenham uma mistura de lã e linho e que sejam adequadas às leis do *"Tsitsit"* (franjas). Porém, quem não está ciente do fato de que roupas e tecidos exuberantes levam as pessoas à vaidade e podem trazê-las à beira da libertinagem e da licenciosidade, além de dar asas à inveja, ao ciúme, à luxúria e à exploração, sempre presentes em quaisquer coisas que sejam altamente desejáveis para uma pessoa? Já observaram nossos Sábios, de abençoada memória (*Bereshit Rabá* 22:6): "Tão logo a inclinação malévola percebe alguém assumindo uma postura afetada, ajustando suas vestes e cacheando seus cabelos, ela diz: 'Ele é meu!'".

Os atos de caminhar e falar não envolvem nenhuma proibição específica e são, certamente, permitidos; porém, quanta negligência ou descuido da Torá poderá advir, quanta calúnia, quanta difamação, quantas mentiras, quanta leviandade; como está dito (Provérbios 10:19): "No muito falar não faltará o pecado...".

Em resumo, considerando que todas as ocorrências do mundo representam grandes perigos, quão louvável e recomendável é a atitude e a postura daquele que deseja delas escapar e daquele que mais e mais se distancia delas. A Separação, assim praticada, é a do tipo desejável: a pessoa tira do mundo, em todos os usos que dele faz, somente aquilo que é absolutamente essencial à sua natureza. Foi este o tipo de Separação que Rabi Judá revelou ao dizer (numa declaração à qual já nos referimos anteriormente) que não obteve nenhum prazer deste mundo, nem mesmo um do tamanho de seu dedo mínimo,

apesar de ter sido um Príncipe de Israel e de sua mesa estar sempre preparada para ser frequentada por reis e ser compatível com tal dignidade. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Avodá Zará* 11a): "(Gênesis 25:23): 'Duas nações há em teu ventre...' – refere-se a Rabi Judá e ao imperador romano Antoninus, em cujas mesas nunca faltava alface, pepinos e rabanetes, nem nas estações de seca nem nas de chuvas". Este também era o caso da mesa de Ezequias, Rei de Judá. Todas as afirmações a que fiz referência enfatizam a importância de uma pessoa separar-se e afastar-se de todos os prazeres terrenos para que não sucumba aos perigos por eles oferecidos.

Pode ocorrer uma pergunta: "Se a Separação é tão necessária, e até essencial, por que nossos Sábios não a instituíram, assim como fizeram com as 'cercas' de proteção e outras medidas semelhantes?". A resposta é clara e simples (*Baba Cama* 79b): "Nossos Sábios somente promulgavam leis e decretos que a maioria do povo pudesse com eles conviver"; e a maioria das pessoas não consegue ser santa. Já seria suficiente se fossem justos. Porém, sobre aqueles poucos que desejam conseguir maior proximidade ao Santíssimo e, assim, beneficiar todos aqueles que deles dependem, cabe o cumprimento dos mais elevados deveres, inclusive aqueles que os demais não podem cumprir, ou seja, as medidas de Separação ora descritas. Esta é a vontade do Santíssimo; pois sendo impossível que todos os indivíduos de uma nação estejam num nível idêntico (níveis que variam conforme a inteligência), aqueles indivíduos que não se condicionaram completamente à recepção do amor do Santíssimo e de Sua Divina Presença, poderão consegui-lo através daquele poucos escolhidos que são dotados para isto. Os nossos Sábios, de abençoada memória, falaram a respeito das quatro espécies de *"Lulav"* (*Vayikrá Rabá* 30:11): "Que venham aqueles e expiem por estes outros". Encontramos também este pensamento em relação ao incidente de Ula bar Coshev (*Ierushalmi Terumot* 8,4), quando Rabi Iehoshua ben Levi perguntou a Elias, de abençoada memória, "Esta não é uma *Mishná*?", e recebeu em resposta: "Mas é uma *Mishná* para verdadeiros devotos?".

O tipo indesejável de separação é aquele dos gentios tolos que não se abstêm apenas daquilo que não lhes é essencial, mas também do que é essencial, castigando seus corpos através de estranhas formas de aflição que absolutamente não são desejadas pelo Santíssimo. E mais, os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Taanit* 22b): "Todas as pessoas estão proibidas de se torturar". Em relação à caridade, eles disseram (*Ierushalmi*, conclusão de *Peá*): "Aquele que precisa e não o toma, é como aquele que derrama o sangue"; e (*Taanit* 22b): "(Gênesis 2:7): '... uma alma viva' – sustenta a alma

que Eu te dei"; e (*Taanit* 11a): "Alguém que se compromete a jejuar é considerado 'um pecador'". (Isto se aplica à pessoa que não está em condições de jejuar). Ao tomar seu desjejum, Hilel tinha o costume de dizer (Provérbios 11:17): "Faz bem à sua alma quem é misericordioso". Ele tinha o hábito de lavar seu rosto e suas mão em louvor ao Santíssimo, em oposição ao costume da época (*Vayikrá Rabá* 34:3) que consistia de lavar as estátuas dos reis.

Assim, o homem deve separar-se de tudo aquilo que não lhe seja essencial em relação aos assuntos terrenos; se o fizer em relação a qualquer coisa que lhe seja essencial, independente das razões que o levaram a isto, ele será um pecador. Trata-se de um princípio consistente. No entanto, eventualmente, sua aplicação pode estar sujeita a uma avaliação e a um julgamento individual ("O homem será louvado de acordo com sua compreensão"); pois é impossível discutir todos os pormenores, particularidades e detalhes da Separação –.pois são tão numerosos que a mente não pode abarcá-los Cada um deles deve ser analisado em seu devido tempo.

Capítulo 14

As Divisões da Separação

São três as divisões principais da Separação e envolvem, respectivamente, os prazeres, as leis e a conduta.

Em relação aos prazeres, a Separação consiste em aproveitar do mundo apenas aquilo que lhe é essencial, como explanamos no capítulo anterior. Esse tipo de Separação abrange qualquer coisa que traga prazer a qualquer um dos sentidos; seja o prazer obtido através da comida, pela coabitação, pelas vestimentas, por passeios, conversas ou por meios similares, exceto apenas em relação às oportunidades em que o prazer através destes meios possa significar uma *Mitsvá*.

A Separação em relação às leis determina que a pessoa seja rigorosa consigo mesma a ponto de tomar conhecimento até mesmo de um ponto de vista ligeiramente discordante numa controvérsia, se para isto houver justificativa, mesmo que a lei não tenha sido decidida em conformidade à mais rigorosa consideração (caso o ângulo mais rigoroso não seja, de fato, mais brando em relação à sua situação específica) e, em caso de dúvida, em não adotar a alternativa mais fácil, embora isto seja permitido. Nossos Sábios, de abençoada memória, explicaram (*Chulin* 37b) a afirmação de Ezequiel (4:14): "Santíssimo, minha alma não foi contaminada..." – "... nunca comi carne de animal sobre o qual um sábio deveria se pronunciar se era *Casher* ou não..." e "... não comi carne de animal que tivesse que ser rapidamente abatido". Embora fosse permitido pela lei comer tais animais, ele foi severo consigo mesmo e deles não se alimentou.

Já foi mencionado que aqueles que praticam a Separação podem não se guiar por aquilo que é permitido a todo Israel, mas devem abster-se daquilo que é repulsivo, de tudo que se pareça com isto, e até mesmo do que parece ser parecido ao que é repulsivo. Como disse Mar Ucva (*Chulin* 105a): "Sou para o meu pai como o vinagre que vem do vinho; pois meu pai, ao comer hoje a carne, não comeria o queijo até amanhã, a esta mesma hora,

enquanto eu, embora não comesse o queijo nesta refeição, o faria na seguinte". Não há dúvida de que a prática adotada pelo pai de Mar Ucva não reflete a lei nesta questão, pois se assim fosse, Mar Ucva certamente jamais a teria transgredido. Trata-se apenas do rigor com que seu pai tratava a questão da Separação; e foi porque Mar Ucva não se considerava igual a seu pai que fez a comparação, descrevendo-se como o vinagre e seu pai como o vinho.

A Separação em relação ao comportamento consiste no isolamento de uma pessoa da sociedade, para que possa voltar seu coração ao serviço Divino e à adequada reflexão sobre ela. Assim, quanto a esta questão, a pessoa deve ser cuidadosa para evitar cair no outro extremo; nossos Sábios, de abençoada memória, declararam (*Ketubót* 17a): "A mente do homem deveria estar sempre envolvida com a de seu próximo"; e (*Taanit* 7a): " (Jeremias 50:36): 'Haja uma espada sobre os que tramam e se isolam' – uma espada sobre os inimigos dos Sábios que se isolam para se ocupar só com a Torá". O caminho mais adequado a ser seguido é o de associar-se a pessoas respeitáveis e de boa reputação, pelo tempo que for necessário, em prol do estudo da Torá ou para conseguir ganhar o necessário para sua subsistência e, então, isolar-se com o propósito de comungar com Deus e ater-se aos caminhos da justiça e ao verdadeiro serviço Divino. Incluídos neste tipo de Separação estão as limitações da conversação, cuidando para não envolver-se em conversas vãs, e todas as demais restrições que governam atividades como estas e que poderiam vir a se tornar uma segunda natureza, caso não fossem restringidas.

Pode-se notar que, embora estas três divisões tenham sido abordadas sob a forma de princípios curtos, elas fazem parte de muitas das atividades do homem. Além disto, já foi mostrado que é impossível abordar todas as particularidades e que elas devem ser deduzidas através de uma avaliação e um julgamento individual, através da referência aos princípios e às verdades contidas nelas.

Capítulo 15

Os Meios para Alcançar a Prática da Separação

A melhor maneira para se conseguir a Separação é levar em consideração a qualidade inferior dos prazeres deste mundo, tanto no que tange à sua própria insignificância, quanto aos grandes males que tais prazeres tendem a provocar. O que leva uma pessoa a estes prazeres, a ponto de ser necessária tanta força e tanto planejamento para deles separar-se, é a ingenuidade dos olhos, a tendência que estes têm para serem iludidos pelas boas aparências superficiais. Foi tal ilusão que ocasionou a prática do primeiro pecado. Como está descrito nas Escrituras (Gênesis 3:6): "E viu a mulher que boa era a árvore para comer e que desejável era para os olhos... e tomou do seu fruto e comeu...". Porém, quando fica claro à pessoa que aquele "bem" é enganoso e ilusório, que não tem uma permanência saudável e que contém o verdadeiro mal ou que tende a gerá-lo, ela certamente passará a desprezá-lo e a declinar dele. Assim, tudo que a pessoa tem a ensinar a seu intelecto é a reconhecer as fraquezas e falsidades destes prazeres para que possa, naturalmente, desprezá-los sem encontrar dificuldade alguma para rejeitá-los.

Não existe um prazer mais básico e mais pronunciado do que comer. Mas será que existe algo que seja tão passageiro? A comida desfrutada é do tamanho da garganta da pessoa e, ao ultrapassá-la para chegar ao intestino, sua memória é perdida e a comida é esquecida, como se nunca tivesse existido. Uma quantidade suficiente de pão preto saciará a pessoa tanto quanto um cisne suculento.

A pessoa estará especialmente ciente destas verdades sobre as quais estamos falando quando considerar as múltiplas doenças relacionadas à comida ou o peso que experimenta após as refeições e a névoa que encobre (ou confunde) seu cérebro. Sem dúvida, estas considerações levarão a pessoa a menosprezar o prazer pela comida, mostrando que o bem aparente não é um bem verdadeiro, e que seu mal é realmente maligno. Da mesma forma, uma análise de todos os demais prazeres terrenos revelará que mesmo o bem ilusório oferecido por eles dura apenas um curto período e que o mal que deles pode advir

é tão grave, severo e prolongado que ninguém, em sã consciência, aceitaria se expor aos malignos perigos que apresentam em troca da pequena quantidade de prazer que oferecem. Quando a pessoa se acostumar a refletir sobre esta verdade, pouco a pouco se livrará dos grilhões da ignorância com os quais as trevas das coisas terrenas a prendem, fazendo com que deixe de ser enganada por prazeres ilusórios. A pessoa passará, então, a desprezá-los e a entender que deveria tomar do mundo apenas aquilo que lhe é essencial, como já foi abordado anteriormente. Porém, tanto quanto o ato de pensar sobre esta verdade conduz à obtenção da virtude da Separação, ignorar este ato obstrui ou impede a obtenção deste predicado, como acontece ao procurarmos a companhia daqueles que buscam a glória e curtem a vaidade; pois quando a pessoa admira a elegância e a nobreza daqueles, é impossível que sua ambição, seu desejo e seu anseio não sejam despertados pelas mesmas causas. Mesmo que tal pessoa não se deixe levar por sua inclinação malévola, ela, de qualquer forma, não poderá escapar do conflito e de seus perigos. Esta é a intenção da afirmação de Salomão (Eclesiastes 7:2): "Mais vale visitar uma casa em luto do que ir a uma casa em festa".

No entanto, mais desejável do que qualquer outra coisa, no que tange à obtenção da Separação, é o retiro ou afastamento; pois quando a pessoa isola de seus olhos os bens terrenos, ela afasta de seu coração seu desejo por aqueles bens. Como disse David em seu louvor ao isolamento (Salmos 55:7-8): "Tomara tivesse eu asas como a pomba... Iria para muito longe, moraria no deserto". Vemos que os Profetas Elias e Eliseu ficavam nas montanhas mantendo suas práticas de isolamento e solidão; e os Sábios, os primeiros fiéis, de abençoada memória, seguiram seus passos, pois acharam que esta prática era o meio mais eficiente para se obter a perfeição na Separação e para se protegerem de ser induzidos à vaidade por aqueles ao seu redor.

A pessoa deve estar atenta e ser cuidadosa, durante o processo de obtenção do predicado da Separação, para não ansiar em saltar para os níveis mais elevados de um momento para outro, pois, certamente, ela não será capaz de fazer passos tão largos. Ela deverá prosseguir no caminho em busca da Separação, pouco a pouco, conseguindo um pouco hoje, um pouco mais amanhã, até que esteja tão habituada que isto se transformará numa segunda natureza.

Capítulo 16

A Pureza (*Tahará*)

A Pureza se refere à perfeição do coração e dos pensamentos, como descreve David (Salmos 51:12): "Cria em mim um coração puro, ó Deus...". Através desta virtude, o homem não deixa espaço para a inclinação malévola em seus atos, e se conduz de forma inteligente, tendo sempre presente o temor a Deus, sem as influências do pecado e da ambição.

Isto também se aplica às ações físicas terrenas; mesmo que a pessoa tenha se acostumado à Separação, tomando do mundo apenas aquilo que lhe é essencial, ela precisa ainda purificar seu coração e seus pensamentos para que, ainda que apenas tome aquele mínimo, não se sinta motivada pelo desejo de prazer e pela ambição, mas sim pelo pensamento do bem que se origina de seus atos em relação à sabedoria e ao serviço Divino, tal como foi dito sobre Rabi Eliezer (*Nedarim* 20b): "Ele expunha um palmo e escondia dois e imaginava que um demônio estava a compeli-lo". Ele não derivava qualquer prazer, mas praticava a ação com o pensamento voltado à *Mitsvá* e ao serviço Divino. Neste sentido, Salomão disse (Provérbios 3:6): "... pensa Nele em todos os teus caminhos e Ele conduzirá os teus passos".

No entanto, devemos ter em mente que, assim como o conceito da pureza de pensamento aplica-se às ações físicas – que, por sua natureza, fazem fronteira com a inclinação malévola –, o mesmo se aplica à pureza de pensamento nos atos bons ligados a Deus, no sentido de que devemos distanciá-los dos pensamentos negativos para não virmos a entrar nos recônditos da inclinação malévola. É isto que devemos entender da ideia de "não fazer pela *Mitsvá* em si"(i.e., fazer uma *Mitsvá* com outros interesses), que frequentemente é mencionada por nossos Mestres, de abençoada memória. No entanto, fica claro, a partir de suas palavras, que existem vários tipos de "não fazer pela *Mitsvá* em si"; o pior é aquele em que a pessoa não está voltada ao propósito do serviço Divino, mas age para enganar os outros ou para ganhar poder ou glória. Sobre tais pessoas, está dito

(*Ierushalmi Berachot* 1,2): "Teria sido melhor que ele tivesse sido sufocado em sua placenta". Ainda sobre tais pessoas, diz o Profeta (Isaías 54:5): "Todos nos tornamos impuros, nossa aparente retidão se assemelha a uma roupa suja". Um outro tipo de "não fazer pela *Mitsvá* em si" é servir pelo interesse da recompensa, sobre o que está dito (*Pessachim* 50b): "A pessoa deveria se ocupar sempre com a Torá e com as *Mitsvót,* mesmo que não o faça com a intenção mais elevada, pois através do estudo e dos atos acabará por cumpri-las com a intenção ideal". Indubitavelmente, quem ainda não alcançou este nível ainda está longe de atingir sua perfeição.

Entretanto, é contra a intrusão de um elemento proibido em seus motivos que a pessoa precisa dedicar maior atenção e esforço. Às vezes, mesmo praticando uma *Mitsvá* pela *Mitsvá* em si, conforme decretado por nosso Pai Celestial, a pessoa não evita de incorporar algum outro motivo, tal como o desejo pelo louvor ou pela recompensa de seu ato. Outras vezes pode acontecer que, embora não anseie por ser louvada, mas ainda se regozijando com os elogios que recebe, ela pode se sujeitar a maiores esforços do que normalmente se sujeitaria, tal como no caso da filha de Rabi Chanina ben Teradion (*Avodá Zará* 18a) que, ao dar demasiada importância às observações de alguns homens acerca de seu gracioso caminhar – "Como caminha com graça aquela moça!" – imediatamente procurou, por causa daquele elogio, demonstrar uma graça ainda maior.

Embora um motivo indesejável possa ser superado pela intenção maior de um determinado ato, ainda assim esta ação não será completamente pura. Assim como não é permitido oferecer sobre o altar terreno senão a farinha, treze vezes peneirada (*Menachot* 78b) e, assim, totalmente isenta de impurezas, não se pode oferecer sobre o altar Celestial, como um serviço Divino perfeito, qualquer outra oferta que não as ações seletas, inteiramente isentas de imperfeições. Não estou dizendo que tudo aquilo que não estiver em conformidade com estes padrões será integralmente rejeitado, pois o Eterno, bendito seja, não deixa de recompensar qualquer criatura, mas recompensa todas as boas ações conforme seu devido valor. O que quero dizer é que o serviço Divino perfeito, que deveria caracterizar todos os que verdadeiramente amam a Deus, é aquele inteiramente puro, que é dirigido exclusivamente ao Santíssimo e a ninguém mais. A qualquer coisa que faltar este padrão, faltará perfeição. Como disse o Rei David, que a paz esteja com ele (Salmos 73:25): "Quem mais, além de Ti, é por mim nos céus? Se estou Contigo, nada mais desejo na terra"; e, neste mesmo sentido (*Ibid.* 119:140): "Tua palavra é muito pura e Teu servo a ama".

O fato mais importante é que o verdadeiro serviço Divino seja mais puro que o ouro e a prata, como David diz a respeito da Torá (*Ibid.* 12:7): "As palavras do Santíssimo são absolutamente puras, como a prata, por sete vezes refinada na fundição". Aquele que verdadeiramente servir a Deus não se contentará com pouco, neste contexto, e não aceitará a prata misturada com escória e chumbo, isto é, o serviço Divino misturado com motivos impuros. Ele insistirá naquilo que é adequadao e puro e, então, será chamado de "praticante de uma *Mitsvá*, tal como está determinado", e sobre o qual nossos Sábios, de abençoada memória, dizem (*Shabat* 63a): "Aquele que realiza uma *Mitsvá*, tal como está determinado, não receberá notícias ruins"; e nesta mesma linha (*Nedarim* 62a): "Faça coisas pelo seu Criador e fale sobre elas por seus próprios méritos ". É este tipo de serviço que é escolhido por aqueles que servem a Deus com devoção em seus corações.

Aquele que não adere a Deus com verdadeiro amor achará este tipo de purificação extremamente tediosa e onerosa. Tal pessoa dirá: "Quem poderá suportar isto? Não passamos de criaturas terrenas, nascidas de um ventre humano. Jamais poderemos esperar atingir tamanha pureza!". No entanto, aqueles que amam a Deus e anseiam servi-Lo, regozijar-se-ão em mostrar a firmeza de seu amor pelo Santíssimo e em se fortalecer no refinamento e na purificação deste amor. Esta é a intenção da conclusão de David (Salmos 119:140): "... e Teu servo a ama".

Na verdade, este é o critério pelo qual aqueles que amam a Deus são julgados e avaliados. Aquele que for mais habilidoso na purificação de seu coração estará mais próximo de Deus e será mais amado por Ele. Foi esta pureza que caracterizou "os primeiros da terra" que se fortaleceram e se saíram vitoriosos, os nossos Patriarcas e os outros pastores que purificaram seus corações diante Dele. Como David advertira seu filho Salomão (1 Crônicas 28:9): "... pois o Santíssimo examina todos os corações e percebe as intenções que guiam os pensamentos" e como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*San'hedrin* 106b): "O Todo-Misericordioso deseja o coração". Pois não basta ao Santíssimo, bendito seja, se nossas ações sejam atos de *Mitsvá*; para Ele, é de suprema importância que o coração da pessoa seja puro na sua dedicação ao verdadeiro serviço Divino. O coração é o rei e o motor de todas as partes do corpo. Se a pessoa não se dedicar ao serviço ao Santíssimo, o trabalho e o serviço de todos os demais órgãos será insignificante, uma vez que os órgãos funcionam conforme são dirigidos pelo coração. Como está claramente declarado nas Escrituras (Provérbios 23:26): "Dá-me, filho, o teu coração...".

Capítulo 17

Os Meios para Alcançar a Pureza

Aquele que já perseverou e atingiu as virtudes e qualidades até aqui mencionadas, achará fácil conseguir o predicado da Pureza, pois quando chegar a enxergar a baixa qualidade dos prazeres mundanos e dos bens terrenos, ele os desprezará e passará a vê-los como malignos e como defeitos da natureza terrena, grosseira e sombria. Quando as verdades sobre esta natureza são inculcadas na pessoa, não restam dúvidas de que ela achará fácil separar-se delas e removê-las de seu coração. Quanto mais a pessoa se devotar à profunda meditação deste assunto para poder reconhecer a inferior natureza das coisas mundanas e de seus prazeres, mais fácil ela achará purificar seus pensamentos e seu coração para que não haja incidência dos recursos da inclinação malévola em quaisquer de seus atos, e seu papel nas atividades terrenas que praticar não passarão de atividades obrigatórias.

Assim como dividimos a pureza de pensamentos em duas partes, uma que trata das ações físicas e outra do serviço Divino, também existem duas operações distintas necessárias para sua obtenção. Para que seja possível a purificação dos pensamentos em relação às ações físicas, a pessoa deve empenhar-se na constante observação da natureza baixa do mundo e dos prazeres por ele oferecidos, conforme abordado anteriormente. Para purificar seus pensamentos em relação ao serviço Divino, ela deve pensar muito acerca da falsidade do orgulho e dos enganos e ilusões advindos dele e, assim, treinar-se para fugir disto tudo. Se assim fizer, ela estará, durante o tempo de seu serviço Divino, desinteressado de quaisquer louvores dos homens e sua mente estará unicamente voltada ao Santíssimo, que é o nosso louvor e todo o nosso bem, a nossa perfeição e além do qual nada mais existe, como está dito (Deuteronômio 10:21): "Ele é o teu louvor, Ele é o teu Deus...".

Um dos meios que leva a pessoa à obtenção deste predicado é a preparação para o serviço Divino e para as *Mitsvót*, de modo a não praticá-las repentinamente, deixando de

refletir sobre o que está prestes a fazer; ao invés disto, ela planeja a ação e, paulatinamente, prepara seu coração para isto. Ela estará então pensando sobre o que vai fazer e perante Quem ela praticará aquele ato – ao proceder assim, ser-lhe-á fácil privar-se e despir-se de quaisquer motivos externos, bem como de implantar em seu coração os motivos que são desejáveis e verdadeiros. Os fiéis de outrora esperavam uma hora antes de orar, para que seus corações fossem dirigidos ao Santíssimo (*Berachot* 30b). Desnecessário dizer que isto não significa que eles permitiam que seus corações permanecessem inertes durante uma hora; eles meditavam e se preparavam para a prece que estava por se seguir, eliminando pensamentos estranhos e preenchendo seus corações com o amor e o temor necessários. Nas palavras de Jó (Jó 11:13): "Se, pois, firmares teu coração e para Deus estenderes as tuas mãos...".

Os impedimentos a esta virtude, aqueles elementos que constituem uma falta de atenção aos fatores anteriormente mencionados, são a ignorância da pobre qualidade dos prazeres terrenos, a busca pelo louvor e pelo elogio, e a precária ou insuficiente preparação ao serviço Divino. Os dois primeiros seduzem a mente e a impelem para motivos exteriores, fazendo-a parecer uma adúltera que, embora ainda vivendo com seu cônjuge, aceita a companhia de estranhos. Os pensamentos estranhos são considerados um adultério do coração, como está escrito (Números 15:39): "... e não vos desvieis segundo os desejos de vosso corações ou do que enxergam vossos olhos pois seria adultério segui-los ". Ao alimentar pensamentos estranhos, o coração se afasta da honestidade com a qual deveria se identificar para seguir após vaidades e aparências enganosas. A preparação insuficiente ao serviço Divino alimenta a ignorância advinda dos interesses puramente terrestres e deturpa o serviço Divino com sua impureza.

Capítulo 18

A Devoção (*Chassidut*)

A virtude da Devoção merece, de fato, ser bem explicado, pois muitos usos e costumes podem parecer como Devoção, sendo, na verdade, apenas "aparências", desprovidos de forma, desempenho e perfeição. Isto se deve à falta de observação atenta e raciocínio honesto por parte dos praticantes desta forma artificial de Devoção. Ao invés de se esforçarem para conhecer o caminho de Deus de forma clara e racional, as pessoas imaginam praticar a Devoção baseando-se naquilo que primeiro vem às suas mentes como sendo santo, sem submeter suas ideias a um exame cuidadoso, e sem ponderá-las na balança de sua sabedoria. Por causa de pessoas assim, a Devoção tornou-se repulsiva para muitos; entre eles, a elite intelectual.Os pseudo devotos dão a impressão de que a Devoção baseia-se em tolices e vai no caminho contrário da lógica e da inteligência; eles levam as pessoas a pensar que ela consiste inteiramente na formulação de muitas súplicas, em longas confissões, em exacerbados gemidos, lamentações e reverências, e em flagelos (tais como a imersão em gelo e neve, entre outros), através dos quais a pessoa se humilha. Elas não entendem que, embora algumas destas posturas sejam necessárias àqueles empenhados no arrependimento e outras são apropriadas àqueles que praticam a Devoção, ela não está fundamentada sobre todas elas (embora o aprimoramento de tais práticas possam lhe servir de complemento à Devoção).

Na verdade, para obter-se uma correta compreensão da essência da Devoção é preciso um pensamento profundo, pois ela se apoia sobre os fundamentos da sabedoria superior e sobre uma perfeição nas ações praticadas, de forma tão completa que sirva como uma meta e um objetivo a todos aqueles que são verdadeiramente sábios em seus corações. De fato, apenas os sábios são os que podem, genuinamente, consegui-la. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Avot* 2,5): "Um ignorante não pode ser verdadeiramente devoto".

Passamos a explicar este conceito numa sequência mais ordenada. A origem – as raízes – da Devoção está resumida na afirmação de nossos Sábios, de abençoada memória (*Berachot* 17a): "Afortunado é aquele que trabalha na Torá e é aprazível ao seu Criador". A ideia que se depreende é a seguinte: são conhecidas as *Mitsvót* que são obrigatórias para todo Israel e quanto cada um está a elas ligado. No entanto, aquele que ama o Criador verdadeiramente, não desejará e não tentará cumprir suas obrigações através de um dever que é reconhecido por todos, em geral, mas agirá como um filho que ama seu pai e que, mesmo que ele tão somente lhe manifeste uma simples vontade por algo, procurará realizar aquele desejo da forma mais completa e plena que lhe seja possível; e, embora seu pai tenha manifestado essa vontade apenas uma só vez, e, ainda assim, de forma incompleta, isto já é suficiente para que o filho entenda o que se passa na mente de seu pai, levando-o a fazer tudo aquilo que não fora expressamente pedido. Se o filho, por si mesmo, puder entender o que trará prazer e satisfação a seu pai, não esperará receber ordens mais explícitas, ou que o pai lhe peça pela segunda vez.

Podemos notar que, entre aqueles que se amam e entre amigos – entre cônjuges, entre um pai e seu filho, enfim, entre todos aqueles que estão ligados por um amor verdadeiramente forte – aquele que ama jamais dirá: "Não me pediram nada mais do que isto. Basta que eu atenda o que foi claramente expresso". Em vez disto, ao analisar o que lhe foi ordenado, procurará se aproximar da intenção de quem lhe formulou o pedido ao máximo, e fará aquilo que julga lhe trazer satisfação e prazer. O mesmo é válido para quem ama genuinamente seu Criador. As *Mitsvót*, cujos mandamentos são claros e amplamente conhecidos, servir-lhe-ão de indicadores da vontade e do desejo do Santíssimo, bendito seja. Tal pessoa não dirá: "Basta-me cumprir o que foi claramente pedido", ou "De qualquer forma, cumprirei as minhas obrigações, realizando aquilo que me foi incumbido". Ao contrário, ela dirá: "Uma vez que pude ver a intenção do desejo de Deus em relação a isto, eu a usarei como uma indicação, como um sinal, para fazer tanto quanto puder, até onde puder e em tantas áreas em que puder vislumbrar o desejo do Santíssimo, bendito seja". Uma pessoa assim poderá ser chamada de "aquele que é aprazível a seu Criador".

Assim, a Devoção é uma realização pormenorizada de todas as *Mitsvót*, englobando todas as áreas e condições relevantes possíveis. Deve-se perceber que a Devoção tem a mesma natureza da Separação, diferindo dela apenas no que tange aos mandamentos positivos, enquanto a Separação trata dos mandamentos negativos, porém

correspondentes em termos de sua função geral, além daquilo que foi claramente afirmado e que podemos deduzir do claro mandamento de dar prazer ao Santíssimo, bendito seja. Eis a delimitação da verdadeira Devoção. Explicarei agora suas principais divisões.

Capítulo 19

As Divisões da Devoção

Existem três principais divisões da Devoção: uma envolve a ação; a segunda envolve a maneira de realizá-la; e a terceira envolve a intenção. A divisão referente à ação se divide em duas áreas: uma se refere ao relacionamento entre o homem e o Criador, e a segunda, ao relacionamento entre o homem e seu próximo.

A ação no relacionamento entre o homem e o Criador consiste na realização da *Mitsvá* em todas as suas minúcias, tanto quanto seja fisicamente possível. Nossos Sábios, de abençoada memória, referiram-se a estas minúcias como "o remanescente de uma *Mitsvá"* e disseram (*Sucá* 38a): "O remanescente de uma *Mitsvá* evita a ocorrência de acidentes". O fato de uma *Mitsvá* poder ser praticada sem estes "remanescentes " e, mesmo assim, ser cumprida a obrigação de quem a pratica, embora sendo válido para os judeus em geral, não satisfaz aos virtuosos, que querem e devem aumentar sua realização, e não diminui-la.

A Devoção na ação, no relacionamento entre o homem e seu próximo, consiste em fazer o bem continuamente, em beneficiar os seus semelhantes sempre, sem jamais magoá-los ou prejudicá-los. Isto se aplica a seus corpos, a seus pertences e às suas almas.

CORPO: A pessoa deve procurar ajudar todos os homens de todas as formas e maneiras que puder, procurando aliviar a carga de seus semelhantes, assim como aprendemos (*Avot* 6,6): "Suportando a carga de seu próximo". Se pudermos evitar algum perigo corpóreo ao próximo, ou remover aquilo que ameaça causar tal perigo, a pessoa deve esforçar-se, ao máximo, para assim fazer.

PERTENCES: A pessoa deve ajudar ao próximo, tanto quanto lhe permitirem suas posses e seus recursos, não lhe permitindo prejuízo ou dano de todas as formas possíveis. Ela deve tomar precauções especiais para que, em nenhuma circunstância, se ache responsável por tal dano ou prejuízo, seja para um ou para muitos indivíduos. Ainda que

não exista um motivo imediato para tal preocupação, se existir até mesmo uma remota possibilidade que algo que lhe pertença possa causar prejuízo, ela deve tirar aquilo do caminho. Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Avot* 2,12): "Tudo aquilo que pertence ao seu próximo deve ser-lhe tão precioso quanto seus próprios pertences".

ALMA: A pessoa deve tentar dar ao próximo tanto prazer quanto lhe seja possível, seja em relação à honra ou a quaisquer outras coisas. Desnecessário dizer que ela não deve, de forma alguma, causar ao próximo quaisquer sofrimentos. Tudo isto vem sob a égide e a forma do amor bondoso, a importante e valorosa natureza à qual nossos Sábios, de abençoada memória, estavam ligados. Nesta área estão a busca pela paz e a promoção geral do bem entre o homem e seu próximo.

Ilustrarei estas afirmações fazendo referência às palavras dos nossos Sábios, de abençoada memória, embora aquilo que eu disse seja óbvio e não precisasse de maiores ilustrações.

No Capítulo "*Cidadãos*" foi dito (*Meguilá* 27b): "Os discípulos de Rabi Zacai perguntaram-lhe: 'Por que foste merecedor de vida tão longa?', ao que respondeu: 'Eu nunca fui urinar próximo ao lugar onde alguém rezou anteriormente, nunca chamei meu amigo por um apelido e nunca deixei de fazer o *Kidush* no Shabat. Eu tinha uma mãe idosa que, certa vez, vendeu seu chapéu para poder comprar-me o vinho para o *Kidush*'". Este é um exemplo de Santidade em relação às minúcias das *Mitsvót*; pois quando Rabi Zacai estava tão carente de recursos que, para conseguir o vinho, sua mãe teve que vender seu próprio chapéu, não lhe seria exigido conseguir vinho. Assim, o que ele fez foi um ato de Santidade. Sua preocupação com o respeito a seu amigo, a ponto de jamais chamá-lo por um apelido, mesmo que não fosse ofensivo (conforme a interpretação de *Tossafot*), também foi um aspecto da Santidade. Rabi Huna amarrou um elástico sobre suas vestes, pois tinha vendido seu cinto para poder comprar vinho para o *Kidush*.

(*Ibid.*): "Os discípulos de Rabi Eliezer ben Shamúa perguntaram-lhe: 'Por que foste merecedor de vida tão longa?', ao que respondeu: 'Eu jamais usei a sinagoga como um atalho e jamais irrompi sobre as pessoas santificadas enquanto estavam absortas em seus estudos'".

No primeiro caso, Rabi Huna estava praticando a Santidade ao manifestar seu respeito a uma sinagoga; no segundo caso, ao não andar entre aqueles que estavam sentados

estudando para não dar-lhes a impressão que os estivesse depreciando ou diminuindo, ele estava demonstrando respeito por seus companheiros.

"Os discípulos de Rabi Preda perguntaram-lhe: 'Por que foste merecedor de vida tão longa?', ao que respondeu: 'Nunca ninguém me precedeu à casa de estudo, eu jamais recitei a bênção antes de um *Cohen* e jamais comi carne de um animal dado em sacrifício, cujas oferendas de presente não foram retiradas'".

"Perguntaram a Rabi Nechunia: 'Por que foste merecedor de vida tão longa?', ao que respondeu: 'Jamais recebi elogios em troca da vergonha de um amigo, e a desgraça de meu amigo jamais subiu em meu leito'". De forma figurada nos é dito: "Quando Rabi Chana bar Chanilai acorreu em ajuda de Rabi Huna, aliviando-lhe o peso do pesado machado que carregava ao ombro, ouviu de Rabi Huna: 'Se, de onde vens, estás acostumado a carregar este machado, então podes carregá-lo; caso contrário, não quero ser honrado em função de tua vergonha'". Embora a "vergonha de seu amigo" possa sugerir uma tentativa consciente de aumentar a própria reputação através da vergonha de seu amigo, aqueles que são considerados Devotos são avessos a receberem elogios em função da vergonha de seus amigos, ainda que tais amigos aceitem tal procedimento.

Ainda em relação a Devoção, também Rabi Zeira dizia: "Jamais fui um intrometido em minha própria casa, nunca caminhei à frente de alguém maior do que eu, jamais meditei em lugares impuros, nunca andei quatro côvados (*Amót*) sem a Torá e os *Tefilin*, jamais dormi ou tirei uma soneca na sinagoga, nunca me regozijei com a desgraça de meu próximo e jamais chamei meu amigo por seu apelido". Aqui estão representados todos os tipos de Devoção que foram citados anteriormente.

Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram mais (*Baba Cama* 30a): "Disse Rabi Iehudá: 'Se alguém desejar ser um Devoto, que cumpra as leis das Bênçãos' (i.e., aquelas leis que regem o relacionamento entre o homem e o Santíssimo). Outros dizem: 'Que ele cumpra as leis das Compensações' (i.e., aquelas leis que regem o relacionamento entre o homem e seu próximo). Outros, ainda, dizem: 'Que ele cumpra as leis da Ética' (que abrangem ambas as categorias anteriores)".

A prática do amor misericordioso é de suma importância para a Devoção, pois a própria "Devoção" decorre dela. Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Avot* 1,2): "O mundo se apoia sobre três características", sendo uma delas o amor misericordioso. Eles

o incluíram (*Peá* 1:1) entre as coisas cujos frutos o homem colhe neste mundo e cuja essência torna-se sua recompensa no Mundo Vindouro. Disseram ainda (*Sotá* 14a): "Rabi Simlai aprendeu que a Torá começa e termina com o amor misericordioso"; Rava aprendeu que (*Ievamot* 79a) "todos aqueles que possuem estas três qualidades vêm, sem dúvida, da semente de nosso pai Abrahão: bondade, modéstia e amor misericordioso'". Dizia Rabi Elazar (*Sucá* 49b): "O amor misericordioso é ainda maior do que a caridade, como está dito (Oséias 10:12): 'Semeai para vós a justiça, a fim de colher o amor...'". "O amor misericordioso (*Guemilut Chassadim*) é maior do que a caridade, de três maneiras: a caridade é praticada através das posses da pessoa, e o amor misericordioso através de seu corpo; a caridade é dada aos pobres e necessitados, e o amor, tanto aos carentes quanto aos abastados; a caridade é dada apenas aos vivos, e o amor misericordioso, tanto aos vivos quanto aos mortos". E (*Shabat* 151b): "(Deuteronômio 13:18): '... para que o Eterno Se aparte do furor de Sua ira, tenha piedade de ti, Se compadeça de ti...' – o Céu é piedoso e misericordioso com todos aqueles que são piedosos e misericordiosos com seus próximos".

Isto é indiscutível; pois na equanimidade do Santíssimo, bendito seja, aquele que é piedoso com seus companheiros e os trata com amor misericordioso, é merecedor de misericórdia e de absolvição de seus pecados com o mesmo amor. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Rosh Hashaná* 17a): "Que é perdoado por Ele? Aqueles que perdoam uma injustiça que tenham recebido". Se alguém não estiver disposto a agir com amor misericordioso, será tratado também somente sob a estrita justiça. Quem poderia suportar se o Santíssimo, bendito seja, agisse somente com base na justiça? Assim louvava o Rei David (Salmos 143:2): "Contra Teu servo, não ponderes em julgamento, pois criatura não há que diante de Ti se justifique". No entanto, aquele que se empenha no amor misericordioso, recebe-lo-á na mesma proporção. David exultava por possuir esta qualidade, chegando a dedicar o bem até mesmo àqueles que o odiavam (*Ibid.* 35:13): "Entretanto, em sua adversidade me cobri de luto e com jejum afligi minha alma"; e (*Ibid.* 7:5): "Se eu retribuí com o mal a quem comigo estava em paz...".

Também faz parte desta categoria de Devoção não fazer mal ou causar sofrimento a nenhuma criatura – nem mesmo aos animais – mostrando misericórdia e piedade. Como está dito (Provérbios 12:10): "O justo cuida da vida até de seus animais...". Há aqueles que sustentam (*Shabat* 128b) que a própria Torá proíbe causar sofrimento aos animais, mas, de qualquer forma, há uma proibição rabínica a respeito.

Em resumo, a misericórdia e a beneficência devem estar, duradoura e continuadamente, inculcadas no coração de um Devoto. Seu permanente objetivo deve ser o de trazer satisfação aos seus semelhantes e não lhes causar qualquer dor ou sofrimento.

A segunda divisão da Devoção refere-se à forma de sua prática que, por sua vez, também se divide em duas partes, cada uma composta de muitas particularidades. Estas duas principais divisões são o temor e o amor a Deus, sendo ambos os pilares do verdadeiro serviço Divino. Faz parte do temor a Deus sentir-se humilde perante o Santíssimo, sentindo-se acanhado ao se aproximar do serviço Divino e honrar as *Mitsvót*, a Deus e a Torá. O amor a Deus compreende alegria, comunhão e ciúme. Passamos a explicar, individualmente, cada um destes fatores.

Temor

O principal aspecto do temor a Deus é o temor à Sua natureza exaltada. Quando a pessoa estiver empenhada na prece e na prática de uma *Mitsvá*, deve estar consciente de que é na presença do Rei dos Reis que ele ora e pratica suas ações. Assim como nos exorta o *Taná* (*Berachot* 28b): "Quando orar, saiba perante Quem você o faz".

Existem três coisas que a pessoa deve examinar e considerar bem para que possa obter este temor. A primeira é conscientizar-se de estar, de fato, na presença do Criador, bendito seja Seu Nome, e comunicando-se com Ele, ainda que não possa vê-Lo. Esta é a mais difícil das três, pois é difícil criar uma imagem real no coração, estando totalmente desprovido de qualquer ajuda dos sentidos para este fim. No entanto, aquele que for dotado de inteligência conseguirá, com um pouco de concentração e atenção, implantar em seu coração a realidade de estar, de fato, comunicando-se com o Santíssimo, bendito seja, e de estar implorando e suplicando-Lhe, sendo ouvido por Ele da mesma forma que, ao falar com um amigo, é por ele ouvido.

Depois de ter implantado isto em sua mente, deve concentrar-se na majestade do Santíssimo, tendo Sua presença elevada acima de todas as bênçãos e louvores, acima de todas as formas de perfeição que sua mente possa vislumbrar e compreender. Além disto, deve refletir também acerca da pequenez do homem e de sua qualidade inferior devido à sua existência terrena e grosseira e, especialmente, a todos os pecados cometidos por ele. Ao levar em conta tudo isto, será impossível ao seu coração deixar de temer e de estremecer ao expor suas palavras ante o Santíssimo e ao pronunciar Seu Nome, tentando encontrar mercê em Seus olhos. Como está dito (Salmos 2:11): "Servi ao Eterno com reverência e regozijai-vos com temor e respeito"; e (*Ibid.* 89:8): "Deus é reverenciado entre os anjos, e temido por todos os que estão à Sua volta". Os anjos, por estarem mais perto do Santíssimo, por não estarem sob o jugo de um corpo terreno, podem com mais facilidade vislumbrar Sua grandeza e, consequentemente, seu temor é muito maior do que o dos seres humanos. O Rei David, que a paz esteja com ele, exaltava o Santíssimo (*Ibid.* 5:8): "... eu me prostrarei em direção ao Teu sagrado santuário em temor a Ti". Como está escrito (*Malaquias* 2:5): "... e ele estremeceu ante o Meu Nome"; e (*Esdras* 9:6): "Meu Deus, estou coberto de vergonha e confusão ao levantar minha face para Ti". No entanto, este tipo de temor deve, primeiramente, crescer no coração antes de se manifestar no corpo sob a forma de reverência, com a cabeça e o tronco curvados, olhos baixos e mãos

entrelaçadas, tal como um servo insignificante diante de um grande rei. Como estabelece o Talmud (*Shabat* 10a): "Rava entrelaçava os dedos de suas mãos e orava dizendo: 'Eis que sou como um servo perante o Santíssimo'".

Tratamos até aqui da humildade e da vergonha; passaremos agora a abordar a honra e o respeito. Os nossos Sábios, de abençoada memória, já nos exortavam acerca da dignidade e dos valores de uma *Mitsvá* (*Shabat* 133b): "(Êxodo 15:2): 'Este é o meu Deus e far-Lhe-ei uma morada; o Deus de meu pai e eu O enaltecerei' – enaltecer-se diante Dele com as *Mitsvót:* embelezar-se com *Tsitsit* perfeitos, os mais belos *Tefilin*, uma Torá admirável, um *Lulav* bem escolhido". E mais (*Baba Cama* 9b): "A pessoa deveria gastar até um terço a mais em prol da beleza numa *Mitsvá*. Tudo que é gasto até este limite será pago pela própria pessoa e tudo aquilo que exceder este limite estará aos cuidados do Santíssimo, bendito seja". Isto está perfeitamente claro a partir do que nos disseram nossos Sábios, de abençoada memória, ao afirmarem que a realização de uma *Mitsvá* não é suficiente; ela deve ser honrada e embelezada.

Há aqueles que, para tornarem as coisas mais fáceis para si, argumentam que a honra somente é significativa aos seres humanos, que se deixam iludir por tais vaidades, mas que são completamente supérfluas ao Santíssimo, bendito seja, que está muito acima disto tudo e que não é afetado por nada disto, bastando-Lhe a fervorosa prática das *Mitsvót*. Porém, a verdade é que o Santíssimo, bendito seja, é chamado "o Deus da Honra" e estamos obrigados a conferir-Lhe honra, mesmo que Ele não necessite dela, e considere isto insignificante ou sem valor. Aquele que estiver em condições de render grande honra e respeito a Deus, mas não o faz, é considerado um pecador. O Profeta Malaquias protestou de forma veemente contra os judeus com a palavra de Deus (*Malaquias* 1:8): "Acaso não está errado trazer um animal cego para oferecer em sacrifício?... Ofereces algo assim a teu chefe?! Será que ele vai gostar e te considerar?". Nossos Sábios, de abençoada memória, exortaram-nos a nos conduzirmos em nosso serviço Divino de maneira bastante diferente. Eles diziam, por exemplo (*Sucá* 50a), que a água que ficou exposta não deveria ser aceita para finalidades rituais. Embora esta água seja permitida para usos mundanos, o conceito de "ofereces algo assim a teu chefe" desqualificava-a para o uso ritual. Embora não haja nada de errado com este tipo de água e embora o seu uso cotidiano seja permitido, os aspectos de respeito tornavam-na inaceitável para fins religiosos. Está estabelecido na *Sifri:* "(Deuteronômio 12:11): '... as vossas ofertas de elevação e os vossos sacrifícios... e tudo o que há de melhor que prometerdes ao Eterno, vosso Deus' –

somente devemos oferecer aquilo que foi seletivamente escolhido". Caim e Abel ilustram bem este caso. Abel, o pastor, ofereceu o primogênito de suas ovelhas e o melhor de seus produtos, enquanto Caim, o lavrador, ofereceu o pior dos frutos de sua terra; como nos disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Bereshit Rabá* 22:5): "Qual foi o resultado? (Gênesis 4:4,5): 'E voltou-Se o Eterno para Abel e para sua oferta. E para Caim e para sua oferta não Se voltou'"; e (Malaquias 1:14): "Maldito o trapaceiro que, tendo um touro perfeito em seu rebanho, oferece-Me em sacrifício um animal defeituoso! Sou um grande Rei...".

Nossos Sábios, de abençoada memória, frequentemente nos advertem contra a depreciação das *Mitsvót.* Eles disseram (*Shabat* 14a): "Aquele que segura um rolo de Torá despido será sepultado nu", devido à "desvalorização" de uma *Mitsvá*.

A ordem de oferecer os primeiros frutos nos traz a percepção do significado do embelezamento de uma *Mitsvá*. Aprendemos que (*Bicurim* 3:3) "o boi anda à sua frente, seus chifres revestidos de ouro, uma coroa de ramos de oliveira sobre sua cabeça..."; e (*Ibid.* 8): "Os ricos trazem os primeiros frutos (*Bicurim,* primícias) da terra em cestas feitas de ouro, e os pobres em cestas feitas de vime...". E ainda (*Ibid.* 10): "Existem três categorias em relação aos primeiros frutos: os primeiros frutos propriamente ditos, os seguintes aos primeiros e as decorações dos primeiros frutos...". Aí está sendo claramente mostrado o quanto devemos adicionar ao corpo de uma *Mitsvá* para embelezá-la. O que vemos aqui deveria nos servir de modelo para todas as demais *Mitsvót* da Torá!

Nossos Sábios, de abençoada memória, nos dizem (*Shabat* 10a): "Rava bar Rabi Huna cingia-se de belas vestimentas e assim orava (Amós 4:12): 'Embeleza-te diante de teu Deus, ó Israel'". Em relação às belas roupas de Esaú (Gênesis 27:15): "E tomou Rebeca as roupas de Esaú, seu filho maior, as limpas...", disse Raban Shimon ben Gamliel (*Bereshit Rabá* 65:16): "Servi a meu pai... mas quando Esaú servia a seu pai, vestia somente roupas nobres". Se uma criatura feita de carne e osso é servida desta forma, imagine quanto mais cuidado e esmero deve-se empregar no vestir-se ao se postar em oração diante do Rei dos Reis, do Santíssimo, bendito seja, e sentar-se diante Dele como sentamos diante de um grande rei.

Fazem parte desta categoria a honra e respeito ao Shabat e às Festas, pois aquele que, nestas ocasiões, presta seu maior respeito e honra, certamente estará, assim, trazendo prazer ao seu Criador, que nos ordenou (Isaías 58:13): "... que o dia santificado merece

todo respeito...". Quando estiver inculcado em nós a verdade que o respeito pelo Shabat é uma *Mitsvá*, muitas maneiras de honrá-lo e respeitá-lo se nos apresentarão. A regra básica neste sentido é que temos a obrigação de praticar quaisquer ações que se aumentariam à dignidade do Shabat. É em razão disto que os primeiros Sábios ocupavam-se com os preparativos para o Shabat, cada um a seu próprio modo (*Shabat* 119a): "Rabi Abahu sentava-se num banco de marfim e abanava o fogo; Rabi Safra assava a cabeça de um animal; Rava salgava uma carpa; Rabi Huna acendia uma chama; Rabi Papa trançava uma mecha de pavio; Rabi Chisda picava beterraba; Rava e Rabi Iossef rachavam lenha; Rabi Nachman trazia e levava coisas para casa dizendo: 'Se Rabi Ami e Rabi Assi fossem meus convidados, não faria tais trabalhos para eles?'".

A analogia de Rabi Nachman leva-nos à reflexão, pois pode servir-nos de modelo. Seu procedimento refletia até onde ele poderia normalmente ir ao honrar alguém e que ele, de forma semelhante, honraria o Shabat. Neste sentido, vemos que (*Berachot* 17a) "a pessoa deveria ser sutil em seu temor a Deus". Ela deve ter o conhecimento e ser capaz de discernir entre uma e outra coisa, e de criar situações através das quais honrar ao seu Criador de todas as maneiras que o nosso reconhecimento da grandiosidade de Seu domínio sobre nós possa ser revelado, para que tudo que Lhe for atribuído seja verdadeiramente honrado e respeitado por nós. Considerando o fato de que o Santíssimo, bendito seja, em Sua infinita bondade, apesar de todas as nossas limitações e iniquidades, legou em Sua humildade a distribuição da honra entre nós e nos comunicou Suas sagradas palavras, deveríamos, ao menos, honrá-las com todas as nossas forças e mostrar o quão preciosas elas nos são.

É isto que constitui o verdadeiro temor a Deus, o temor à Sua grandiosidade, conforme mencionamos acima. É sobre este temor que se apoia a honra que leva ao amor por Deus, como explicaremos mais adiante, com a ajuda do Santíssimo. Não se trata do temor pela punição, que não é o tipo principal de temor e que não leva ao alcance das altas qualidades desta virtude.

Voltando à honra e ao respeito ao Shabat, lemos que (*Shabat* 119a) Rabi Anan usava uma roupa preta, isto é, ele se vestia com trajes negros na véspera do Shabat, fazendo com que a honra e o respeito do Shabat fossem mais destacadas por meio daquelas vestes, especialmente reservadas para esta ocasião. Podemos ver que inclui-se na *Mitsvá*, não apenas os preparativos positivos para o Shabat, mas também a criação de uma situação

negativa que, em contraste, tende a enaltecer a impressão da honra e do respeito que lhe dedicamos. Esta constitui a base da proibição contra fixar uma refeição na véspera do Shabat, bem como para atos semelhantes.

Um dos aspectos do temor a Deus é o respeito à Torá e a honra que se deve dedicar àqueles que a estudam. Aprendemos (*Avot* 4,6): "Aquele que honra a Torá será honrado por seus semelhantes". Diziam nossos Sábios, de abençoada memória (*San'hedrin* 102b): "Disse Raban Iochanan: Por que Achav mereceu reinar por 22 anos? Porque honrou a Torá, que nos foi dada com 22 letras, como foi dito (1 Reis 20:2): '(Ben Hadad) Enviou mensageiros a Achav... e que tomassem tudo que seus olhos desejassem. E disse aos mensageiros de Ben Hadad: 'Dizei a meu senhor, o Rei, que farei tudo que me ordenou da primeira vez, mas isto, não poderei fazer.'. E qual era o desejo de seus olhos? Um rolo da Torá". Em outro lugar, disseram (*Berachot* 19a): "Aquele que viaja de um lugar para outro, não deve guardar um rolo da Torá num saco, colocar o saco sobre o lombo de um jumento e cavalgá-lo; o rolo deverá ser carregado em seu colo...". Também foi proibido (*Moed Catan* 25a) sentar-se sobre uma cama onde estivesse repousado um rolo da Torá, assim como também é proibido (*Eruvin* 98a) jogar fora escrituras sagradas, mesmo *Halachót* e *Agadót*, bem como (*Meguilá* 27a) colocar exemplares dos Profetas e dos Hagiógrafos (*Ketuvim*) sobre um exemplar do Livro de Moisés. Tais proibições foram aplicadas a toda congregação de Israel e aquele que quer ser Devoto deve aprendê-las e praticá-las para honrar o Nome do Santíssimo, seu Deus.

Faz parte desta área da Devoção a necessidade de integridade e pureza quando lidamos com palavras da Torá, um requisito que se estende ao ponto de ser proibido pensar nelas em lugares impuros ou quando as mãos da pessoa estão sujas. Nossos Sábios, de abençoada memória, frequentemente nos têm alertado neste sentido.

Com relação àqueles que estudam a Torá, as Escrituras nos dizem (Levítico 19:32): "Diante de pessoas idosas te levantarás e honrarás o rosto dos sábios ". Isto serve de base ao Devoto para que possa conferir honra aos estudiosos da Torá de todas as formas possíveis. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Ketubot* 103b): " (Salmos 15:4): '... mas aos tementes a Deus concede honra...' – isto em referência a Josafá, Rei de Judá, que, quando via um estudioso da Torá, levantava-se de seu trono, abraçava-o, beijava-o e dizia-lhe: 'Meu Rabi, meu Rabi; meu professor, meu professor'". Quando se sentia fatigado com o estudo, Rabi Zeira (*Berachot* 28a) se postava à porta da

Casa de Estudos para praticar a *Mitsvá* de levantar-se à passagem ou à presença de um estudioso da Torá.

Vimos ser tudo isto o desejo do Criador, bendito seja, em relação ao que Ele nos revelou Seu supremo julgamento. Assim sendo, aquele que quiser dar prazer ao seu Criador, por estes meios deverá prosseguir e somar às sua práticas tudo aquilo que é correto ante o Santíssimo. Fazem parte deste aspecto da Devoção o respeito e a honra à sinagoga e à Casa de Estudos. Não basta que a pessoa não se conduza de maneira frívola nestes recintos; ela deve observar todas as formas de respeito, de honra e temor em todas as suas maneiras e ações, cuidando para não fazer qualquer coisa que não fizesse no palácio de um grande rei.

Amor

Falaremos, agora, a respeito do amor de Deus e de suas três divisões: a alegria, a comunhão e o ciúme. O amor a Deus consiste em querer e ansiar ardentemente Sua aproximação e buscar Sua Santidade, assim como buscamos algo que muito desejamos. Este amor vai ao ponto de fazer com que a simples menção de Seu Nome, o recitar de Seus louvores, a ocupação com as palavras de Sua Torá e o estudo da natureza de sua Divindade, nos sejam motivo de grande prazer, deleite e encanto, da mesma forma com que sentimos, mesmo ao simplesmente falar, com a esposa ou com os filhos amados Como está escrito nas Escrituras (Jeremias 31:19): "... quanto mais Dele falo, mais vontade tenho de lembrá-Lo".

Não há dúvida que, aquele que ama a seu Criador, não deixará de servi-Lo de todas as formas possíveis, a menos que tenha sido forçado a deixar de fazê-lo, e não precisará de quaisquer motivações ou induções para isto; seu coração o elevará e o motivará, a menos que haja uma grande barreira que impeça seu caminho.

Esta é a virtude extremamente desejável que os antigos Devotos, os sumamente elevados, tiveram o privilégio de atingir. Como foi dito pelo Rei David (Salmos 42:2): "Como um cervo que anseia pelas fontes de água, assim minha alma Te busca, ó Deus meu. Ela está sedenta de ti, ó Deus vivo; quando poderei comtemplar Tua Divina face?"; e (*Ibid.* 63:2): "...sedenta de Ti está minha alma e meu corpo por Ti anseia...". Tudo isto advém da força de seu anseio pelo Santíssimo. Como diz o Profeta (Isaías 26:8): "...o atrativo da alma é o Teu Nome, a Tua memória"; e (*Ibid.* 9): "Durante a noite minha alma Te deseja, com a força do espírito dentro de mim Te procuro ansioso". O próprio David disse (Salmos 63:7): "Em meu leito, em noites de vigília, lembrar-Te-ei e meditarei sobre Tua bondade". Ele descreveu seu prazer e seu deleite ao falar sobre o Santíssimo e ao cantar Seus louvores (*Ibid.* 119:47): "Hei de deleitar-me com Teus mandamentos, pois muito os tenho amado"; e (*Ibid.* 24): "Pois Tuas leis constituem meu prazer...".

Desnecessário dizer que tal amor não deveria depender de quaisquer fatores externos. Isto é, a pessoa deveria amar ao Criador, bendito seja, não por Ele ser bom com ela, por lhe conceder prosperidade e sucesso, mas por ser naturalmente impelido a isto, assim como um filho é naturalmente impelido a amar a seu pai. Como está escrito na Torá (Deuteronômio 32:6): "Certamente é Ele teu Pai que te remiu, Ele te fez e te estabeleceu".

O teste para este tipo de amor vem em tempos de dificuldade e problemas. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Berachot* 54a): "(Deuteronômio 6:5): 'E amarás ao Eterno, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma...' – mesmo que Ele tome a tua alma, '... e com todas as tuas forças' – com todas as tuas posses". Porém, para que os problemas e as pressões não interfiram como dificuldades ou obstáculos nos caminhos do amor a Deus, a pessoa deve imbuir-se de dois pensamentos: um dirigido a todas as pessoas, e outro aos sábios dotados de conhecimento e experiência.

O primeiro é para que entendamos que tudo que provém do Céu é para o bem do homem. A dor, o sofrimento e a própria pressão que, aos seus olhos, podem parecer maus, são, na verdade, um bem verdadeiro, assim como o fato de um cirurgião cortar a carne ou amputar um membro, para impedir que uma infecção se espalhe pelo resto do corpo, levando o paciente à morte. É um ato de misericórdia, tendo em mente apenas o bem do paciente, embora numa análise superficial possa parecer um ato de crueldade. O paciente não deixará de amar ao seu médico por aquilo que fez; ao contrário, ele o amará ainda mais. Da mesma forma, se a pessoa estiver consciente de que tudo aquilo que o Santíssimo, bendito seja, lhe faz – seja a seu corpo, seja às suas posses – é para o seu próprio bem, embora ela possa não ser capaz de assim perceber ou de entender, seu amor não esmaecerá em decorrência de nenhum tipo de pressão, sofrimento ou dor, mas, ao contrário, ficará ainda mais forte e aumentará constantemente.

No entanto, aqueles dotados de uma verdadeira compreensão não precisam sequer desta explicação, pois eles não são motivados pelo interesse, sendo sua única aspiração aumentar sua honra e seu respeito a Deus, proporcionando-Lhe prazer e satisfação. Quanto mais obstáculos se interpuserem em seus caminhos, tornando necessário que dêem ainda mais de si para vencê-los, mais seus corações se fortalecerão e se regozijarão em mostrar a força e o vigor de sua fé, assim como um general, famoso por sua força, impõe-se no coração de uma batalha, na qual a vitória servirá para mostrar a todos sua coragem e bravura. A alegria que vem com cada oportunidade de expressar a intensidade do seu amor é bem conhecida a todos os seres de carne e osso que amam.

Passamos a discutir, agora, os três tipos de divisões do amor – a comunhão, a alegria e o ciúme.

Comunhão

A comunhão é um estado em que o coração da pessoa adere tão intimamente ao Santíssimo que faz com que ela não se preocupe e não se esforce por nada mais além Dele, tal como aludido por Salomão (Provérbios 5:19): "Como uma corça querida e uma gazela graciosa, que suas carícias te inebriem por todo o tempo, e te alegres sempre no seu amor". No Talmud, nossos Sábios, de abençoada memória, nos dizem (*Eruvin* 54b): "Foi dito que Rabi Elazar ben Pedat sentava-se e ocupava-se com a Torá na parte alta do mercado de Seforis, enquanto suas vestes ficavam penduradas na parte baixa do mercado". A finalidade deste predicado é fazer com que o homem esteja permanentemente unido com o seu Criador. Porém, ao menos na hora do serviço Divino, se ele amar a seu Criador, certamente se empenhará nesta comunhão.

Está dito no Talmud de Jerusalém (*Berachot* 5,1): "Certa vez, quando Rabi Chanina ben Dossa estava de pé, orando, foi mordido por um lagarto venenoso, mas, mesmo assim, não interrompeu suas preces. Seus discípulos perguntaram-lhe então: 'Rabi, não sentiste nada?', ao que respondeu-lhes: 'Porque meu coração estava concentrado em minhas preces, eu nada senti'".

Frequentemente a Torá nos exorta à comunhão com Deus (Deuteronômio 30:20): "... amando ao Eterno, teu Deus, com todo teu coração... e buscando te aproximares de Suas qualidades"; e (*Ibid.* 10:20): "Dele te aproximarás..."; e mais (*Ibid.* 13:5): "... a Ele servireis e com Ele andareis...". Disse David (Salmos 63:9): "Minha alma a Ti se une...". Todos estes versículos falam da mesma coisa – a união do homem com o Santíssimo a ponto de não poder separar-se ou afastar-se Dele. Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Bereshit Rabá* 80:7): "Disse Rabi Shimon ben Lakish: 'O Santíssimo, bendito seja, usou três termos de amor em relação a Israel, os quais aprendemos no episódio de Shechem ben Chamor: comunhão, anseio e desejo'". Essencialmente, estas são as principais divisões do amor – o anseio que mencionei antes, a ligação a Deus e o prazer e a alegria advinda da ocupação que a pessoa tem com tudo aquilo que está associado com o Santíssimo.

Alegria

A segunda principal divisão é a alegria, um princípio fundamental no serviço Divino, em relação ao qual David nos exortou (Salmos 100:2): "Apresentai-vos com cânticos diante Dele e servi-O com alegria"; e (*Ibid.* 68:4): "Os justos, porém, que se alegrem, que exultem perante o Eterno e se rejubilem com alegria". E nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Shabat* 30b): "A Presença Divina repousa sobre o homem somente através de seu júbilo numa *Mitsvá*". Com referência ao versículo citado – "... servi-O com alegria" – eles disseram (*Midrash Shochar Tov ad loc.*): "Disse Rabi Ibu: 'Ao nos postarmos diante Dele em prece, deixemos que nossos corações se rejubilem, pois estamos orando a um Deus inigualável'".

Eis a verdadeira alegria – regozijar-se por termos sido privilegiados para servir o Santíssimo, que é inigualável, e para ocuparmo-nos com Sua Torá e Suas *Mitsvót*, as quais materializam a verdadeira perfeição e a eterna preciosidade. Salomão, em sua imensa sabedoria, assim expressou esta ideia (Cântico dos Cânticos 1:4): "Conduze-me. Após Ti correremos! O Rei me trouxe a seus aposentos; exultaremos e nos alegremos Contigo". Quanto mais privilegiada for a pessoa em entrar nos aposentos da grandeza do Santíssimo, maior será sua felicidade e mais seu coração se alegrará dentro dela. Novamente (Salmos 149:2): "Exulte Israel no louvor a seu Criador; que se alegrem com seu Rei todos os filhos de Tsión". David, que também alcançou um altíssimo plano no cultivo deste predicado, disse (*Ibid.* 43:4): "Eu virei ao altar de Deus – o Deus que é a fonte de meu júbilo – e louvar-Te-ei com a melodia de minha harpa, ó Eterno, meu Deus!"; e (*Ibid.* 71:23): "Alegria haverá em meus lábios por cantarem para Ti, e minha alma exultará por Tua redenção". Sua alegria cresceu tão forte em seu interior, que seus lábios moviam-se sozinhos e cantavam invocando louvores ao Santíssimo – e tudo isto devido ao grande fervor de sua alma, consumado em sua alegria: "e minha alma exultará por Tua redenção". O Santíssimo, bendito seja, enfureceu-Se com os judeus por terem omitido este elemento em seu serviço Divino, como está dito (Deuteronômio 28:47): "Pelo fato de não teres servido ao Eterno, teu Deus, com alegria e com bondade de coração...". David, vendo o espírito com o qual os judeus se empenharam na construção do Templo, constatando que eles já haviam alcançado esta virtude, orou para que este ficasse com eles e não os deixasse, como está dito (1 Crônicas 29:17-18): "... e vi o povo aqui reunido para trazer a Ti oferendas com imensa alegria. Santíssimo, Deus de Abrahão, Isaac e

Israel, nossos pais, conserva sempre esta generosa disposição de coração no Teu povo e faze com que seus corações estejam voltados para Ti".

Ira

A terceira divisão do amor a Deus é o ciúme (zelo) – sendo zeloso pelo Nome do Santíssimo, odiando os Seus inimigos, lutando para humilhá-los o quanto for possível, de forma que o serviço ao Santíssimo seja realizado e Sua honra aumentada. Como disse David, que a paz esteja com ele (Salmos 139:21-23): "Repudio aqueles que Te odeiam e combaterei aqueles que contra Ti se levantarem. Eu os abomino e verdadeiramente os considero meus inimigos...". Disse Elias (1 Reis 19:10): "Estou ardendo de zelo pelo Santíssimo, Deus dos exércitos...". Foi em virtude de seu zelo por Deus que ele conseguiu atingir tais elevados níveis, como no versículo (Números 25:13): "... porque zelou por seu Deus e trouxe expiação pelos pecados dos filhos de Israel". Nossos Sábios, de abençoada memória, foram bastante categóricos em suas afirmações (*Shabat* 54b) no que se refere àqueles que estão em posição de reprovar ou abominar os outros por seus erros, mas que deixam de fazê-lo, e afirmam que eles próprios serão julgados como se tivessem praticado o pecado. Está dito no *Midrash Eichá* (1:34): "(Lamentações 1:6): 'Seus líderes eram como as gazelas à procura de pastagem...' – assim como as gazelas que, quando está quente, viram suas cabeças umas para as outras, os líderes judeus viram o pecado e viraram seus rostos. E disse o Santíssimo, bendito seja, sobre eles: 'Chegará o tempo em que Eu farei o mesmo com eles'".

Assim como aquele que ama seu amigo não tolerará que ele seja agredido ou insultado e, certamente, acorrerá em sua defesa, assim também aquele que zela pelo Nome do Santíssimo não poderá tolerar Sua profanação (não permita Deus!) nem a transgressão de Suas *Mitsvót*. Como disse Salomão (Provérbios 28:7): "Os desertores da Torá louvarão os perversos, e os observantes da Torá os abominarão". Aqueles que louvam o malévolo e seus atos e não lhes apontam seus erros são considerados desertores da Torá, que a abandonam à profanação (que Deus não permita!). Os que observam a Torá, aqueles que se fortalecem ao fortalecerem a Torá, certamente hão de abominá-los. Eles serão incapazes de se conter e permanecer indiferentes. Disse o Santíssimo, bendito seja, a Jó (40:11-13): "... dá livre curso ao ardor da Tua ira e, com um simples olhar, abate o arrogante; encara todos os soberbos e humilha-os e esmaga os ímpios onde eles se encontram; enterra-os todos juntos no pó e amordaça-os para sempre na cova". Esta é a intensidade do amor que aquele que verdadeiramente ama a seu Criador deve ser capaz

de se dedicar. Como está dito (Salmos 97:10): "Aqueles que amam ao Eterno repudiam o mal".

Temos tratado, até aqui, daqueles aspectos da Devoção que se referem às ações e às maneiras de praticá-las; passaremos, daqui em diante, a tratar das intenções em relação à Devoção.

Já discutimos sobre a realização das ações, seja pela glória dos Céus, ou não, analisando seus vários níveis. Aquele que está motivado para o serviço Divino pelo desejo de purificar sua alma ante seu Criador, para que assim possa comparecer à Sua Presença em companhia dos Devotos e dos Justos para comtemplar Sua Glória, morar em Seu Santuário e receber as recompensas do Mundo Vindouro, não terá nada de negativo nesta motivação. Entretanto, não podemos, tampouco, dizer que sua motivação é das melhores. Pois enquanto a pessoa estiver preocupada com seu próprio bem, seu serviço Divino também será realizado para seu próprio bem. A verdadeira motivação que caracteriza os Devotos, que se esforçaram e perseveraram em sua obtenção, é servir unicamente ao propósito de aumentar e difundir a honra do Santíssimo. Somente terá esta motivação após ter crescido madura e fortemente no amor ao Eterno, ansiando e desejando ardentemente pelo engrandecimento de Sua honra e sofrendo com qualquer coisa que a reduza. Ele deseja, pelo menos, estar fazendo o que lhe cabe, para o engrandecimento da honra do Santíssimo, e deseja que todos os demais também possuam esta aspiração. As deficiências e faltas dos outros em relação a isto farão com que sofra e lamente, sem falar de seus próprios lapsos acidentais e involuntários, bem como daqueles resultantes de suas fraquezas, que lhe dificultam proteger-se sempre do pecado, como está escrito (Eclesiastes 7:20): "Não há nenhum justo sobre a terra que faça o bem sem jamais pecar".

Esta postura virtuosa foi definida pelo *Taná Deve Eliyáhu* (Capítulo 4): "Todo sábio de Israel que domina as palavras da Torá conforme seus verdadeiros significados e se preocupa pela honra do Santíssimo, bendito seja, e pela honra de Israel em todos os seus dias, e ardentemente deseja e sofre pela honra de Jerusalém e do Templo, pelo rápido florescimento da salvação e da volta dos exilados, consegue introduzir o espírito Divino em suas palavras...". Este é, então, o modelo apropriado que se deve ter em mente e que se deve cultivar, independente de todas as considerações de prazer pessoal e dirigido somente à honra do Todo-Poderoso e à santificação do Seu Nome, alcançada por Suas criaturas quando realizam Sua vontade.

Neste sentido, está dito (*Zôhar Mishpatim*): "Quem é Devoto? Aquele que é misericordioso com o Eterno ". Quem tem este comportamento, além de ser motivado na forma apropriada em relação à realização das *Mitsvót* e na dedicação de seu serviço Divino, deve, sem dúvida, sofrer por Jerusalém e por sua destruição, por sua tendência em diminuir a honra do Santíssimo, e anseia ardentemente pela Redenção para que ela possa ser magnificada. Como estabelecido pelo mencionado *Taná*: "...ardentemente deseja e sofre pela honra de Jerusalém... e dirige sempre suas preces pela Redenção de Israel e pela restauração da honra do Céu à sua antiga proeminência". Se alguém questionasse: "Quem sou eu e qual o meu valor para que eu possa orar por Jerusalém... os exilados voltariam a ser reunidos e surgiria a Salvação em função de minha prece?", a resposta estaria pronta, como aprendemos (*San'hedrin* 37a): "O homem foi criado individualmente, de forma que cada um pudesse dizer: 'O mundo foi criado para mim'". Agrada ao Santíssimo que Seus filhos desejem e orem por isto. Embora seus desejos possam não ser realizados porque o tempo adequado não tenha chegado, ou por qualquer outra razão, eles terão feito sua parte e o Santíssimo, bendito seja, regozijar-Se-á com isto.

O Profeta Isaías manifestou-se sobre a ausência desta atitude (Isaías 59:16): "Ele viu que não havia ninguém, ficou admirado por não haver quem tomasse providências"; e (*Ibid.* 63:5): "Olhei, não havia quem me ajudasse, pasmei, não havia quem me apoiasse"; e (Jeremias 30:17): "... É Tsión que ninguém mais procura". Com referência a este versículo, nossos Sábios, de abençoada memória, comentaram (*Sucá* 41a): "Isto demonstra a necessidade de lembrar". Isto mostra nossa obrigação neste sentido; não podemos nos eximir em virtude de nossa inadequada força, pois, em relação a todas estas coisas, aprendemos (*Avot* 2,16): "Não lhe cabe concluir o trabalho, mas você não tem a liberdade de a ele renunciar ". Diz, ainda, o Profeta (Isaías 51:18): "Ela (Tsión), que gerou tantos filhos, não encontrou quem dela cuidasse; dos filhos todos que criou, não se achou um que lhe estendesse a mão"; e (*Ibid.* 40:6): "Toda a carne se assemelha a grama e sua bondade com o que cresce no campo "; nossos Sábios, de abençoada memória, interpretaram isto (*Avodá Zará* 2b) com o significado de que todos os seus atos de bondade são praticados em benefício próprio, para o seu próprio bem e para o seu prazer; que eles não são governados por esta motivação pura e não procuram o engrandecimento da honra de Deus e a redenção de Israel. A honra de Deus pode crescer somente com a redenção de Israel e o crescimento de sua honra, dependendo uma da outra, como afirma o mencionado *Taná*: "e ele se aflige pela honra do Eterno, bendito seja, e pela honra de Israel".

Intenção

Assim, existem duas considerações a serem feitas no sentido deste aspecto da intenção. A primeira é que a intenção por trás de cada *Mitsvá* e de cada ato do serviço Divino seja o engrandecimento da honra do Santíssimo que provém dos prazeres que Suas criaturas Lhe proporcionam; e a segunda, que a pessoa sofra por Sua honra e anseie para que esta seja perfeitamente engrandecida através do engrandecimento da honra de Israel e através de seu bem-estar.

O segundo aspecto da intenção refere-se ao bem das gerações. Cabe a cada Devoto que se sinta motivado em suas ações, através de sua preocupação pelo bem de toda a geração, um desejo de protegê-la e beneficiá-la. Esta é a intenção do versículo (Isaías 3:10): "Louvai ao justo, pois ele é bom; porque (todos) se alimentam do fruto resultante de seus atos ". Toda a geração se alimenta de seus frutos. Nesta mesma linha, nossos Sábios, de abençoada memória, comentaram (*Baba Batra* 15a): "(Números 13:20): 'Haverá árvores?' – existirá Devotos que ajam e expiem por todos da nação? Notem que esta é a vontade do Criador: que os justos de Israel tragam méritos e expiem pelos que estão em outros degraus, como os nossos Sábios, de abençoada memória, indicaram em suas afirmações com referência ao *Lulav* e às outras três espécies (*Vayikrá Rabá* 30:12): "Que venham estes e expiem por aqueles". Pois o Eterno não deseja a destruição dos perversos; Ele estabeleceu uma *Mitsvá* que delega aos Devotos a ação de beneficiá-los e fazer expiação por eles. Esta intenção deve estar contida em seu serviço Divino e deve ser manifestada em suas preces; isto é, ele deve orar em favor de sua geração, pedindo a expiação para aquele que dela precisa, para trazer o arrependimento a quem dela necessita e para falar em defesa de toda sua geração. Nossos Sábios, de abençoada memória, nos dizem (*En Iaacov Ioma,* cap. 8) em relação ao versículo (Daniel 10:12): "... por tuas palavras eu vim", que Gabriel não voltou à Divina Providência senão após ter defendido Israel. E sobre Gedeão é dito (*Ialcut*)*:* "(Juizes 6:14): 'Vai, e com essa força que tens, livra Israel...', sobre a força com que defendeu seu povo". O Santíssimo, bendito seja, somente ama aquele que, por sua vez, ama Israel; quanto mais cresce seu amor por Israel, mais cresce o amor do Eterno por ele. Estes são os verdadeiros pastores de Israel, a quem o Santíssimo, bendito seja, deseja; que se sacrificam por Sua ovelha, que se preocupam com sua paz e com seu bem-estar, e que por ela se esforçam de todas as maneiras possíveis; estão sempre dispostos a erguer por eles suas preces, para anular

decretos ou sanções severas, e para abrir-lhes os portões das bênçãos. Isto se assemelha a atitude daquele pai que ama, acima de todos os demais, quem ele percebe dedicar um verdadeiro amor por seus filhos – a própria natureza humana assim nos comprova. Esta é a ideia contida na declaração referente aos *Cohanim* (sacerdotes) (*Macót* 11a): "Eles deveriam ter suplicado por misericórdia para suas gerações, mas não o fizeram..."; e, contido nesta (*Ibid.*): "Um homem fora devorado por um leão a uma distância de três milhas de Rabi Iehoshua ben Levi, e Elias não lhe apareceu por três dias". Vemos, assim, que é dever dos Devotos buscar o bem de sua geração e, para tanto, não poupar esforços.

Acabamos de explicar as principais divisões da Devoção. Cabe a cada homem, dotado de inteligência e coração puro, tratar dos casos específicos, conduzindo-se com justiça em relação a cada situação, em seu devido tempo, conforme os princípios aqui estabelecidos.

Capítulo 20

As Ponderações sobre a Devoção

Vamos agora explicar como avaliar as ações a serem praticadas em relação aos padrões anteriormente mencionados sobre a Devoção. Trata-se de um processo fundamental, bastante difícil, que exige sutileza e que é suscetível de desvios em função de interferências da inclinação malévola. A avaliação da Devoção é delicada e perigosa, pois a inclinação malévola às vezes afasta a pessoa de coisas boas, fazendo-as parecer más, e a aproxima de muitos pecados, fazendo-os parecer grandes *Mitsvót*.

Três requisitos são necessários para que se possa ter sucesso nesta "avaliação". Ela deve ser possuidora do mais justo dos corações, cuja única intenção seja proporcionar prazer ao Santíssimo; deve submeter suas ações à mais criteriosa avaliação e esforçar-se para aperfeiçoá-las em concordância com este objetivo; deve ainda buscar orientação Divina e, somente então, poder-se-á dizer a seu respeito (Salmos 84:6,12): "Bem-aventurados os homens que têm sua força em Ti... e não nega qualquer bem aos que trilham o caminho da retidão". Se uma destas condições não for observada, a pessoa não conseguirá a Integridade e estará sujeita a tropeçar e cair. Isto é, se suas intenções não forem puras, ou se ela fraquejar na análise de suas ações, não se esforçando em empregar todo seu potencial sobre elas, ou se, depois disto tudo, não depositar sua confiança no Eterno, será muito difícil que não venha a cair. No entanto, se observar corretamente as três condições – a pureza de pensamento, a análise e a confiança em Deus – poderá caminhar verdadeiramente em segurança e nenhum mal a acometerá, assim como disse Ana em sua profecia (1 Samuel 2:9): "O Todo-Poderoso vela pelos passos dos Devotos"; como também disse David (Salmos 37:28): "... e não desamparará os Seus fiéis; eternamente serão resguardados...".

É preciso entender que as ações não devem ser avaliadas, à primeira vista, pela virtude que aparentam manifestar, e sim devem ser cuidadosamente ponderadas, e sobre elas devemos refletir para que possamos determinar qual o seu alcance. Pode acontecer que

uma ação, em si, pareça digna de ser praticada, mas em virtude de resultar em coisas más, deva ser abandonada; se assim não se fizer, a pessoa será considerada uma pecadora em vez de um Devoto. O episódio de Gedalia ben Achicam (Jeremias 40:13) proporciona uma clara ilustração deste fato. Devido à sua grande Devoção, que não lhe permitia julgar mal a Ismael, ou que não lhe permitiria ouvir e aceitar uma calúnia ou difamação, disse a Iochanan ben Kereach: "O que estás falando de Ismael não é verdade!". E qual foi o resultado? Ele morreu, os judeus foram dispersos e, assim, sua última esperança foi extinguida. As Escrituras atribuem a ele a morte daqueles homens que foram assassinados, tal como foi comentado por nossos Sábios, de abençoada memória, no versículo (Jeremias 41:9): "O fosso onde Ismael jogou os cadáveres dos homens que tinha assassinado...".

Também uma avaliação incorreta sobre a Devoção foi a responsável pela destruição do Templo, conforme o incidente de Bar Camtsa (*Guitin* 56a): "Os Rabinos pensaram em sacrificar o animal. Disse-lhes Rabi Zecharia ben Avculos: 'Eles dirão que os animais imperfeitos podem ser sacrificados no altar'. Os Rabinos pensaram então em matá-lo (Bar Camtsa). Disse então Rabi Zecharia ben Avculos: 'Eles dirão que aquele que causa uma imperfeição em animais dedicados ao altar devem ser mortos'. Enquanto ocorria tudo isto, o malfeitor difamou os judeus ao imperador, que veio e destruiu Jerusalém". Foi a isto que Rabi Iochanan se referia ao dizer: "A humildade (exagerada) de Rabi Zecharia destruiu nosso Templo, destruiu nosso Santuário e nos exilou por entre as nações".

Vemos, assim, que não devemos decidir sobre a validade de uma ação baseados nas aparências, mas sim analisá-la sob todos os ângulos que a inteligência humana possa aplicar, até que possamos genuinamente determinar o melhor caminho – praticá-la ou abandoná-la.

Por exemplo, a Torá nos ordena (Levítico 20:16): "...repreenderás a teu companheiro...". Frequentemente a pessoa tentará repreender os pecadores num lugar e num momento que poderá levá-los a continuar ainda mais em suas fraquezas e maldade, e somar às suas transgressões o pecado da profanação do Nome de Deus. Nestes casos, o próprio silêncio constitui a Devoção. Como nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*levamot* 65b): "Assim como é uma *Mitsvá* dizer aquilo que deve ser ouvido, também é uma *Mitsvá* deixar de dizer aquilo que não será ouvido". Isto sem dizer que deveríamos sempre estar à frente na busca das *Mitsvót* e de estar entre aqueles que com elas se ocupam. Porém,

algumas vezes isto pode levar a discussões que podem acarretar a profanação do Nome Divino e mais vergonha do que honra em relação à *Mitsvá*. Em situações como esta, certamente, será preferível que o Devoto abandone a *Mitsvá* e não a pratique. Tal como nossos Sábios, de abençoada memória, declararam em relação aos Levitas (*Bamidbar Rabá* 5:1): "Por saberem que a recompensa àqueles que carregavam a Arca era maior, eles abandonaram a mesa, o castiçal e os altares, correndo todos em direção à Arca para receberem recompensa. Isto causou discussões – um dizendo: 'Eu segurarei aqui', enquanto o outro dizia: 'Não; eu é que segurarei aqui', o que, por sua vez, levou à frivolidade, e o Eterno os puniu...".

Reiterando, um homem deve observar e cumprir todas as *Mitsvót*, em todos os seus detalhes, sem temor ou vergonha, independentemente diante de quem ele esteja, assim como está afirmado (Salmos 119:46): "De Teus testemunhos falarei perante reis, e não serei envergonhado"; e (*Avot* 5,23): "Seja forte como um leopardo...". Porém, isto também requer distinção e discrição, pois tudo isto foi dito em relação à própria *Mitsvá.* No entanto, há outras coisas que devem ser agregadas à Devoção e que, caso a pessoa as realize em público, levará os outros a rir e ridicularizá-la, tornando-os pecadores sujeitos a punições e penalidades por sua causa. Por serem passíveis de acarretar estas consequências a prática de ações como estas, desde que não sejam absolutamente obrigatórias, devem ser evitadas. Certamente, será melhor que o Devoto deixe de praticá-las desta forma. Disse o Profeta (Miquéias 6:8): "...e viver humildemente com o teu Deus". Muitos homens Devotos deixaram de praticar alguns de seus hábitos em público para não darem a impressão de serem orgulhosos. Em resumo, com referência às *Mitsvót*, aquilo que for essencial deve ser realizado mesmo em presença do escárnio e da zombaria; e aquelas que não são essências, se provocam este tipo de reação, não devem ser praticadas.

Vemos assim que aquele que for um verdadeiro Devoto deve sopesar e analisar suas ações em relação aos resultados e em relação a todas as circunstâncias que cercam a sua realização – tempo, ocasião, ambiente social, situação e localização. Isto feito, caso ele conclua que ao deixar de assim realizar aquela determinada ação estará santificando mais o Nome do Eterno e proporcionando maior prazer a Deus do que se a realizasse, deverá evitar realizá-la. Uma determinada ação pode parecer boa, e ser má em seus resultados, desdobramentos ou complementos, e uma outra, que parece ser má, pode ser boa em seus resultados; daí concluímos que a decisão deve ser tomada com base também no resultado, o verdadeiro fruto da ação. Tal decisão é deixada ao coração

compreensível e à inteligência honesta, pois em se considerando sua grande quantidade, é impossível levar em conta as situações mais particulares. Como está dito (Provérbios 2:6): "porque é o Santíssimo quem dá a sabedoria; e de Sua boca vem a compreensão".

O episódio de Rabi Tarfon (*Berachot* 10b) bem ilustra o que dissemos. Embora ele tenha imposto a si mesmo a decisão de Bet Shamai, que é mais rigorosa, foi-lhe dito: "Você seria apropriadamente considerado o responsável por sua própria morte por ter violado as palavras de Bet Hilel". Tudo em razão da controvérsia entre Bet Shamai e Bet Hilel ter se tornado uma área de altercação em Israel, considerando-se a grande disputa que cresceu entre ambos; e quando finalmente foi decretado que a lei deverá ser sempre decidida conforme Bet Hilel, tornou-se essencial à perpetuação da Torá que este mandamento mantivesse seu vigor para sempre e que não fosse enfraquecido de qualquer maneira, para que jamais assumisse duplicidade – a existência de duas Toras (que Deus nos livre!). Daí a visão desta *Mishná* de ser mais Santificado ficar com Bet Hilel, ainda que menos exigente, do que ser mais rigoroso, conforme Bet Shamai. Isto deveria nos servir de guia para percebermos o caminho onde está a luz, com verdade e fé, para a prática daquilo que é justo aos olhos de Deus.

Capítulo 21

Os Meios para Alcançar a Devoção

Muita observação e muita meditação são fatores essenciais para a obtenção da Devoção. Quando uma pessoa dedica seus pensamentos para considerar a grandiosidade da majestade do Eterno, Sua absoluta perfeição e o incomensurável abismo que existe entre Sua sublimidade e nossa insignificância, será avassalada pelo temor e estremecerá ante Sua Presença. Ao pensar sobre a imensa bondade que Ele nos dedica, sobre a intensidade do amor que o Eterno tem pelo homem, sobre Sua proximidade usufruída pelos justos, e sobre a nobreza da Torá e das *Mitsvót* – ao pensar sobre estas e sobre outras ideias similares, certamente seremos tomados por um intenso amor a Deus, preferindo e ansiando ardentemente por estar com Ele unidos.

Quando percebermos que o Santíssimo, bendito seja, é verdadeiramente um Pai para nós e que nos dedica Sua piedade e Sua misericórdia como um pai dedica aos seus filhos, teremos em nós despertado um anseio em Lhe retribuir, tal como um filho retribui ao seu pai. Porém, para conseguir tal atitude, precisamos reunir todo o nosso conhecimento e voltar todos os nossos pensamentos para o estudo e a análise das verdades que mencionamos. Poderemos contar com uma ajuda inestimável aos nos voltarmos para os Salmos de David, que a paz esteja com ele, refletindo profundamente sobre as declarações, os conceitos e as ideias ali presentes. Todos os Salmos estão repletos do amor e do temor a Deus, e de todos os tipos de virtudes; ao refletir sobre seu conteúdo, não podemos deixar de nos sentir fortemente inspirados a seguir os passos e caminhos do Salmista. Também de grande ajuda será ler os trabalhos que tratam de incidentes ocorridos nas vidas de nossos Mestres e Profetas, pois tais acontecimentos estimularão nossa inteligência a seguir seus conselhos e nos levarão a imitar suas ações.

Os impedimentos e obstáculos à prática da Devoção são as preocupações e as angústias. Quando a mente da pessoa está preocupada e oprimida por suas angústias e por seus problemas, ela não será capaz de se concentrar nos pensamentos que mencionamos; e,

sem a reflexão, a prática da Devoção não poderá ser alcançada. Mesmo que a pessoa já a tenha alcançado, as preocupações exercem pressão sobre sua mente e a confundem, não lhe permitindo fortalecer-se no temor e no amor, bem como nos demais aspectos já mencionados. Esta é a intenção contida na declaração dos nossos Sábios, de abençoada memória (*Shabat* 30b): "A Presença Divina não mora em meio à tristeza...".

O que dissemos é especialmente verdadeiro em relação às diversões e prazeres, que são diametralmente opostas à Devoção, porque induzem o coração a ser arrastado por elas, levando-o a afastar-se de todos os aspectos da Separação e do verdadeiro conhecimento.

No entanto, a pessoa pode ser protegida e resgatada destes obstáculos ao confiar plenamente em Deus, compreendendo que uma pessoa jamais poderá ser privada ou despojada daquilo que lhe foi reservado, tal como nos disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Betsá* 16a): "Toda subsistência da pessoa lhe é determinada no *Rosh Hashaná*..."; e (*Ioma* 38b): "O homem não poderá tocar sequer numa fração daquilo que está reservado ao seu próximo". Ela poderia permanecer inerte, esperando que aquilo que lhe fora determinado se materializasse, não fosse pela penalidade que foi imposta sobre todas as criaturas (Gênesis 3:19): "Com o suor do teu rosto comerás o pão", em razão do que, por decreto Divino, a pessoa deve se esforçar por seu sustento.

Este é um tributo que deve ser pago por cada membro da raça humana e do qual ninguém pode se eximir. Nas palavras dos nossos Sábios, de abençoada memória (*Sifri*)*:* "Eu poderia pensar que seria permitido ao homem permanecer inerte, caso não nos tivesse sido dito (Deuteronômio 28:20): '... em tudo o que estenderes a tua mão e fizeres'". Isto não significa que é o esforço que produz os resultados, mas que ele é necessário. Quando a pessoa se esforça, ela cumpre com suas responsabilidades e cria espaço para que as bênçãos Celestiais repousem sobre ela, e não precisará consumir-se em esforços. Como disse o Rei David, que a paz esteja com ele (Salmos 75:7-8): "... porque não é do Oriente ou do Ocidente, nem do deserto ao Sul ou das montanhas ao Norte que vem o êxito; mas só Deus é que é o Juiz, que a este rebaixa e àquele eleva". E disse o Rei Salomão, que a paz esteja com ele (Provérbios 23:4): "Não te fadigues para enriquecer, mas, com a tua prudência, acalma-te". A correta abordagem nesta área é aquela dos nossos antigos sábios, que colocavam a Torá em primeiro lugar e o seu trabalho em segundo, tendo sucesso em ambos. Pois quando a pessoa executa sua tarefa, a partir daí ela apenas precisará confiar no Eterno e não se deixar atormentar por quaisquer assuntos terrenos.

Sua mente, então, será livre e seu coração estará pronto para a verdadeira Devoção e o puro serviço Divino.

Capítulo 22

A Humildade (*Anavá*)

Já tratamos da vergonha do orgulho e, por dedução, fomos alertados acerca do louvor da Humildade. Passaremos a analisar de forma mais direta a virtude da Humildade, e a natureza do orgulho ficará, por si só, aparente e clara.

A essência da Humildade consiste em a pessoa não se dar, por quaisquer motivos que sejam, excessiva importância a si própria. Ela é oposta ao orgulho, e o que produz é também, evidentemente, o oposto. Uma análise revelará que a Humildade depende da mente e da ação. Antes que a pessoa se conduza com Humildade deve ser Humilde em seus pensamentos, em sua mente. Aquele que tenta ser Humilde em suas ações sem antes ter cultivado uma atitude de Humildade, pertence à classe dos maldosos, daqueles "humildes" a quem nos referimos anteriormente, que pertencem à categoria dos hipócritas, da qual nada existe de pior.

Passaremos a explicar estas divisões.

A Humildade nos pensamentos, consiste em refletir e reconhecer como verdadeiro o fato de que a pessoa não é merecedora de louvores e elogios (sem mencionar sua elevação acima de seu próximo), devido às suas limitações naturais e a seus defeitos. No que tange as limitações naturais, é óbvio ser impossível a qualquer pessoa, independentemente do nível de perfeição ao qual tenha chegado, estar isenta de faltas, seja em virtude de sua própria natureza, de sua família e parentes, das experiências que vivenciou ou de suas ações. (Eclesiastes 7:20): "Não há nenhum justo sobre a terra que faça o bem sem jamais pecar". Estas são características que podem ser encontradas em qualquer pessoa e não deixam espaço para o sentimento de vaidade; pois, embora ela possa ter muitas virtudes, estas falhas são suficientes para ofuscá-las.

O fator que é responsável, mais do que qualquer outro, para que a pessoa chegue a se sentir muito importante e se deixe dominar pela vaidade, é a sabedoria. Isto acontece

porque a sabedoria é uma qualidade de grande valor, uma função da mais honrosa faculdade – a inteligência. Porém, não existe nenhum sábio que não cometa erros e não precise aprender com as palavras de seus amigos e, frequentemente, até mesmo de seus discípulos. Então, como é possível que ele se orgulhe de si próprio em sua sabedoria?

Na verdade, aquele que é dotado de uma inteligência honesta, mesmo que tenha conseguido se tornar uma sumidade em sabedoria, ao examinar este assunto constatará que não há espaço algum para o orgulho e para a vaidade. Um homem inteligente, aquele que sabe mais do que os outros, somente age conforme os ditames de sua natureza, assim como é natural ao pássaro voar, ou como é ao boi puxar a carga empregando sua força. A pessoa somente é sábia porque sua natureza o levou a ser assim. Aquele que agora não é sábio, se fosse possuidor da inteligência natural que os sábios possuem, tornar-se-ia tão sábio quanto eles. Ou melhor, se a pessoa é possuidora de considerável sabedoria, ela tem por obrigação compartilhá-la com aqueles que dela necessitam. Como foi afirmado por Raban Iochanan ben Zacai (*Avot* 2,9): "Se você aprendeu muito da Torá, não se louve por isso, pois você foi criado para isto". Aquele que é próspero pode regozijar-se com suas posses, porém, ao mesmo tempo, deve ajudar os necessitados. Aquele que é forte deve ajudar os mais fracos e socorrer os oprimidos.

A situação é parecida àquela que observamos numa casa, onde, para que todas as tarefas domésticas possam ser realizadas, as diferentes tarefas são incumbidas a diferentes empregados, devendo cada um cumprir adequadamente a tarefa a ele incumbida. Na verdade, ali não há lugar para orgulho.

Este é o tipo de reflexão que deveria ser empreendida por todas as pessoas dotadas de uma inteligência honesta e íntegra. E quando esta ideia tornar-se suficientemente clara para alguém, ela será reconhecida como uma pessoa verdadeiramente Humilde; Humilde em seu coração e em seu ser. Como David disse a Michal (2 Samuel 6:22): "... manter-me-ei humilde perante o Eterno "; e nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Sotá* 5b): "Quão grandiosos de espírito são os Humildes! Na época do Templo, se alguém oferecia um animal em oferta de elevação, o animal era-lhe creditado; se ele oferecia um alimento, era-lhe creditada a refeição. Mas se ele possuia um espírito Humilde, as Escrituras consideram que ele tenha oferecido todos os sacrifícios, como está dito (Salmos 51:19): 'O verdadeiro sacrifício ao Eterno é o coração contrito'". Este é o louvor a quem tem humildade de espírito. Também está dito (*Chulin* 89a): "(Deuteronômio 7:7):

'Não por serdes mais numerosos que todos os outros povos' – disse o Santíssimo, bendito seja, a Israel: 'Meus filhos, Eu vos desejo porque, mesmo quando Eu vos outorgo a grandiosidade, vós vos rebaixai diante de Mim. Eu outorguei a grandiosidade a Abrahão, e ele disse (Gênesis 18:27): '... e eu sou pó e cinzas'; Eu outorguei grandiosidade a Moisés e a Aarão, e eles disseram (Êxodo 16:7): '... e nós, o que somos...?'; Eu outorguei grandiosidade a David, e ele disse (Salmos 22:7): 'Quanto a mim, sou como um verme e não homem...'". Tudo isto porque o homem dotado de coração honesto não se permite ser iludido por qualquer virtude que possa possuir, conhecendo a verdade: que não se pode elevar devido às falhas que ele, necessariamente, possui.

Ele também entende que, mesmo em relação às *Mitsvót* realizadas, ele ainda não chegou ao objetivo primordial. E tem a consciência de que, ainda que não tivesse outros defeitos, além do fato de ser de carne e osso, tendo nascido do ventre de uma mulher, isto já seria mais do que suficiente para que se sentisse humilde e compreendesse que não lhe cabe ter vaidade; pois cada uma das virtudes que ele consegue obter não representa mais do que o amor que Deus lhe dedica, a vontade de Deus de lhe ser bondoso, apesar de, por sua natureza terrena, ele ser muito pequeno e humilde. Assim, sua reação deveria ser a de agradecer ao Eterno que foi tão bondoso com ele e de, permanentemente, crescer em sua Humildade.

Esta situação é semelhante à de um indigente que aceita uma esmola, mas não consegue deixar de se sentir envergonhado por isto; quanto mais esmolas recebe, mais cresce a vergonha que sente. A similaridade entre as situações será percebida por qualquer pessoa que esteja com os olhos suficientemente abertos, para que se possa ver alcançando as virtudes através do Santíssimo. Como disse o Rei David (Salmos 116:12): "Como poderei retribuir ao Eterno por todos os benefícios que me tem feito?". Estamos familiarizados com exemplos dos grandes homens que foram penalizados, apesar de suas Virtudes, por terem sido presunçosos, tomando para si os créditos de seus atos. Em relação a Nechemia ben Chachalia, nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*San'hedrin* 93b): "Por que seu trabalho não recebeu seu nome? Porque avocou para si o crédito pelo feito"; e Ezequias disse (Isaías 38:17): "A paz é amarga para mim", por ter o Santíssimo, bendito seja, lhe respondido (*Ibid.* 37:35): "Eu mesmo protegerei esta cidade, Eu a salvarei, por causa de Mim e também de Meu servo David". Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Berachot* 10b): "Tudo aquilo cujo mérito for por alguém atribuído a si próprio, será creditado ao mérito de outrem". Assim, vemos que o homem não deveria

creditar-se pelas boas coisas que fez, assim como não deve se sentir orgulhoso e vaidoso pelas boas ações realizadas.

Na verdade, o que temos abordado é dirigido àqueles que são do porte de Abrahão, Moisés, Aarão, David e todos os outros Sábios e Profetas que mencionamos; porém, nós que somos órfãos dos órfãos, não precisamos disto tudo, pois possuímos tantas falhas e defeitos que não precisamos nos envolver em análises muito profundas para perceber nossa humildade e entender que toda a nossa sabedoria é insignificante. O maior dos sábios entre nós não passa de um discípulo dos discípulos das gerações passadas. Cabe-nos entender e reconhecer esta verdade para que nossos corações não se enalteçam em vão. Reconheçamos que as nossas mentes são inconsistentes e que a nossa inteligência é fraca, que somos ignorantes e sujeitos a erros e falhas, e que o conhecimento que possuímos é bastante diminuto. Assim sendo, certamente não deveria restar espaço em nossos sentimentos para a vaidade e a presunção, mas somente, como é obvio, para a vergonha e a humildade.

Humildade de Ações

Falamos até aqui da Humildade de pensamentos. Passamos, agora, a tratar da Humildade de ações. Esta é dividida em quatro partes: conduzir-se com humildade, suportar a injúria e o insulto, detestar o autoritarismo e fugir da honraria, e dedicar respeito a todos os homens.

Conduzir-se com humildade: Isto se aplica à maneira da pessoa falar, caminhar e sentar, bem como a todos os seus movimentos. Com referência a maneira de a pessoa falar, nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Ioma* 86a): "O homem deveria sempre falar com gentileza ao seu próximo". Isto está claramente expresso nas Escrituras (Eclesiastes 9:17): "As palavras do sábio, proferidas com brandura, são melhor escutadas...". As palavras proferidas pela pessoa devem ser palavras de respeito, e não palavras de vergonha, como está dito (Provérbios 11:12): "Quem mostra desprezo pelo próximo não tem bom senso..."; e (*Ibid.* 18:3): "Com o ímpio chega o desprezo...".

No que se refere à maneira de andar, nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*San'hedrin* 88b): "Perguntaram de lá: 'Quem herdará o Mundo Vindouro? Aquele que é humilde, cujos joelhos são baixos, que se curva em reverência ao entrar e ao sair'". A pessoa não deve caminhar totalmente ereta e nem de maneira formal ou afetada, mas deve caminhar como aquele que está cuidando de suas tarefas. Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Kidushin* 31a): "Quando a pessoa caminha ereta é como se estivesse empurrando os pés do Eterno"; como está escrito (Isaías 10:33): "...serão cortados os galhos que alcançam o ponto mais alto...".

No que tange a maneira de sentar-se, a pessoa deveria perceber que seu lugar está entre os humildes e não entre os mais elevados. Também neste sentido está claro nas Escrituras (Provérbios 25:6): "Não te glorifiques diante de um rei, nem te ponhas no lugar dos grandes...". Ainda neste mesmo sentido, os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Vayikrá Rabá* 1:5): "Afaste-se dois ou três níveis de seu lugar para que eles possam lhe dizer: 'Venha, aproxime-se', ao invés de terem de se adiantar para dizer-lhe: 'Afaste-se'". Com referência àqueles que se diminuem pela Torá, eles disseram (*Baba Metsia* 85b): "Todos aqueles que se diminuem pela Torá neste mundo serão elevados no Mundo Vindouro"; e disseram mais ainda (*Ialcut lechezkel* 361): "(Ezequiel 21:31): 'Retira o turbante e depõe a coroa...' – aqueles que são grandes neste mundo serão pequenos no

Mundo Vindouro"; e, ao contrário, aqueles que são pequenos neste mundo terão o seu tempo de grandeza no Mundo Vindouro. Eles também disseram (*Sotá* 5a): "O homem deve aprender com o exemplo dado pelo Santíssimo. Pois Ele desviou-Se de todas as montanhas e montes e fez com que Sua Divina Presença se manifestasse e repousasse no Monte Sinai" – isto por causa da humildade daquele lugar. Como está escrito (*Rosh Hashaná* 17a): "(Michá 7:18): '... do resto de Sua herança...' – àqueles que agem como se considerassem a si próprios como os restantes".

Suportar a injúria e o insulto: Nossos Sábios, de abençoada memória, afirmaram claramente (*Ibid.*): "Aos pecados de quem o Santíssimo perdoa? Aos pecados daqueles que perdoam os erros contra eles cometidos". Também está escrito (*Shabat* 88b): "Diz-se daqueles que são injuriados, mas que não retribuem com a injúria, e daqueles que são vexados, mas que não retribuem com a vergonha (Juízes 5:31): '... os que Te amam sejam como o sol que se levanta com fulgor'". Eles falavam da grande Humildade de Baba ben Buta (*Nedarim* 66b): "Um babilônio subiu a Israel e lá se casou. Certa vez, disse à sua esposa: 'Cozinhe para mim... Vai e parte melancias sobre o batente da porta'. Enquanto Baba ben Buta estava sentado em meditação, veio aquela esposa e, por ter confundido o que lhe dissera seu marido (Baba, em aramaico, quer dizer "porta"), rachou-as sobre sua cabeça (de Baba ben Buta). Ele então lhe perguntou: 'Por que fizeste isto?', ao que ela respondeu: 'A pedido de meu marido'. Ouviu ela então: 'Você fez a vontade de seu esposo. Que o Santíssimo lhe conceda dois filhos como Baba ben Buta'". Também falaram de forma semelhante a respeito da grande Humildade de Hilel (*Shabat* 30b): "Os nossos Rabis aprenderam: 'Devemos ser todos sempre tão humildes quanto Hilel...'"; e Rabi Abahu, com toda sua Humildade, achou que ainda não era digno de ser considerado Humilde (*Sotá* 40a): "Disse Rabi Abahu: 'Antes pensava ser Humilde, porém quando vi que Rabi Aba de Aco deu uma razão e seu intérprete outra, e que, ainda assim, ele não ficou bravo, disse para mim mesmo: eu não sou humilde'".

Detestar o autoritarismo e fugir da honraria: São questões claramente abordadas na *Mishná* (*Avot* 1,10): "Ame o trabalho e odeie o autoritarismo"; e (*Ibid.* 4,9): "Aquele cujo coração cresce ao distribuir decisões legais não passa de um tolo, maldoso e arrogante"; e (*Eruvin* 13b): "Quando buscamos elogio e honraria, a honra de nós se afasta"; em (*Pesicta Rabati*): "(Provérbios 28:8): 'Não se apresse para entrar em polêmica' – não persigas a autoridade; pois o que farás após consegui-la? No dia seguinte virão e começarão a questioná-lo. Então, como lhes responderás?". Rabi Menachama disse em

nome de Rabi Tanchum: "Todos aqueles que aceitam posições de autoridade para sua própria satisfação pessoal são como os adúlteros que conseguem prazer do corpo de uma mulher". Disse Rabi Abahu: "Eu (o Santíssimo, bendito seja) sou chamado de 'Santo'; se você não possui todos os Meus traços e qualidades, não assuma nenhuma autoridade'". O incidente com os discípulos de Raban Gamliel ilustra bem esta questão. Embora eles estivessem pressionados por sua pobreza, não aceitaram posições de autoridade. Nas palavras dos nossos Sábios, de abençoada memória (*Horaiót* 10a): "Você pensa que Eu lhes dou o domínio? O que Eu lhes dou é a servidão..."; e (*Pessachim* 87b): "Desgraçado é o poder, que enterra os que o detém". Como sabemos isto? Através de José (*Berachot* 55a) que, por ter se comportado de maneira autoritária, morreu antes de seus irmãos.

Em suma, a autoridade não passa de uma enorme carga sobre os ombros daqueles que a detém; pois enquanto o homem estiver sozinho, lutando em meio a seu povo, sendo apenas mais um entre tantos outros, cabe-lhe a responsabilidade apenas por si mesmo; porém, quando ele ascende à liderança e à autoridade, é-lhe imputada a responsabilidade sobre todos aqueles que se encontram sob seu domínio e jurisdição. Ele deve zelar pelo bem-estar de todos eles, conduzi-los com sabedoria e inteligência e manter corretas suas ações. E conforme disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Devarim Rabá*)*:* se ele assim não o fizer, eles estarão sujeitos a (Deuteronômio 1:13): "... e suas culpas estarão sobre suas cabeças". A honraria nada mais é do que a vaidade das vaidades, que leva o homem a desafiar sua própria mente e a do Eterno, levando-o a esquecer todo seu dever. Aquele que consegue reconhecê-la por aquilo que de fato é, certamente há de achá-la desprezível e a odiará. O louvor e os elogios feitos pelos homens tornar-se-ão uma pesada carga para ele, pois ao ver as pessoas elogiando-o por qualidades que sequer possui, somente poderá sentir-se envergonhado, e com isto sofrerá, sentindo que, não bastasse o fato de não possuir tais virtudes, ainda é louvado por elas, agravando ainda mais sua vergonha por estarem falsamente elogiando-o e louvando-o.

Respeito ao Próximo

Dedicar respeito a todos os homens: Aprendemos que (*Avot* 4,1): "Quem merece ser honrado? Aquele que honra ao seu próximo"; e disseram mais (*Pessachim* 113b): "Como sabemos que alguém deve conferir honra ao seu próximo quando ele sabe que o outro é maior do que ele próprio, mesmo que seja num só aspecto..."; como também está escrito (*Avot* 4,15): "Apresse-se para saudar todos os homens". Sobre Raban Iochanan ben Zacai foi dito (*Berachot* 17a) que "nenhum homem jamais o precedeu na saudação, nem mesmo um gentio no mercado". A pessoa deve agir com honra e respeito em relação ao seu semelhante, tanto nas palavras como nos atos. Nossos Sábios nos contaram (*Ievamot* 62b) acerca dos vinte e quatro mil discípulos de Rabi Akiva, que morreram por não terem conferido honra e respeito uns aos outros.

Assim como a vergonha está associada com os ímpios e maldosos, conforme vimos no versículo mencionado (Provérbios 18:3): "Com o ímpio chega o desprezo...", também a honra está associada ao justo. A honra mora com eles e deles não se separa, como consta nas Escrituras (Isaías 24:23): "Entre os Seus anciãos existe a honra".

Explicamos as principais divisões da Humildade. As decisões em relação a situações específicas, como em todos os demais casos, estarão sujeitas a considerações relativas à situação em questão, ao seu lugar e tempo; como está dito (Provérbios 1:5): "Que o sábio escute e aumentará o seu saber".

Inquestionavelmente, a Humildade remove muitos dos obstáculos que se interpõem no caminho do homem e o aproxima de muitas coisas boas; pois o humilde não está muito preocupado com as coisas terrenas e não é movido à inveja por suas vaidades. Além disto, sua companhia é muito agradável e ele proporciona grande prazer e satisfação aos seus semelhantes. Ele jamais é despertado ou propenso à ira, à controvérsia e à polêmica; ele tudo faz de forma tranquila e silenciosa. Felizes são aqueles que foram privilegiados com a dádiva desta virtude! Nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Ierushalmi Shabat* 1:3): "Daquilo que a sabedoria fez uma coroa para sua cabeça, a Humildade fez um salto para sua sandália".

Capítulo 23

Os Meios para Obtenção do Predicado da Humildade

Existem dois fatores que conduzem a pessoa à Humildade: o hábito e o pensamento. Neste sentido, o hábito consiste na pessoa acostumar-se, pouco a pouco, à Humildade, conduzindo-se com mansidão e docilidade segundo as maneiras anteriormente citadas, ocupando um assento humilde, caminhando ao final do grupo que acompanha e trajando vestimentas discretas (respeitáveis, mas não exuberantes). Ao acostumar-se a este tipo de conduta, ela fará com que a Humildade entre em seu coração, ali fazendo, pouco a pouco, a sua morada, até que tenha ali se instalado de forma segura. Por fazer parte da natureza humana encher-se de vaidade, é difícil desenraizar esta inclinação em sua origem. Será somente através de suas ações exteriores, que estão sob seu controle, que ela poderá afetar o seu eu interior, o qual não está igualmente sujeito à seu poder, conforme já explicamos quando tratamos da Precaução. Tudo isto faz parte da afirmação de nossos Sábios, de abençoada memória (*Berachot* 17a): "O homem deveria ser sempre sutil em seu temor a Deus"; isto é, ele deveria procurar meios pelos quais pudesse neutralizar sua natureza e sua inclinação, até que se saísse vitorioso sobre elas.

O pensamento em relação à aquisição da Humildade conduz a várias considerações. A primeira está contida nas palavras de Acavia ben Mahalalel (*Avot* 3,1): "Saiba de onde vieste – de uma mal cheirosa gota; e para onde vais – para o lugar do pó, cheio de vermes e larvas; e ante quem estás destinado a prestar contas – ante o Rei dos Reis, o Santíssimo, bendito seja". Na verdade, todos estes pensamentos neutralizam o orgulho e propiciam a Humildade. Quando o homem encara a modéstia de sua natureza terrena e sua origem, não terá razão para sentir vaidade alguma, mas sim para sentir-se envergonhado e degradado. A situação é parecida àquela de um guardador de porcos que conseguiu tornar-se um proprietário; enquanto lembrar de seu passado, será impossível para ele ficar orgulhoso. Se a pessoa também considerar que, apesar de toda sua grandiosidade, retornará à terra para servir de alimento aos vermes, é certo que seu orgulho será amainado e sua grandeza, esquecida. O que podem significar seus bens e

sua grandiosidade se o final é a vergonha e a desgraça? Se a pessoa refletir ainda mais e imaginar o momento de sua entrada nas cortes Celestiais, vendo-se na presença do Rei dos Reis, o Santíssimo, bendito seja, tão sagrado e puro quanto sejam os limites da santidade e da pureza, em meio as hostes celestes, servos da força, fortes em poder, cumprindo Sua determinação, totalmente isenta de imperfeições – e ela, postada diante deles, deficiente, humilde e envergonhada em função de sua natureza, suja e feia em razão de seus atos – ser-lhe-á possível levantar sua cabeça ou abrir sua boca? E se lhe perguntarem: "Onde é que está sua boca? Onde estão o orgulho e a honra que você conhecia em seu mundo?". O que ela responderá? Como receberá esta censura? Não há dúvida que, se a pessoa, ainda que por um momento, formulasse uma imagem deste momento, todo seu orgulho se desvaneceria, para nunca mais voltar.

A segunda consideração sobre a qual devemos refletir para conseguirmos a Humildade é a variedade de circunstâncias que são produzidas pelo tempo e das muitas mudanças que elas despertam. O abastado pode, rapidamente, tornar-se pobre; o governante, servo, e os louvados, insignificantes. Se a pessoa pode tão facilmente ser reduzida a uma condição que ela hoje acha vergonhosa, como poderá sentir orgulho de sua própria condição, que não lhe traz segurança alguma? A quantos diferentes tipos de doenças, males e enfermidades (Deus nos livre!) uma pessoa está sujeita, que poderiam levá-la a ter que pedir ajuda e assistência aos outros para conseguir um pequeno alívio? Quantas aflições (Deus nos livre!) podem acometê-la, que a levariam a procurar muitos daqueles que ela desdenhara outrora, buscando por sua ajuda? Vemos coisas como estas acontecer diariamente diante de nossos olhos. Estes exemplos deveriam servir para arrancar o orgulho do coração da pessoa, revestindo-o de humildade e modéstia.

Quando a pessoa aprofunda seu pensamento nos seus deveres para com o Santíssimo e leva em conta o quanto ela os negligencia e quão fraca ela é em seu cumprimento, certamente há de se envergonhar ao invés de orgulhar-se. Ela se sentirá degradada e seu coração não se inflará. Como consta das Escrituras (Jeremias 31:17-18): "Ouvi muito como Efraim soluçava: 'Tu me corrigiste e eu me corrigi; depois que Tu me fizeste voltar, eu me arrependi. Fracassei, fiquei envergonhado e degradado...'". Acima de tudo, a pessoa deveria constantemente refletir sobre as fraquezas da mente humana e sobre os muitos erros e ilusões aos quais ela está sujeita, conscientizando-se de que sempre está mais próxima do erro do que da verdadeira compreensão. Assim, ela deveria sempre temer este perigo e procurar aprender com todos os homens; deveria dar ouvidos aos

conselhos para não se perder. Como disseram os nossos Sábios, de abençoada memória (*Avot* 4,1): "Quem é sábio? Aquele que aprende com todos os homens"; como está dito (Provérbios 12:15): "... mas quem é sábio dá ouvidos aos conselhos".

Obstáculos

Entre os impedimentos e obstáculos à Humildade está a fartura de bens terrenos e satisfação, até a exaustão, com eles, como mostram as Escrituras (Deuteronômio 8:12): "...para não suceder que depois de teres comido e estares farto... e por tudo isto se orgulhe o teu coração...". É por isto que os Devotos consideraram ser benéfico ao homem afligir-se de tempos em tempos – para que possa suprimir sua inclinação ao orgulho, que cresce muito somente através da abundância. Como nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Berachot* 32a): "Um leão não ruge sobre um cesto cheio de feno, mas ruge sobre um cesto cheio de carne".

Encabeçando a lista de impedimentos e obstáculos, estão a ignorância e a insuficiência da compreensão da verdade. É importante notar que o orgulho prevalece entre os mais ignorantes. Os nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*San'hedrin* 24a): "Um sinal do orgulho é a carência da Torá"; e (*Zôhar Balac*)*:* "Um sinal da completa ignorância é a ostentação e o orgulho"; e (*Baba Metsia* 85b): "Uma moeda jogada numa caneca faz muito barulho"; e (*Bereshit Rabá* 16:3): "Perguntaram às árvores estéreis e infrutíferas: 'Por que suas vozes podem ser ouvidas?', ao que responderam: 'Para que ao menos nossas vozes possam ser ouvidas e lembradas'". Já sabemos que Moisés, o escolhido, foi, entre todos os homens, o mais humilde.

Um outro obstáculo à Humildade é ficar em companhia de bajuladores ou por eles sermos servidos; estes, para roubar o coração da pessoa com sua lisonja, para que possam dela se beneficiar, a louvarão e a exaltarão, aumentando ao máximo as virtudes que ela não possui, mesmo que seus atributos sejam muitas vezes opostos àqueles que estão sendo elogiados pelos bajuladores. E quando, em última análise, a compreensão da pessoa é inconsistente e sua natureza fraca, de forma que ela pode facilmente ser iludida (especialmente por algo que sua natureza busca), ao ouvir tais palavras de elogio proferidas por uma pessoa em quem ela confia, deixa que elas a penetrem como um veneno, levando-a a cair nas malhas do orgulho. Um dos casos que ilustra isto é o de Ioash, que agiu virtuosamente (2 Reis 12:3) durante todo o tempo em que foi orientado por Iehoiada Hacohen, seu mentor. Quando este morreu, os servos de Ioash começaram a lisonjeá-lo e a enaltecer suas virtudes até que, após o terem virtualmente endeusado, ele lhes deu ouvidos. Deve ser claramente notado que a maioria dos oficiais e reis, bem como

homens que detêm poder e influência em geral, independentemente de seu nível, tropeçam e se corrompem pela bajulação de seus subordinados.

Assim, aquele cujos olhos estão bem abertos e atentos, exercem maior vigilância sobre as ações daqueles que escolheriam como amigo, como conselheiro ou como supervisor de sua casa, do que faria em relação ao seu alimento ou à sua bebida; pois a comida e a bebida podem prejudicar seu corpo, enquanto seus companheiros e feitores podem destruir sua alma, seu poder e sua honra. O Rei David, que a paz esteja com ele, disse (Salmos 101:6-7): "... e os que trilham caminhos justos para dentre eles escolher os que Me servirão. Não habitará em Meu lar aquele que difama...". Assim, para seu próprio bem, a pessoa deve procurar por amigos honestos, que abram seus olhos para aquilo a que ela está cega e que a reprovem com amor para livrá-la de todo o mal; somente assim poderá ver e entender, porque o homem não pode enxergar seus próprios erros em virtude de sua natural cegueira. Aquelas pessoas o prevenirão e, assim, ele estará protegido. Como está escrito (Provérbios 24:6): "... a vitória virá, se for amplo o aconselhamento".

Capítulo 24

O Temor do Pecado (*Yir'at Chet*)

A percepção de que este predicado vem após todos os que foram até aqui mencionados é suficiente para nos despertar para sua nobreza, seu integral significado e a dificuldade de sua obtenção. Este somente pode ser conseguido por aqueles que já tenham conseguido obter todos os mencionados anteriormente.

Inicialmente, deve-se estabelecer que existem dois tipos de temor, que se desdobram em três outros tipos. O primeiro é muito fácil de ser obtido – não há nada mais fácil. O segundo é bem mais difícil de ser conseguido e, consequentemente, alcançar sua perfeição é algo de grande magnitude. O primeiro é o temor pela punição e o segundo, o temor pela Majestade Divina, do qual o temor do pecado faz parte. Explicaremos estes tipos de temor e as diferenças entre eles.

O temor pela punição, como o próprio nome diz, consiste no medo que a pessoa sente ao violar os mandamentos de Deus, em razão das penalidades infligidas ao corpo e à alma em decorrência das transgressões. Este tipo de predicado, certamente, é de fácil obtenção, pois toda pessoa gosta de si própria e teme por sua alma; e não há nada mais eficaz para tirar uma pessoa de uma ação do que o medo de que esta, de alguma forma, venha a afetá-la. Mas este tipo de temor é mais adequado somente aos ignorantes, que carecem de suficiente força mental; este temor não é condizente com homens de conhecimento e compreensão.

O segundo tipo de temor – o temor pela Majestade Divina – consiste na pessoa retirar-se e abster-se do pecado devido ao grande respeito e honra do Santíssimo. Como pode um coração humilde e indigno, feito de carne e sangue, permitir e suportar a prática daquilo que é contrário à vontade e aos desígnios do Criador, que Seu Nome seja louvado e abençoado? Este tipo de temor não é facilmente atingido, pois ele nasce apenas do conhecimento e da inteligência, que fazem parte da reflexão sobre a Majestade do

Santíssimo e a insignificância do homem. Ele nasce da compreensão e entendimento da mente perspicaz. É este tipo de temor que foi classificado como a segunda metade de uma das divisões da Santidade que discutimos anteriormente. Aquele que a experimenta sentirá vergonha e estremecerá ante Deus ao rezar ou praticar um ato em seu Serviço Divino. Este é o tipo mais digno e mais valoroso de temor, através do qual os Devotos se distinguem. Como foi dito por Moisés (Deuteronômio 28:59): "... para temeres este Nome glorioso e temível, o Eterno, teu Deus".

O temor pelo pecado que ora abordamos é, por um lado, parte do temor pela Majestade Divina mencionada acima e, por outro, algo diferente. Consiste do permanente temor e preocupação que a pessoa deve ter em relação ao aparecimento de algum traço de pecado que possa introduzir-se em suas ações, ou que elas contenham algo, pequeno ou grande, que seja incompatível com a grandiosidade da honra e respeito ao Santíssimo e com a majestade do Seu Nome. Aqui podemos observar o forte relacionamento entre temor do pecado e temor da Divina Majestade – sendo uma preocupação comum a ambos, que a pessoa nada faça que contrarie a grande Majestade do Santíssimo.

No entanto, existe uma diferença entre ambos que distingue o temor do pecado, dando-lhe um nome diferente: o temor da Divina Majestade somente ocorre durante a realização de uma ação, durante o serviço Divino ou quando surge uma oportunidade para a materialização de uma transgressão. Isto é, quando a pessoa está postada em oração ou empenhada no serviço Divino, deveria sentir-se envergonhada e diminuída; deveria tremer e estremecer ante a suprema Majestade do Santíssimo. Ou, quando se lhe apresentar uma oportunidade para a transgressão e ela a reconhecer como tal, deverá abster-se do pecado para que nada seja feito contra a honra do Santíssimo (Deus nos livre!). No entanto, o temor do pecado ocorre sempre e, a cada momento, a pessoa deve temer perder-se e fazer algo, ou parte de algo, contra do Nome do Santíssimo.

Daí a expressão "temor do pecado", a essência do temor para que o pecado não entre e se envolva nas ações da pessoa, seja através de um ato intencional, de fraqueza, de descuido ou através de quaisquer outros meios. Com referência a isto, está dito (Provérbios 28:14): "Feliz aquele que sempre teme", e que foi interpretado por nossos Sábios, de abençoada memória (*Berachot* 60a) como em referência aos assuntos da Torá. Mesmo que a pessoa não veja um obstáculo à sua frente, seu coração deve estremecer ao pensar que pode estar indo em seu encontro. Sobre este tipo de temor, Moisés – nosso

Mestre, que a paz esteja com ele – disse (Êxodo 20:17): "... e para que esteja o Seu temor diante de vós, a fim de que não pequeis".

Este é o elemento central do temor – que a pessoa, permanentemente, tema e estremeça até que o temor já não mais possa se afastar dela. Desta forma, certamente evitará o pecado e qualquer pecado que possa vir a cometer será considerado acidental. Disse Isaías em sua profecia (Isaías 66:2): "Aqueles por quem Eu olho são: o pobre, o de espírito abatido, o que treme diante de Minha palavra". O Rei David exultava por possuir esta virtude, dizendo (Salmos 119:161): "Sem motivo me perseguiram príncipes, mas meu coração temeu somente afastar-se de Tua palavra". Observemos que os anjos sempre temeram e estremeceram ante a grandiosidade de Deus. Nossos Sábios, de abençoada memória, por analogia, dizem (*Chaguigá* 13b): "Qual a origem de uma corrente de fogo? – o suor das criaturas sagradas". Os anjos assim responderam devido ao temor da Majestade do Santíssimo, que está sempre sobre eles e que lhes causa ansiedade contra possíveis falhas ou erros seus em relação à honra e à santidade exigida por Sua Presença.

Onde e quando se manifestar a Presença Divina, existe o estremecimento, a comoção e o medo. Como está dito nas Escrituras (Salmos 68:9): "... a terra se abalava, e até os Céus se desfaziam em gotículas... ante a Presença do Eterno"; e (Isaías 63:19): "Que bom se abrisses os Céus e descesses; diante de Ti as montanhas derreteriam". Quanto mais, então, deveriam os seres humanos tremer e estremecer ao saber que estão sempre na presença de Deus e que, assim, não poderiam fazer algo que não estivesse de acordo com a majestosa honra do Santíssimo. Como disse Elifaz a Jó (Jó 15:14-15): "O que é o ser humano para ser considerado puro? E aquele que nasceu da mulher, para que apareça como justo? Mesmo em seus anjos Deus não confia, nem os Céus são puros a Seus olhos"; e (*Ibid.* 4:18-19): "Pois até nos Seus servos Ele não pode confiar e em Seus próprios anjos encontra defeito. Quanto mais aqueles que moram em casas de barro...". Certamente, isto deveria levar todos a sempre temer e estremecer. Nas palavras de Elihú (*Ibid.* 37:1-2): "Diante disso espanta-se meu coração, saltando do seu lugar ao ouvir a vibração da Sua voz...". Este é o verdadeiro temor que deveria sempre estar presente num Devoto e dele jamais se afastar.

Existem dois aspectos para este tipo de temor: o primeiro diz respeito ao presente ou ao futuro; o segundo, ao passado.

Em relação ao presente, a pessoa deveria sempre temer e se preocupar com o que possa estar presente no que estiver fazendo, ou no que vai fazer, que não esteja em conformidade com a honra do Santíssimo, tal como mencionado anteriormente.

Em relação ao passado, a pessoa deve temer e se preocupar com algum pecado que, inadvertidamente, tenha praticado. Por exemplo, Baba ben Buta (*Keritut* 25a) oferecia um sacrifício diário por conta provisória de alguma culpa. E Jó, após as festas de seus filhos (Jó 1:5): "De manhã cedo oferecia uma oferta de elevação na intenção de cada um, pois dizia Jó: 'Talvez meus filhos tenham cometido pecado...'". Neste sentido, nossos Sábios, de abençoada memória, comentaram em relação ao óleo da unção com que Moisés ungiu Aarão, como lhe fora ordenado fazer face à proibição (Êxodo 30:32): "Sobre carne de homem não será untado...". Eles temiam que pudessem, de alguma forma, ter violado a proibição e assim terem cometido um ato de profanação. E (*Horaiót* 12a): "Preocupado, Moisés disse: 'Talvez eu tenha profanado o óleo da unção'; ao que uma potente voz adiantou-se e disse (Salmos 133:2): 'É como o óleo precioso que unge a cabeça de Aarão e do qual escorrem gotas por sua barba... como o orvalho do Hermon'. Assim como não há profanação em relação ao orvalho que desce pelo Hermon, assim também não há profanação em relação ao óleo de unção que desce pelas barbas de Aarão. Mas, ainda assim, Aarão estava preocupado: 'Pode ser que Moisés não tenha cometido um ato de profanação, mas que eu, sim, o tenha cometido', ao que uma potente voz adiantou-se e disse (*Ibid.*): 'Como é bom e agradável que os irmãos vivam juntos e em harmonia'. Assim como Moisés não é culpado por profanação, você também não é culpado".

Vemos, assim, que é característico dos Devotos preocupar-se até mesmo em relação às *Mitsvót* praticadas, temendo que algum traço ou vestígio de impureza possa ter-se imiscuído nelas (Deus nos livre!). Abrahão, após ter acorrido em socorro de seu sobrinho Lot, que havia sido capturado, temia que suas ações não tivessem sido inteiramente puras. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Bereshit Rabá* 44:4) em relação ao versículo: "(Gênesis 15:1): 'Não temas, Abrahão' – Disse Rabi Levi: 'Pois Abrahão estava temeroso e disse: Talvez entre todos os soldados que eu matei houvesse um justo ou um que temesse os Céus', foi-lhe dito: 'Não temas, Abrahão'. E em *Tana Deve Eliyáhu* (Cap.25) está dito: 'Não temas' é pronunciado somente àquele que teme verdadeiramente os Céus". Este é o verdadeiro temor sobre o qual está escrito (*Berachot* 33b): "O Eterno, bendito seja, tem em Seu mundo um só tesouro de temor aos Céus". Somente Moisés, devido à sua intimidade e proximidade ao Santíssimo, pode conseguir isto com facilidade.

Os outros, inquestionavelmente, são prejudicados pelos elementos terrenos que são parte de seu ser. No entanto, é adequado que cada Devoto se esforce para conseguir o máximo que puder deste tipo de temor, tal como consta das Escrituras (Salmos 34:10): "Que temam ao Eterno Seus consagrados...".

Capítulo 25

A Maneira de Conseguir o Temor do Pecado

A maneira de adquirir este temor é refletir sobre duas verdades. A primeira é que a Divina Presença está em todos os lugares e que o Altíssimo tudo vê e nada pode ser escondido de Seus olhos, seja por sua magnitude, seja por sua pequenez. Grande e pequeno, magno ou discreto, Ele vê e entende indistintamente. Como está dito nas Escrituras (Isaías 6:3): ...a terra inteira está repleta de Sua glória"; e (Jeremias 23:24): "Acaso não sou Eu quem ocupa todo lugar, tanto no Céu como na terra?"; e (Salmos 113:5,6): "Quem é como o Eterno, nosso Deus, que habita nas alturas e vê o que se passa nos Céus e na terra?"; e (*Ibid.* 138:6): "Mesmo das alturas, o Eterno reconhece os humildes e adverte os arrogantes".

Quando se torna claro para a pessoa que, não importa onde esteja, ela está ante a Presença Divina, chegar-lhe-á, de forma espontânea, o temor e o estremecimento de perder-se naquelas ações que estejam em desacordo com a majestade do Santíssimo. Como está dito (*Avot* 2,1): "Conheça aquilo que está acima de você: um olho que tudo vê, um ouvido que tudo escuta e um livro no qual são inscritas todas as suas ações". Uma vez que o Santíssimo, bendito seja, para tudo olha, tudo vê e tudo sabe, depreende-se que todas as ações deixam um registro; e todas elas são inscritas num livro, sejam elas favoráveis ou contrárias à pessoa.

No entanto, esta compreensão é inculcada na mente da pessoa somente através da reflexão constante e da análise profunda, pois, por estar distante de nossos sentidos, a nossa mente somente poderá formulá-la após muita meditação. Mesmo depois de ter sido assimilada esta ideia, ela pode ser facilmente perdida se não for constantemente alimentada e submetida à nossa reflexão. Então, vemos que, assim como uma meditação elaborada é o meio de se conseguir o temor sempre presente, a desatenção e a desistência do pensamento representa seu grande obstáculo, seja em decorrência de preocupações ou intencionalmente. Toda desatenção anula a constância do temor. Como o

Santíssimo, bendito seja, determinou a um rei (Deuteronômio 17:19): "... e o terá consigo, e nele (o livro da Torá) lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer o Eterno, seu Deus...".

Isto nos ensina que o temor é aprendido somente através do estudo ininterrupto. Devemos notar que está dito "para que aprenda a temer", e não "para que tema", o que nos transmite a ideia de que o temor não é conseguido naturalmente, mas, ao contrário, ele está bem distante devido à natureza física dos sentidos e, assim, somente pode ser obtido através de estudo e aprendizado.

A única maneira de conseguirmos aprender a temer é através do constante e ininterrupto estudo da Torá e de seus caminhos; através da constante reflexão e meditação (quando estamos sentados, quando caminhamos, ao nos deitar ou ao despertar), até que se inculque em nossa mente a realidade da existência da Presença Divina em todos os lugares e que, literalmente, estamos sempre, em qualquer lugar e em qualquer tempo, em Sua presença – somente assim poderemos verdadeiramente temer a Deus. Esta foi a intenção da prece de David (Salmos 86:11): "Ensina-me Teu caminho, ó Eterno, para que eu possa andar sob Tua verdade e dedicar meu coração a temer somente Teu Nome".

Capítulo 26

O Atributo da Santidade (*Kedushá*)

A Santidade é ambivalente. Ela começa com o trabalho e termina com a recompensa; seu início é o esforço e seu fim, uma dádiva. Isto é, ele começa com a pessoa se santificando, e termina com a pessoa já santificada. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Ioma* 39a): "Se a pessoa se santifica um pouco, será grandemente santificada; se ela se santifica na terra, será santificada das alturas".

Neste sentido, o esforço da pessoa é concentrado em sua completa retirada e separação das coisas terrenas, e sempre, em todos os tempos e instantes, ligando-se a seu Deus. Por possuírem este predicado, os Profetas eram chamados de "anjos", tal como foi dito sobre Aarão (Malaquias 2:7): "Pois os lábios do Sacerdote devem guardar o conhecimento, e a Torá será buscada em sua boca, porque ele é um anjo mensageiro do Santíssimo dos Exércitos"; e (1 Crônicas 36:16): "Mas eles zombaram dos enviados de Deus, desprezaram suas palavras...". Mesmo quando estamos empenhados nas atividades físicas pedidas por nossos corpos, nossa alma não deve desviar-se de sua elevada intimidade, tal como está escrito (Salmos 63:9): "Minha alma a Ti se une; e Tua Destra me sustenta".

No entanto, por estar além da capacidade da pessoa colocar-se nesta situação, uma vez que, em última análise, ela é uma criatura feita de carne e osso, eu disse que o fim da Santidade é uma dádiva. O que a pessoa pode fazer é perseverar na busca do verdadeiro entendimento e constantemente refletir e meditar sobre a santificação dos atos e ações. No final, o Eterno, bendito seja, a colocará sobre o caminho que Ele deseja, fazendo com que Sua Santidade repouse sobre ela, santificando-a e, assim, capacitando-a a manter com Ele uma constante e permanente intimidade. Naquilo que sua natureza interferir, o Santíssimo a ajudará e a assistirá, tal como está escrito (Salmos 84:12): "...e não nega qualquer bem aos que trilham os caminhos da retidão".

Esta é a intenção da afirmação acima: "Se a pessoa se santifica um pouco", pelo que ela pode obter através de seus próprios esforços, "ela será grandemente santificada" pela ajuda que receberá do Santíssimo.

Se a pessoa se santifica com a Santidade de seu Criador, até mesmo suas ações físicas passam a fazer parte do Sagrado. Isto é ilustrado pela ingestão de oferendas dadas em sacrifício (o que, por si só, é uma *Mitsvá*) e sobre o que nossos Sábios, de abençoada memória, disseram (*Pessachim* 59b): "Os Sacerdotes comem e os donos são expiados".

Note a diferença entre aquele que é Puro e aquele que é Sacro (santo). As ações terrenas do primeiro são obrigatórias e ele é motivado pela simples necessidade, de forma que suas ações desviam-se do mal contido no materialismo e permanecem puras. Porém, este não chega à Santidade, pois seria melhor se pudesse progredir sem elas. No entanto, a pessoa que é Sacra e está permanentemente unida a Deus, com sua alma seguindo pelos caminhos da verdade entre o amor e o temor ao seu Criador, é como aquele que anda ante Deus na Terra dos Vivos, aqui neste mundo. Tal pessoa é considerada como sendo, ela própria, um tabernáculo, um santuário, um altar. Como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Bereshit Rabá* 47:8): "(Gênesis 35:13): 'E retirou-Se dele, Deus, no lugar em que lhe falou' – os Patriarcas são as carruagens Divinas"; e "Os justos são as carruagens Divinas". A Presença Divina mora com a Santidade, assim como fez do Templo Sua morada. Depreende-se, então, que o alimento que comem é um sacrifício oferecido sobre o fogo. Não há dúvida que o que era trazido para o altar era altamente elevado por ter sido antes sacrificado diante da Presença Divina, tão elevado a ponto de toda sua espécie, em todo o mundo, ser abençoada – tal como nos disseram nossos Sábios, de abençoada memória, no *Midrash* (*Tanchumá Tetsave*).

Da mesma forma, a comida e a bebida do Sacro são elevadas e consideradas como se fossem, de fato, oferecidas sobre o altar. Como disseram nossos Sábios (*Ketubót* 105b): "Quando alguém traz uma oferta a um Sábio é como se estivesse oferecendo as primícias"; e (*Ioma* 71a): "Em lugar da libação, que encha de vinho a garganta dos Sábios". Isto não quer dizer que os Sábios devem ansiar como glutões, enchendo suas gargantas com comida e bebida (Deus não permita!), mas que os Sábios, como já mencionamos, que são Sacros em seus atos, são comparados ao santuário e ao altar, pois a Presença Divina mora com eles, tal como morava no santuário. O seu consumo de comida é parecido ao oferecimento de um sacrifício sobre o altar e o enchimento de suas gargantas é como o

enchimento das bacias que ali se colocavam. Conforme este aspecto, qualquer coisa que eles, de alguma forma, tenham feito uso é elevado por ter sido usado por um justo, por alguém que está unido à Santidade do Eterno. Nossos Sábios, de abençoada memória, já tinham feito referência às "pedras do lugar" que Jacob pegou e colocou sob sua cabeça (*Chulin* 91b): "Disse Rabi Yits'chac: 'Isto nos ensina que elas se reuniram e cada uma disse: Que o justo descanse sua cabeça sobre mim'".

Em resumo, alcançar o atributo da Santidade consiste em uma união tão estreita com Deus que, em qualquer ação que a pessoa pratique, ela não abandona ou se afasta do Santíssimo; e até os objetos físicos dos quais faz uso tornam-se mais elevados pelo fato de ela os ter usado, ao invés de ela descer de seu elevado plano por ter-se ocupado com eles. No entanto, isto somente é conseguido por aquela pessoa cuja mente e inteligência se une tão intimamente à grandiosidade e à Santidade do Eterno, que é como se ela se unisse aos anjos Celestiais enquanto ainda estivesse neste mundo. Já enfatizei há pouco que a pessoa não pode conseguir isto sozinha; ela deve despertar para isto e lutar por isto. Mas, primeiramente, esta pessoa deve obter todos os nobres predicados que mencionamos anteriormente – desde o início da Precaução até o Temor do Pecado. Somente assim poderá chegar à Santidade e nela ter sucesso; pois se lhe faltarem os predicados anteriores, será como um forasteiro, o portador de uma imperfeição, sobre a qual foi dito (Números 18:4): "...e o estranho não se chegará a vós".

Porém, se após realizar todos estes preparativos, ela firmemente buscar com amor forte e grande temor a contemplação da grandiosidade do Santíssimo e o poder de Sua majestade, pouco a pouco separar-se-á das considerações terrenas e, em todas as suas ações e movimentos, voltará seu coração para a intimidade da verdadeira comunhão com o Eterno, até que lhe seja conferido uma tal elevação de espírito que o Santíssimo fará com que Seu Nome more com ela, assim como Ele faz com todos os anjos. Ela será então, de fato, como um anjo de Deus e todas as suas ações, até mesmo aquelas mais humildes, as físicas, serão tidas como oferendas e como serviço Divino.

Podemos perceber que os meios para a obtenção deste predicado consistem de muita separação, intensa contemplação e meditação sobre os segredos da condução Divina e sobre os mistérios da Criação, e a compreensão da majestade do Santíssimo e a Sua excelência, até o ponto em que a pessoa adira intimamente a Ele e seja capaz de realizar suas atividades físicas com a mesma motivação do *Cohen* quando abate um animal em

oferta de elevação, recebe seu sangue e o asperge para que possa receber do Santíssimo a bênção da vida e da paz. Sem esta orientação, a pessoa achará ser impossível conseguir o predicado da Santidade e, independentemente do nível que tenha alcançado, continuará sendo terrena e física, como todos os demais.

O que ajuda a pessoa a conseguir esta virtude é muito isolamento e separação, que, ao eliminar as pressões que agem sobre a pessoa, permite que sua alma cresça em poder e se una ao Criador.

Os impedimentos e obstáculos à Santidade são a falta do verdadeiro entendimento e a excessiva associação com as pessoas; as questões terrenas encontram sua contrapartida e assumem novas forças, fazendo com que a alma fique aprisionada, sendo incapaz de escapar. No entanto, quando a pessoa se dissocia das demais e fica sozinha, preparando-se para receber o Eterno, ela é conduzida ao longo do caminho que deseja trilhar; e com a ajuda que Deus lhe dá, sua alma cresce vigorosa dentro de si, sobrepuja seus elementos físicos, une-se com a Santidade do Altíssimo e Nela se aperfeiçoa. A partir deste nível, a pessoa prossegue para um nível ainda mais elevado – o da Inspiração Divina, com sua compreensão chegando a transcender os limites da natureza humana. É possível que a pessoa chegue a este elevado grau de comunhão com Deus, bem como a receber a chave da ressurreição dos mortos, tal como foi dado a Elias e Eliseu. É esta a dádiva que revela o poder da união entre a pessoa e o Santíssimo, pois Ele é a origem e a fonte da vida, O que concede a vida a todas as criaturas, como disseram nossos Sábios, de abençoada memória (*Taanit* 2a): "Três chaves não foram confiadas aos intermediários: a chave de ressurreição dos mortos..." – e, em assim sendo, aquele que está perfeitamente unido com o Santíssimo será capaz até mesmo de obter Dele a vida, sendo isto, como já disse antes, mais do que qualquer outra coisa, um atributo Seu. Daí a conclusão da *Baraita*: "A Santidade leva à Inspiração Divina, e esta à Ressurreição dos Mortos".

E agora, caro leitor, entendo que você sabe tanto quanto eu que, nesta obra, não esgotei todas as provisões da Santidade, e que eu não disse tudo o que tem a ser dito sobre ela; a questão é inesgotável e interminável. No entanto, tratei um pouco sobre cada uma das particularidades da *Baraita*, sobre as quais este livro se baseia. Este deve servir como início de um estudo mais amplo e profundo destes aspectos, naquilo que a sua natureza foi revelada e os seus caminhos expostos, para que possamos sobre eles caminhar com firmeza. Em relação a todas elas, foi dito (Provérbios 1:5): "Que o sábio escute e

aumentará seu saber, e o inteligente adquira a arte de dirigir"; e (*Shabat* 104a): "Aquele que procura a Purificação, nela será ajudado"; assim como (Provérbios 2:6): "Porque é o Santíssimo quem dá a Sabedoria, e de Sua boca vem o conhecimento e a prudência", donde se conclui que todo homem pode traçar um caminho reto ante o Santíssimo.

Fica entendido que cada indivíduo deve guiar-se e direcionar-se em conformidade com seus próprios apelos e atividades particulares em que estiver envolvido. O adequado caminho da Santidade àquele cuja ocupação é a Torá, pode ser inadequado àquele que é empregado a trabalhar para seu próximo; e nenhum destes caminhos pode ser adequado àquele que está empenhado nos negócios. Isto é verdadeiro em todos os negócios particulares dos homens, cada um com um caminho de Santidade correspondente à sua natureza; isto sem dizer que a Santidade varia conforme a natureza. O mesmo é inquestionavelmente válido para todos, sendo a intenção a de sempre se fazer aquilo que traz prazer ao Criador. Porém, considerando-se o fato de que as circunstâncias variam conforme as necessidades, depreende-se que os meios pelos quais eles devem ser direcionados aos objetivos desejados variam em seus tipos. Aquele que, por necessidade, exerce uma profissão humilde, pode ser um verdadeiro Santo, assim como aquele de cuja boca o estudo jamais se afasta. Como está escrito (Provérbios 16:4): "O Santíssimo fez tudo segundo Sua finalidade..."; e (*Ibid.* 3:6); "... pensa Nele em todos os teus caminhos e Ele conduzirá os teus passos".

Possa o Santíssimo em Sua Misericórdia abrir os nossos olhos à Sua Torá, ensinar-nos e mostrar-nos Seus caminhos e por eles nos conduzir, para que sejamos dignos de honrar o Seu Nome e trazer-Lhe prazer e satisfação.

"Perpétua é a glória do Eterno! Possa Ele sempre Se alegrar com o que criou".

(Salmos 104:31)

"Exulte Israel no louvor a seu Criador; que se alegrem com seu Rei todos os filhos de Tsión".

(*Ibid. 149:2*)

Amén! Amén! Amén!